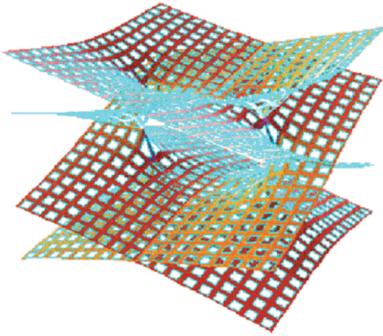


# **WUNSCH 12**

**BOLETIM INTERNACIONAL DA  
ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO**

junho de 2012



## WUNSCH

Número 12, junho de 2012

TERCEIRO ENCONTRO  
INTERNACIONAL DA ESCOLA  
Paris, dezembro de 2011

Boletim internacional da  
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

### Editorial

Aqui vocês têm em mãos o número 12 de *Wunsch*, prova da consolidação de um trabalho internacional de Escola que teve seu ponto de partida com o I Encontro Internacional de Escola em agosto de 2009 em Buenos Aires, cujo programa e trabalhos apresentados encontram-se em *Wunsch 8*.

*Wunsch 12* conserva a orientação dos quatro números anteriores, mas introduz algumas novidades.

Recolhe em primeiro lugar todas as intervenções ocorridas na **Jornada de Escola de 9 de dezembro de 2011** que, sob o título *A Escola à prova do passe*, se desenvolveu por meio de duas mesas redondas, uma das quais tratou sobre *O discernimento do passador* e a outra sobre *A aposta do AME e suas consequências*. No total foram apresentados dez breves trabalhos que deram sustentação a um amplo debate coletivo, cujo resumo poderá ser encontrado sob a rubrica **Ecos do Terceiro Encontro Internacional**.

Além disso, incluem-se algumas réplicas solicitadas aos **Dispositivos de Escola Locais** a posteriori, a fim de ampliar ainda mais o debate internacional relativo ao AME e ao passador.

A seguir vocês poderão ler alguns dos trabalhos apresentados no **Terceiro Encontro Internacional de Escola** que, sob a rubrica *A psicanálise, finais, continuações*, aconteceu nos dias 10 e 11 de dezembro de 2011 em Paris. Trata-se em realidade da apresentação do Encontro a cargo de Albert Nguyên, do trabalho apresentado por Colette Soler e das **contribuições dos AE** vigentes na ocasião: Marcelo Mazzuca e Cora Aguerre.

Seguem as imprescindíveis contribuições dos **Cartéis do passe** atualmente em exercício - 2010-2012 - as quais permitem seguir os avatares e as novidades que surgem sempre de novo no encontro com o mais essencial das análises levadas até seu final, e do que se pode constatar depois desse final.

As novidades estão reservadas para o final. Sob a epígrafe **“Você leu Wunsch 11?”** aparecem algumas réplicas de atuais membros do CIG a textos publicados em Wunsch 11, textos escritos em sua quase totalidade pelos próprios membros do CIG 2010-2012. Esta iniciativa permite trazer à luz aspectos do debate interno no seio do CIG o que além de dar conta de sua vivacidade, ao mesmo tempo o faz mais presente e transparente.

Como segunda novidade vocês encontrarão a apresentação de um **Catálogo internacional de Cartéis** de grande importância, pois reflete bem o volume e a diversidade de interesses de trabalho que habitam o Campo Lacaniano.

*Wunsch 12* se encerra com o anúncio e a apresentação da **próxima atividade internacional** da IF-EPFCL: o **VII Encontro internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano** que acontecerá no Rio de Janeiro, entre os dias 06 e 08 de Julho de 2012 .

Ana Martínez (pelo CAOÉ)

# A Escola à prova do passe

## Mesa-redonda O discernimento do passador (09 de dezembro de 2011)

**Colette Soler (França)**

### O passador

O termo *passé* inclui semanticamente referências ao tempo e ao espaço, assim como o esp de um lapso que abre o prefácio, eu o fiz valer. Ele implica uma travessia; Lacan emprega o termo e então também um tempo necessário. Entra-se nele, dele se sai.

Questão de saber qual o estofo desse tempo. Ao termo, uma conclusão é colocada, quiçá em ato, mas será ela fruto de um tempo de compreender ou de um tempo para mudar, até para renunciar? Deixo isso em suspenso.

Entra-se nele e dele se sai. Se raciocinamos um pouco às cegas, diremos que o passador nele entrou, mas dali não saiu, o passante pensa haver dele saído, e espera-se que ele diga como, no particular de seu caso.

O que se passa nessa zona do passante potencial? Toda a questão está aí, se se quer designar passadores.

Creio que é uma zona de turbulência, como se diz na navegação aérea. Turbulências há de bem diferentes tipos; alias, uma análise trata, historiciza as turbulências de uma vida, próprias a cada um. Aqui é outra coisa: trata-se de uma turbulência típica, inerente ao discurso analítico, produzido por ele, efeito da lógica de seu processo. Turbulência é o termo que escolhi para dizer esse tempo no qual se desenvolvem os afetos da conclusão em suspenso, a saber, o tormento, o luto, ou o regozijo inquieto da fase final ainda não terminada. Afivelem seus cintos, eis o que deveria ser dito ao passador, porque é ele que é sacudido nessa zona, quer ele esteja ou não em dificuldade, e, o mais frequente é que ele esteja em dificuldade. Gostaria de sublinhar esse ponto. Ele está em instância, no ponto de, em um tempo de suspense, de que? Do que vai fazer solução própria para um analisante dado.

O passante, ele, em princípio, saiu da zona, mesmo se ele pode esperar algumas outras turbulências no dispositivo. O passador é outra coisa. Enfatizo o fato que Lacan não disse simplesmente que ele está no passe, mas que ele *é* o passe. O uso do verbo ser é sempre significativo em Lacan, como quando ele diz, por exemplo, que o sujeito, ele *é* o objeto de seu fantasma.

No espaço do passe, no que se tornaram os dois parceiros? Luto para o analisante, des-ser para o analista, diz Lacan em 1967. O que quer dizer? O termo de des-ser designa uma mudança na relação de transferência, que Lacan formula em *L'étourdit* com a expressão ele é reduzido ao objeto *a*. Os americanos estigmatizaram o analista como um encolhedor de cabeças, sim, do analista, no final. O que foi eliminado nesse encolhimento? A idealização do objeto da transferência, o agalma do SsS, resta então o em si do objeto *a*, impredecável, sua pura função de causa sustentada pelo analista. Então, qual é o luto, realmente? Lutos há muitos e de gêneros diferentes. Esse luto aqui é um luto típico programado pelo processo. Ele concerne o saber como objeto. O amor de transferência é amor do saber, diz Lacan; dito de outro modo, é o saber

suposto que dá ao analista seu estatuto de objeto, e nesse sentido não é qualquer objeto, mas aquele de um novo amor. O des-ser do analista não é que o desposuamos do saber, é que com o saber adquirido pelo analisante na análise, um vislumbre foi alcançado dos limites do que posso saber, e que ainda que se o articule, é, eu cito: saber vão de um ser que se furta. Quando se atravessou o umbral de entrada de uma análise, quando se está no espaço da transferência, portanto, está-se na espera do saber, na forma muito simples de uma espera de colocar em palavras. Não em razão de um gosto particular pelas palavras, mas porque esse impulso em direção à colocação em palavras se motiva suficientemente pelo traço unário, pelo S1. E pode-se entrar mesmo se palavras houverem poucas, dito de outra maneira, mesmo se não se é muito culto, já que a dita cultura é a cultura das palavras. Almejam colocar em palavras o que se é, gostariam-se de se colocar em palavras, inteiro, com a ideia de que isso permitirá fazer-se de outro modo. Notem, porém, o que significa essa esperança de que a colocação em palavras mude alguma coisa? Ela significa que o procedimento postula, implicitamente, que se é pa-lavra, lavrados do estofado de palavras, e que se gostaria de saber... de sua lavra<sup>1</sup>. Eis a pura esperança.

E, depois, faz-se duas constatações: impossível colocar-se tudo em palavras, as palavras faltam, e é um real que decorre da própria natureza da linguagem; conseqüentemente, as palavras que me representam não me representam todo, minha pa-lavra<sup>2</sup> ainda está em questão. Mas, de outro lado, há palavras demais que eu desconhecia, que emergem de *minhalíngua*<sup>3</sup>, e fazem lapso em minha palavra, e sem fim, mesmo depois do dito fim. Palavras, portanto, que nunca se saberá, um lapso podendo sempre forçar um outro, o Um encarnado permanecendo incerto. O não sabido de minha pa-lavra<sup>4</sup> revela-se aí. Lacan falou do em-si do objeto a, seria necessário falar-se do em-si de minha pa-lavra<sup>5</sup>.

O amor do saber, o saber tomado como objeto e a esperança que ele engendra desemboca, portanto, no insucesso (há também o sucesso, mas deixo-o de lado), e aqui meço, verdadeiramente pela primeira vez, o bem fundado da escrita de Lacan, *insu que* (sic) *sait* (pronunciado como insucesso, escrito como não sabido que sabe<sup>6</sup>). Esse fato, do insucesso, motiva suficientemente um tempo de turbulência, no qual, o sujeito incrédulo não quer acreditar nos limites em questão, e ainda menos aceitar esse impasse do SsS. Então, o que faz a virtude do passador é que ele é esse não sabido que sabe, e é justamente o que permite de se o acoplar ao passante, e no modo do chiste. O chiste não é a história engraçada, ele produz um efeito de sentido no sem sentido que não é de ninguém em particular, que se transmite de um a outro, e depois ao terceiro qualquer como um universal. A condição, contudo, é a linguagem compartilhada que suplanta a particularidade de cada um. No passe, o que passante e passador compartilham, além de suas diferenças individuais, não é somente *alíngua*, é aquilo que eu chamo hoje em dia de o não sabido que sabe (*l'insu qui sait*, no original)<sup>7</sup>, quer vocês coloquem esse não sabido na conta do em-si do objeto ou do real. O passante disso fez seu sucesso, sabido que sabe (*su que sait*, no original, pronunciado como *succès*, sucesso), a ser escrito dos dois modos; o passador ainda experimenta, oscilando entre a esperança e o insucesso, saber adquirido e saber esburacado. Insucesso aí também a ser escrito como vocês quiserem. Então ele pode ficar aflito,

<sup>1</sup> (NT) No original, *que l'on est motière, fait de l'étoffe des mots, et on voudrait savoir... sa motière*, em que a autora se utiliza da palavra *mot* e *matière* (respectivamente, palavra e matéria), combinando-as no neologismo *motière* (algo como cuja matéria são palavras). Minha tradução, portanto, se dá uma liberdade não literal, mas que também joga com a literalidade e, talvez, capte algo do efeito pretendido.

<sup>2</sup> (NT) *Motière*, no original, valendo a nota anterior.

<sup>3</sup> (NT) *Malangue*, no original; uma referência à *lalangue*, normalmente traduzida por *alíngua*. Optei por manter a terminologia aqui.

<sup>4</sup> (NT) Idem com relação às referências 1 e 2.

<sup>5</sup> (NT) Idem anterior.

<sup>6</sup> Nota do Tradutor entre os parênteses.

<sup>7</sup> (NT) Por uma questão de facilidade de leitura, optei, neste parágrafo, por manter no corpo do texto as referências originais dos jogos de palavras empregados pela autora. O leitor pode, assim, manter o fluxo e apreciar a homofonia que o texto original oferece.

mais ou menos, alias, mas, sobretudo temer, angústia, que seja um mau passe, sem saída . Pois bem, sem dúvida, nada como essa inquietude, essa intranquilidade, para que ele possa apreender em pleno voo a solução que um outro que por aí passou, o passante, terá encontrado.

Resumo, portanto, para concluir o que queria dizer hoje. De passador a passante, há o mesmo problema, mas não a mesma saída. Esse problema se formula de maneiras diversas em Lacan, mas em todas as suas evocações do passe ele é situado: “saber vão de um ser que se furta”, ou impasse do SsS, ou miragem da verdade. O que fazer com essa descoberta e como suportá-la depois de toda a esperança que se depositou na transferência? É porque a resposta ainda falta ao passador, por sua dificuldade mesma, portanto, que ele será eventualmente sensível à resposta que o outro, seu passante, acreditou haver encontrado, e que ele poderá transmiti-la ao cartel. É, de fato, o modelo do chiste. Concluo, portanto, que para designar um passador, tarefa dos AME em nossa Escola, é preciso ter-se uma ideia de qual é o problema típico da fase final da análise, além dos problemas particulares que cada analisante se empenha para resolver em sua análise.

Tradução de Paulo Rona

**Elisabete THAMER (França)**

## “O discernimento do passador”

Havendo terminado minha função de passador já há algum tempo, é com um certo recuo que abordarei a questão do discernimento do passador. Distinguirei três momentos de discernimento. Três discernimentos que me parecem enodados no dispositivo do passe, mas que desenlaçarei para daí destacar uma lógica.

Primeiramente, um discernimento que chamarei prévio, um discernimento operado na própria análise daquele que será designado passador, momento de passe, e que não parece ser sempre detectado pelo analisante no momento de sua designação. Em segundo, o discernimento que está em jogo na coleta do testemunho dos passantes. Em terceiro, o discernimento face ao cartel do passe e à Escola.

Estes três momentos de discernimento são facilmente reencontrados porque eles são invariavelmente objeto dos trabalhos dos passadores que falam, ou bem acerca do impacto da experiência sobre suas próprias análises, ou da elaboração dos passes escutados, ou ainda dos efeitos sobre suas posições face à Escola. Este cruzamento é correlacionado com a função mesma de passador, função que é o ponto de junção no dispositivo do passe e de seu enlace à Escola. *A fortiori* sua designação depende da concepção que tem seu analista, um AME, do fim da análise. O dispositivo do passe engaja, assim, um boa parte da Escola : analisantes, AMEs, passadores, passantes e cartel. Leiam sobre esse assunto o excelente artigo de Jacques Adam, *Passe et garantie* (Passe e garantia), publicado no último *Mensuel*<sup>8</sup>.

### 1.) O discernimento prévio

Em um curto texto de 1974, bastante árduo aliás, a Nota sobre a escolha dos passadores, Lacan diz que para recolher um testemunho é preciso uma outra *diz-mensão* [*dit-mension*], cito-o, aquela que comporta saber que a análise, da queixa, apenas utiliza a verdade<sup>9</sup>. O que me leva a lhes falar de um discernimento prévio funda-se sobre minha experiência singular. Eu posso lhes dizer com certeza que antes de um momento de virada bem preciso em minha análise, eu não teria podido ser um passador. E por que ? Acontece que antes desse momento, a ideia que eu tinha do passe era tingida de uma mistura de desconfiança e de um vago interesse epistêmico.

<sup>8</sup> Jacques Adam, *Passe et garantie*, in *Mensuel* nº 64, novembro 2011, pp. 16-20.

<sup>9</sup> Jacques Lacan, Note sur le choix des passeurs, inédito.

Desconfiança porque à escuta ou à leitura dos testemunhos de passe, tudo aquilo me parecia um tanto suspeito<sup>10</sup>, como algo *forçado*. Eu não via como um sonho, um lapso, uma palavra ou uma letra, por exemplo, teriam podido mudar radicalmente a vida de alguém. Isso me parecia não ser verdadeiro. Não é necessário desenvolver aqui o quanto a relação à verdade contava para mim... Então, foi preciso que minha relação à verdade fosse irremediavelmente tocada, isto é, que a verdade fantasmática se desvelasse como *fixação*, o que Lacan escrevia com um  $x$ <sup>11</sup>. Esta virada se deu, para minha grande surpresa, a partir da aparição de um elemento de *lalíngua* que, desta vez, não foi capturada pelo turbilhão de sentido. Aquilo que antes me parecia suspeito à escuta ou à leitura dos testemunhos, eu havia finalmente experienciado o alcance. Neste momento preciso, a queda do postulado transferencial estava irremediavelmente consumada. Eu sabia que havia ali alguma coisa absolutamente inédita, não comparável com os alívios sucessivos que eu encontrara através de um longo percurso analítico. Eu o sabia, e eu não tinha necessidade nenhuma de que meu analista me confirmasse. Esta é a razão pela qual, quando eu recebi o primeiro chamado telefônico de um passante, foi, em realidade, uma surpresa que não era uma.

Aproveito a ocasião para relançar um debate sobre um ponto que não provoca unanimidade, me parece. Trata-se do fato de informar ou não o analisante de sua designação como passador. Eu preciso, aliás, que eu própria não fui informada por meu analista.

Eu me pergunto simplesmente qual seria a natureza desta informação, por mais cortês que ela seja! Um enunciado do tipo eu o designei como passador poderia equivaler a uma enunciação do tipo você está no passe. Qual seria o efeito desta informação?

Não pretendo trazer uma resposta a esta questão, mas levantar duas consequências: uma possível, outra necessária. Uma consequência possível é que esta informação se torne uma interpretação, o que relançaria a máquina transferencial no momento em que o analisante se dirigia para a saída. Uma consequência necessária, inevitável, é que o analisante, ao estar informado de sua designação, permaneça forçosamente à espera (e que esperal!) do telefonema de um passante, o que pode não acontecer. O que se tornaria, então, a designação que não se enoda ao ato de aceitar ou não a função?

## 2.) O discernimento do passador face ao testemunho

Espera-se do passador um testemunho justo. Parece-me evidente que um testemunho justo não seja um trabalho de transcrição *ipsis litteris* do material recolhido, nem um exercício de teorização desse mesmo material, porque esta tarefa cabe ao cartel que não pode se abster de um trabalho de doutrina, diz Lacan na Proposição de 1967<sup>12</sup>. O passador não deve se colocar tampouco como analista<sup>13</sup>.

Não há manual de instruções para o exercício de passador, cada um se virando como pode, isto é, a partir de sua própria experiência de analisante e do que pode saber sobre o dispositivo. Sendo assim, nenhum conhecimento pode eludir o real implicado nessa transmissão radicalmente singular que é o passe. Ele constitui uma prova para o passador que deve encontrar sua forma de fazer face ao transmissível e ao intransmissível da experiência. Lacan disse, mais de uma vez creio eu, que não se deve ensinar o pulo do gato [*vendre la mèche*] ao passador, ou seja, nada de *briefing*, como se diz atualmente.

É assim, sem guia ou fórmula prévios, que o passador organiza o testemunho escutado para expô-lo ao cartel. Um discernimento de parte do passador é portanto exigido. O que reter? Como organizar o testemunho?

<sup>10</sup> (NT) *Farfelu*, no original. A palavra tem o sentido de *bizarro, um tanto louco, burlesco, de uma estranheza cômica* (Cf. Le Robert Micro). Optamos pelo termo *suspeito* na medida em que a autora ressalta sua *desconfiança*.

<sup>11</sup> Jacques Lacan, *L'étourdit*, in *Autres écrits*, Paris: Seuil, 2001, p. 483.

<sup>12</sup> Jacques Lacan, Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École, in *ibid.*, p. 256.

<sup>13</sup> Ver Jacques Lacan, À propos de l'expérience de la passe et de sa transmission (novembro de 1973), in *Ornicar ?* 12-13, Sur la passe, p. 123.

Em minha experiência, recolhi três testemunhos, e um fio lógico se destacou muito naturalmente de cada um deles. Minha tarefa foi então facilitada, mas eu imagino que este não é o caso sempre.

Parece-me que a forma pela qual a análise do passador se desenlaça pode interferir diretamente na maneira de recolher e de organizar um testemunho. Pode-se considerar que, conforme o ponto onde o passador está em sua análise, ele pode privilegiar, por exemplo, o romance familiar relatado pelo passante em detrimento de emergências do real do qual ele não apreende o alcance, ou vice-versa, ou seja, como eu mesma o vivi em minha experiência e sobre a qual eu já lhes falei em Roma. O primeiro testemunho que eu recolhi, ainda no vivo e no entusiasmo do alcance daquilo que se passava comigo em minha análise, eu o compreendi muito rapidamente. Um acontecimento real, central neste testemunho, havia sido de tal evidência para mim que eu não procurei apreender as coordenadas do que ele havia podido modificar naquele sujeito. Resultado: diante do cartel, isso não fazia demonstração. Vemos aqui como, ao discernimento do passador, se enoda inelutavelmente sua própria experiência analisante.

Porém... Porque há um porém, e este é o genial do dispositivo de Lacan: cada ator do dispositivo é descompletado pelo outro. De uma parte, há um segundo passador; o outro passador poderia apreender, ele, alguma coisa do que teria me escapado, ou que teria sido impregnada de um resto sintomático qualquer de minha parte. De outra parte, o que o passador transmite ao cartel, o que aí ressoa, vai sempre além do que seu testemunho enuncia. É esta, aliás, a visada do passe: que um dizer se demonstre. Um dizer que se define exatamente por *ex-sister* aos ditos, e que, no passe, fará prova da emergência de um desejo inédito.

Aliás, eu me perguntei: porque o passe não se tornaria uma espécie de telefone sem fio? Eis um exemplo: por ocasião de um seminário de Escola, eu escutava uma colega que havia sido membro de um cartel do passe diante do qual eu havia testemunhado. Passe que, ademais, havia conduzido a uma nomeação. Ela evocava em sua exposição alguns elementos da história do passante, e eu me pus a pensar: não foi exatamente assim que eu contei essa história! Este pensamento teve um efeito de *Witz* para mim, fazendo-me sorrir imediatamente. Por que? De uma parte: porque aquilo que eu havia contado ao cartel era provavelmente, também, uma declinação do que o passante pensava me haver transmitido. De outra parte, porque este pequeno toque de telefone sem fio concernente ao relato do passante e que, neste caso, era tão somente um detalhe, não tinha reduzido em nada a convicção engendrada pelo testemunho. Este pequeno evento foi para mim uma confirmação a mais de que o que faz prova é um dizer que se demonstra além do relato.

### 3.) O discernimento do passador face ao cartel

É no encontro com o cartel que a experiência do passador se completa: não somente porque ele deposita ali o que ele recolheu do passante sem participar da decisão do cartel, mas também porque o passador encontra então, ele, de alguma forma a Escola. Ele pode, nesse momento, constatar a partir das questões que lhe põe o cartel, por exemplo, que nós não estamos todos no mesmo diapasão sobre o passe, nem sobre a compreensão do que sanciona um fim de análise. Na minha experiência, foi somente após ter encontrado o primeiro cartel e ter me engajado mais no trabalho de nossa comunidade que eu realizei que o Outro da garantia da Escola não existe. Era, para mim, a queda do cartel suposto saber, expressão de Maria Luísa Rodriguez Sant'Anna em Roma<sup>14</sup>, e que considero bem feliz. A consequência imediata foi que isto, em lugar de me desesperar, tornou mais leve minha tarefa. De um lado, eu tomei o tempo de considerar, na medida do possível, o que poderia eventualmente ser importante para o trabalho do cartel, não hesitando em solicitar precisões a um passante sobre um ponto que me parecesse pouco claro, ou lhe perguntando se ele tinha alguma coisa a dizer sobre um aspecto que ele não tivesse evocado espontaneamente quando de seu testemunho; de outro lado, eu me

<sup>14</sup> Maria Luísa Rodriguez Sant'Anna, *Un savoir sans sujet supposé*, in *Wunsch* nº 10, Deuxième Rencontre Internationale d'École, janvier 2011, p. 40.

senti mais preocupada pelo trabalho da Escola, convocada a nela depositar minha pequena contribuição.

Aproveito, igualmente, a ocasião para abordar outro ponto, digamos, prático. Parece-me evidente que há uma temporalidade própria à função de passador, o qual está no vivo do desenlace de sua própria experiência de analisante, vivo que não dura eternamente. Há, aliás, uma questão prática que o secretariado do passe tem a gerenciar, notadamente a equação entre o número de demandas de passe e o número de passadores. Por um lado, um passador não se improvisa, e por outro não se pode dizer a um passante que ele será inscrito em uma fila de espera. Há urgência. Mas, me parece importante que o secretariado do passe não perca jamais de vista o tempo dos passadores no dispositivo, assim como o número de passes por passador. Este é bem o caso, disto estou segura. Se eu o assinalo aqui, é devido à faca de dois gumes existente no fato de permanecer por muito tempo na função, ou de recolher um número muito importante de passes. Não somente porque esse vivo passa. Mas também porque, se o passador se torna um passador sério no sentido de série, ele terá sem dúvida um ganho epistêmico considerável, mas ele se arrisca de aprender o que supostamente deveria ser transmitido. E neste caso, há a ameaça de que o passador se torne um funcionário do dispositivo.

A experiência do passe instaura no coração da Escola o que está no horizonte de cada análise – a falta fundamental do Outro da garantia, a impossibilidade de dizer o verdadeiro sobre o real, os impasses da transmissão. Não devemos tentar remediar estes impossíveis mexendo no dispositivo, como se o pouco de nomeações fosse signo de que falhássemos em alguma coisa na qual poderíamos não falhar. O alvo do passe sendo antes de tudo impedir que os analistas esqueçam o ato que funda sua prática. Claro, o passe é uma garantia precária, e isto pode parecer um paradoxo. Mas, conforme Lacan em seu Discurso à EFP, era exatamente deste precário que ele esperava que se sustentasse o analista de sua Escola<sup>15</sup>.

*Tradução de Graça Pamplona (com revisão da autora)*

## Frédérique DECOIN-VARGAS (França)

# O discernimento do passador

Por que não dizê-lo? Eu fui muito feliz em minha experiência de passadora, assim como eu estou muito feliz por me terem oferecido a ocasião de falar desta experiência pela primeira vez hoje. Não que a aventura tenha sido sem tropeços<sup>16</sup> e sem desilusões, mas era, na verdade, uma aventura, e permanece inesquecível.

### *A designação*

De início, há o orgulho de ser designada passadora. Ainda mais quando faz 12 anos que se tem o seu analista em boa conta [“à la bonne”]. Graças a ele estamos quase saindo de uma situação dolorosa, aconselhamos todo mundo a ir vê-lo, o detestamos às vezes por nos ter abandonado, por não ter confiado em nós e eis que ele nos designa.

Então, podemos estar orgulhosos como uma criança de 2 anos à qual os pais confiam cerimoniosamente a tarefa de ajudá-los a por a mesa. Há, de início, a jubilação por fazer parte dos “grandes”, em seguida, vem a prudência e a seriedade necessárias à realização desta pesada tarefa.

Do ponto em que eu estava em minha análise naquele momento e do valor interpretativo do ato de meu analista, infelizmente eu não me lembro mais. O que me parece ser uma

<sup>15</sup> Jacques Lacan, Discours à l'École freudienne de Paris, in *Autres écrits, op. cit.*, p. 271.

<sup>16</sup> (NT) *Embûches*, no original: dificuldades que se apresentam como armadilhas (Cf. Le Robert Micro)

recordação, mas que talvez seja apenas uma reconstrução *a posteriori*, é que esta designação me parecera como a legitimação de minha transferência à Escola. Meu analista tomara em consideração uma questão que me trabalhava já desde muito tempo: a questão do final da análise e o passe.

Vinda à análise com a queixa de jamais concluir o que eu começava, efetivamente, eu me via, de novo, a idealizar fortemente a saída, ainda que isso não acabasse e que a experiência se produzisse.

Assim, o conhecimento que eu tinha do dispositivo do passe na Escola sustentava há muitos anos meu desejo de analisante. Em que momento tornara-se isto tão importante? Hoje eu me coloco a questão. Penso, ao olhar mais de perto, que o passe tornou-se indispensável para mim a partir do momento em que a análise começou a produzir o insuportável, isto é, sem dúvida, a desvelar o real. Eu sabia que era um mal necessário, até mesmo salutar, e para me convencer disso, havia o passe. A cada momento de intensa angústia e/ou desespero gerado pela análise, eu lia e relia a coletânea de textos sobre o passe intitulada “*Retour à la passe*” [“*Retorno ao passe*”], e me dizia a cada vez que, se eu sofria tanto, ao menos isso não era para nada, é que eu estava no passe, com os efeitos liberadores que este parecia implicar! Salvo que isso não era nunca exato e que meu analista encontrava, sempre, o meio penetrante de me dizer: “a análise não acabou...” (que é preciso entender com o tom “como você mesma constata”, e eu apenas podia constatá-lo efetivamente).

O passe me acompanhou, pois, durante um tempo muito longo e a imagem que me vem é aquela do ônibus que a gente espera. O passe, para mim, foi como quando esperamos um ônibus, nós o esperamos a partir de um certo tempo, um tempo suficientemente longo, e ele não chega nunca; pensamos em partir, mas nos dizemos que seria lamentável ir embora agora, que certamente ele vai chegar logo e que não esperamos todo esse tempo para acabar a pé, na chuva, e se ele chegar justamente quando formos embora.

Eu me dizia: depois de todo esse tempo em análise, seria uma grande besteira partir com este tipo de fim, este fim que sentimos que não é um fim, mas justamente uma parada na cronologia do encontro com o analista. Ser passadora me deu vontade de continuar mais ainda, o ônibus, forçosamente, chegaria muito em breve, em alguns segundos, alguns segundos que até hoje duraram 3 anos...

### *O passador analisante*

Orgulho, contentamento, satisfação... 6 meses passam. Depois, subitamente, a primeira passante irrompe em seu cotidiano.

É, de fato, lavando a louça que eu recebo a primeira chamada telefônica após sorteio. Há algo um pouco angustiante neste surgimento bem no meio do que a vida pode oferecer de mais prosaico. No fundo, quando se é passador, não se escolhe jamais o momento.... Não se escolhe jamais o momento de ser designado, não se escolhe o momento do sorteio e do início do processo; é assim até a transmissão ao cartel. É uma experiência que é tudo, menos confortável, que nos afasta da ilusão do “*prêt-à-porter*”<sup>17</sup>, em nenhum momento se trata de estar pronto [*prêt*], quando se diz sim, não é que se esteja pronto [*prêt*], talvez se esteja simplesmente pronto [*prêt*] para dizer sim.

O passador diz sim a uma experiência que o designa no ponto onde ele está em sua relação de alienação/separação ao Outro. O avanço na análise permite-lhe aceitar jogar o jogo de uma situação na qual o imaginário tem pouca influência (nenhuma representação, nenhum modelo) e onde a garantia que o Outro poderia oferecer é afetada.

Pois, se a neurose lhe permite se sustentar com um “seguro-de-vida”, a saber, com um Outro que ela, alegremente, faz consistir na fantasia e que, por mais desprazeroso que seja,

<sup>17</sup> (NT) A expressão *prêt-à-porter* tem o sentido de *vestimentas de confecção* portanto, prontas para levar, sendo o oposto de *roupa sob medida* (Cf. Le Robert Micro). Como a expressão consagrou-se no mundo da moda, e é largamente utilizada em português, mantivemos o termo em seu original.

conduz sempre ao conhecido, ao sólido, ao solidário, a responsabilidade do passador e seu engajamento supõem, ao contrário, sua solidão. Há dois passadores, certamente, porém cada um deve estar ali, e ainda que O Outro traga uma palavra de desculpa a fim de justificar sua ausência, o encontro terá sido faltoso.

O “discernimento” de seu analista o lançou nesta experiência, sem dúvida ele não se enganou, mas a “placa sensível” não passou ainda de um Outro ao outro, não se demitiu ainda de seu gozo mortífero. A placa é movediça, o que não é sem falha.

Assim, *a posteriori*, eu me pergunto se um incidente que aconteceu durante o processo, em um momento em que eu devia transmitir um dos testemunhos, não foi a expressão sintomática de minha alienação ao Outro sob a forma de um ato falho. Eu estava grávida e uma patologia da gravidez, da qual eu ainda não tomara conhecimento, encontrou o meio de se manifestar alguns dias antes do encontro com o cartel, obrigando-me a uma hospitalização de urgência.

Quando os médicos me anunciaram que eu só poderia sair dentro de alguns dias, para mim foi uma catástrofe a ideia de não poder comparecer ao encontro com o cartel. O cartel, de seu lado, se empenhou com tenacidade em buscar soluções para que o encontro tivesse lugar antes da data limite, a saber (a dimensão internacional do passe obriga...), antes do retorno do “mais-um” ao Brasil. Uma solução parecia permitir uma saída... Mas os médicos, diante de minha imensa inquietação, decidiram de outra maneira! Adiado a data da saída, eles tomaram a decisão. O encontro tornava-se impossível. Que alívio!... O Outro estava lá novamente, eu não estava mais sozinha: não, você não deve sair! Você não tem o direito! Para a cama! Eu continuava a nada escolher, mas eu estava de novo em lugar conhecido. Que delícia esta impotência...

De fato, o passador é um analisante que, como Lacan diz do ensinante que emana do discurso psicanalítico, é levado “a não produzir nada de controlável, malgrado a aparência, senão a título de sintoma” (“Alocução sobre o ensino”, in *Outros escritos*)

O passante, ele também, é um analisante quando vem falar ao passador: “É com eles [os passadores] que um psicanalista, para se fazer autorizar como analista da Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles saberão colher pelo vivo mesmo de seu próprio passe será daqueles que nenhum júri de habilitação jamais recolhe...” (“Proposição sobre o psicanalista da Escola”)

Permito-me sublinhar isto que concerne à dimensão de transmissão da psicanálise que é esperada do Analista da Escola. Isto que o analisante que demanda o passe tem que provar é que há “do” psicanalista (“o ato psicanalítico”), a saber, que seu ato se fará de um lugar de objeto. Entretanto, o que ocorre é que esta prova só pode ser enunciada a partir de um dispositivo no qual ele é analisante, isto é, de um discurso que põe o sujeito dividido no lugar de agente. Se não é como analisante que o passante vem testemunhar, haverá, sem dúvida, pouca chance para que alguma coisa seja apreendida de seu desejo de analista. Parece-me, assim, que um passante que seria nomeado AE teria feito não somente a prova deste desejo, mas ofereceria também a garantia de uma transmissão da psicanálise que seria uma transmissão analisante, ou seja, não-toda.

O passador analisante não está no ponto do analisante passado a analista, ele transmite com seu sintoma, eu diria mesmo malgrado seu sintoma, o que implica o risco de se “desonrar por deixar a coisa incerta”, o passo que é justamente este sintoma que o analisante passado a analista deseja transmitir. O desejo que advém para ele é de fazer desse sintoma “causa de seu horror de saber”, uma causa, sua causa.

### *O discernimento*

Transmitir com seu sintoma é perigoso. Isso me conduziu, eu o disse mais acima, ao encontro faltoso, ao ato falho, mas o risco que pode resultar também daí é a falta de “discernimento”.

O termo “discernimento” escolhido como título de nossa mesa-redonda me pareceu bastante pertinente desde o instante em que eu li a definição precisa, destacada no programa. Conforme o “Petit Larousse”, “discernimento” é “a faculdade de julgar e apreciar com justeza; senso crítico”. No sentido literal é “a ação de separar, de discriminar”, etimologicamente “*discernere*” significa “separar”.

Esse termo, em seu sentido literal de “separação”, entrou imediatamente em ressonância com o que eu estava descrevendo sobre o processo de coleta, de construção e transmissão dos testemunhos.

Para cada passe foi preciso fazer prova de discernimento, isto é, houve efetivamente que proceder à ação de separar, correlativa daquela de “se” separar.

Nós o vimos, a questão da separação está em jogo na escolha do passador, posto que este é designado em um momento em que alguma coisa se passa de uma desalienação ao Outro e que faz vacilar a visada agalmática que era até então o ponto de mira (miragem) onde se alojava sua verdade. Deste fato, o passador está, *a priori*, “em passe” [*en passe*] e é ali que é esperado, me parece, que ele se separe do objeto que lhe é transmitido a fim de poder transmiti-lo por sua vez. Não é no dia da transmissão ao cartel que essa separação se dá, mas bem antes, no tempo em que isso trabalha.

Eu havia optado por tomar o máximo possível de notas, era para mim uma passagem obrigatória. Conhecendo minha inclinação ao esquecimento e desejando ter o texto dos passantes o mais perto possível de seus enunciados, parecia-me, com efeito, enormemente preferível guardar um traço escrito.

Essas anotações foram, em um primeiro tempo, um esforço de domínio, mas eu me dou conta *a posteriori* (a saber, no momento em que escrevo) que elas me permitiam, também, relaxar. Sabendo que eu tinha anotações relativamente confiáveis, eu pude cuidadosamente guardar meus cadernos durante meses, até que um membro do cartel nos prevenisse da data da transmissão. Então, eu reli minhas notas entre os dois testemunhos que tive para cada uma das 3 passantes, uma vez após, em seguida, eu deixei “marinar”<sup>18</sup>. E foi quando eu soube a data do encontro com o cartel que eu me lancei seriamente em uma construção, reconstrução, mais ou menos necessária de acordo com os passes.

Hoje, penso poder dizer que isso que eu fiz intuitivamente há 3 anos, a saber, este deixar ao lado [*mise de côté*] os textos era por em ação [*mise en acte*] uma tendência que eu adquirira tanto na experiência de minha análise, quanto na minha formação psicanalítica em nossa Escola. O perder-me<sup>19</sup> nos conceitos lacanianos transmitidos pelos ensinantes e não por professores [*profjs*], me conduzira, efetivamente, a me deixar impregnar... A escutar sem compreender, a ler sem apreender, a extrair aqui e ali o que ressoa, a aceitar esquecer. Eu adquirira, ali, uma confiança no diletantismo, constatando que, pouco a pouco, nesse banho de dizeres e de escritos, articulações se constituíam e, ademais, se verificavam na clínica.

O fato de reler minhas notas e trabalhá-las meses após os testemunhos, me permitiu, no momento em que foi desejado, viver achados com certos textos. E, inegavelmente, esses achados [*retrouvailles*] me abriram a invenções [*trouvailles*].

Devo dizer que para um dos passes, o testemunho estava tão construído que eu o transmiti ao cartel em sua estrutura, esta me parecendo significativa, sem que esse tempo de ruptura fosse particularmente operante. Para um outro passe, os achados me permitiram extrair um “fio condutor” em um discurso que era da ordem da associação livre, mas foi para um passe, em particular, que esta maneira de proceder evitou que eu sucumbisse à fascinação

<sup>18</sup> (NT) *mijoter*, no original. Significa cozinhar lentamente; preparar o alimento com cuidado; amadurecer, preparar com reflexão e discrição (Cf Le Robert Micro)

<sup>19</sup> (NT) *L'égarement*, no original. Do verbo *égare* – ‘colocar alguma coisa em um lugar que se esquece, perder momentaneamente; perder; perder-se (quando pronominal); perder o caminho’. O substantivo *égarement* corresponde, em sentido literário, a ‘estado de alguém que se afasta do bom senso, desordem, desregramento’. (CF. Le Robert Micro)

totalmente imaginária e me permitiu destacar os afetos produzidos. Se não tivesse sido este o caso, eu teria passado ao lado da transmissão.

Pois o esquecimento provocou a surpresa, o espanto, isto é, um descolamento. Eu me encontrei indecisa diante de minhas anotações que me pareceram, subitamente, de uma “inquietante estranheza”. O que surgia do relato biográfico da passante era, como eu pensava me lembrar, uma ação real, ou bem tratava-se de uma cena fantasmática, o que me parecia neste instante o mais provável? Faltavam elementos em minhas anotações para corroborar um ou outro registro, mas, a mim, me parecia lembrar bem que não era fantasmático, no entanto, só podia ser... Em resumo, a incerteza dominava, entretanto eu realizava o quanto a questão de distinguir, aqui os registros, era imensa.

Sem essa dúvida ligada às lacunas de minhas anotações, mas principalmente ao esquecimento suposto, suposto pelo fato do tempo escoado entre a coleta dos testemunhos e a releitura, sem esta dúvida, então, não é seguro que um afastamento teria se cavado em minha percepção. Esta incerteza acentuou, com efeito, um real que perturbou meu ponto de vista sobre o que tinha sido transmitido e me tornou certa do essencial.

Eu transmiti ao cartel o meu espanto e o que permanecia do surgimento dessa dúvida, e como nós estávamos com o outro passador, lado a lado, eu pude escutá-lo “confirmar” de maneira bastante confiável o que atravessava este testemunho. O mínimo que se pode dizer é que eu não estava orgulhosa dessa transmissão ao cartel, rigorosa em certos aspectos, mas também furada e claudicante.

Eu não me achei francamente “brilhante” diante dessa reunião de psicanalistas dos mais “brilhantes”, mas um sonho produzido neste momento me conduziu ao essencial e contribuiu, penso eu, para modificar minha posição *vis-à-vis* de meu engajamento pela psicanálise.

Nesse sonho, justamente, eu tinha feito uma transmissão muito brilhante ao cartel, verdadeiramente excepcional, todo mundo o dizia... O passante (era um homem) havia sido designado AE (o que não foi o caso para nenhuma de minhas passantes) e todo mundo se regozijava. Salvo que eu começava a me arrepender muito por ter sido tão brilhante, pois eu me dava conta de que o passante designado talvez não fosse tão capaz de ter este lugar na Escola. A soberba do qual eu fizera prova tinha sido bem enganosa e eu a lamentava amargamente.

Se eu me lembro desse sonho enquanto que eu esqueci muitos outros, é que ele me indicava que, justamente, eu não tinha me enganado. Eu não tinha sido, certamente, brilhante nesse último passe, mas o essencial tinha passado e era isso que importava no fundo. Assim eu estava reconfortada nesse modo de transmissão que eu havia explorado como passadora. Penso que meu engajamento na Escola encontrou-se enraizado de outra maneira.

De modo mais abrangente, o lado “per-versão/pai-versão” [“*père-version*”] do sonho nos indica talvez que, ao se desfazer do amor ao pai, a histórica pode vir a entrar em um discurso outro, um discurso que faz laço a partir de um impossível.

*Tradução de Graça Pamplona*

## Béatrice TROPIS (França)

### Passador de testemunhos...

### passando (*pas-sant*)<sup>20</sup> efeitos...

Há alguns anos, um “algo não vai bem”, difícil a suportar, a superar, penetrou violentamente em minha vida.

---

<sup>20</sup> (NT) *Pas-sant*

Diante desse desmoronamento subjetivo, queria falar com alguém, ser ouvida, com o objetivo de ser aliviada daquele sofrimento, obter uma resposta para aquilo que me acontecia.

Não sabendo a quem recorrer, pedi uma indicação a uma profissional com quem havia se instaurado uma transferência de trabalho. Marcaria, então, um horário com um psicanalista.

Esse encontro com a psicanálise foi decisivo em minha vida.

De ano em ano, de sessão em sessão, ao longo do tempo com o desfilar dos males e das palavras<sup>21</sup>, de decifração em decifração, de ato analítico em ato analítico, meu sofrimento psíquico vai progressivamente se acalmar e se abrir na direção de um trabalho analítico.

Essa experiência como analisante conduziu-me ao interesse pela psicanálise em sua exterioridade ao tratamento.

Participei, então, de conferências, de cartéis,..., onde, entre outras, a questão do passe era debatida sem, portanto, se tornar uma questão para mim. Ela permanecia do lado de um ideal.

Fiz dois períodos de análise com dois analistas diferentes.

Desde o primeiro encontro com o segundo analista, e para a minha grande surpresa, a questão do passe vai surgir.

Alguns anos mais tarde, com o transcorrer do tratamento, um sonho fundamental irá se produzir. Fundamental, pois, efeito de verdade.

Esse sonho vai levantar o véu sobre um real, desvelando aquela que era a minha posição na fantasia.

O que é então “entre-apercebido”,<sup>22</sup> o espaço de um instante, meu analista, por sua intervenção vai ao ato, pontuando assim o efeito de verdade experimentada.

Esse encontro vivo vai produzir uma mudança no curso de minha análise e abrir a uma vacilação subjetiva, um momento de travessia.

Portanto, se o encontro com esse “vivo”, com esse “instante de ver”, vai dinamizar, pulsar o trabalho analítico, um retorno ao adormecimento, ao “rom-rom”,<sup>23</sup> a uma “satisfação do bla-blá” virá em seguida.

Até o dia em que seria acordada por um telefonema de uma passante anunciando que ela havia me sorteado como passadora.

Esse efeito de surpresa, no instante do anúncio, produziu uma perturbação, um entusiasmo tão grande que o consentimento se impôs por si mesmo. Eu não media naquele momento as implicações desse “sim” nem aquilo que seria engendrado como efeitos.

Essa designação e meu consentimento tiveram não somente um efeito de relance no meu tratamento, mas despertaram também um desejo de saber. Desejo que vai interromper a busca de sentido infinito, a decifração do saber inconsciente no qual eu estava então bem instalada.

Assim, desde a primeira sessão após o telefonema, um questionamento e um movimento de “retorno” ao meu trajeto analítico vão se impor para mim.

Esse “vivo” encontrado no sonho vai então “re-soar” novamente no meu dizer. Ressonância que vai fazer, de maneira diferente, um giro no curso do meu tratamento produzindo notadamente uma depuração, uma releitura a partir desse ponto.

Era reencontrar, retornar a esse momento de passe para tentar discernir aquilo que se produziu naquele instante para tentar agarrar pequenos pedaços de saber.

Eu queria saber em que, e aquilo que fazia com que meu analista considerasse que do ponto onde eu estava no meu tratamento, eu podia me fazer passador de um real em jogo na experiência de um outro.

Após o anúncio e antes do primeiro encontro com a passante, eu me lancei em encontros com outros passadores e em leituras teóricas.

---

<sup>21</sup> (NT) No original *au fil des maux et des mots*.

<sup>22</sup> (NT) No original *entr'-aperçu*.

<sup>23</sup> (NT) Ronronar.

Eu procurava um saber, eu buscava me reassegurar, pois eu estava diante da dúvida, do medo de me enganar, de não conseguir. Eu queria encontrar uma garantia colocando-me em conformidade, me colando ao que dizia a Escola sobre a função do passador e do passe.

Esse trabalho não me trouxe de maneira alguma “A” resposta esperada e teria mesmo um efeito inverso daquele esperado. Eu seria então invadida pela ideia de não estar à altura, de não saber mais nada, mas também atravessada por múltiplas questões.

Como, desse lugar de passador que está no momento de passe, “escutar”<sup>24</sup> (concentrar todas as faculdades de atenção e reflexão) o passante que está em um tempo outro, para além? Como referenciar a mutação que o passante atravessou no fim da análise?

Desde o primeiro encontro com a passante um desejo vivo vai surgir colocando um término a todas as elucubrações, à minha busca de saber e vai dar lugar ao vazio.

Eu não procurava mais dar um sentido, ao contrário, buscava me descolar dele. Não procurava compreender, mas agarrar a música, o movimento, o ritmo para transmitir sua solução.

Esse efeito de segurança reencontrada e não de ser reassegurada me permitiu deixar o abrigo desse Outro do saber que eu havia construído para mim mesma. Ele permitiu também que eu me desalojasse de querer fazer um copiar-colar da teoria para a clínica da passante e assim de aceitar me deixar surpreender, aprender, guiar pelo testemunho.

Desprendida da doxa teórica, eu acolhia os dizeres da passante apoiando-me nos efeitos subjetivos experimentados por ocasião dos nossos encontros.

Da mesma forma, eu entendia, a partir das respostas da passante que as questões apressadas que eu lhe colocava não eram sem ligação com as minhas próprias interrogações. Eu buscava no seu testemunho uma resposta para: o que é o desejo do analista? Apenas isso!!!

Ao longo dessa experiência de passador, eu ouvi o testemunho de dois passantes com alguns meses de intervalo e encontrei o mesmo cartel do passe.

Essa função de passador para a qual eu havia colocado tantas questões, que despertou a inquietude e que me sustentou por ocasião de um encontro com o real, vai traçar em mim uma marca indelével.

Esse trabalho de escuta, de escrita, de transmissão, não somente impulsionou, dinamizou minha análise, notadamente a partir das questões que essa função de passador fez emergir, mas também fez uma ligação com a Escola para além do vínculo transferencial analista-analisando.

A nomeação pelo cartel do passe de um dos dois passantes suscitou um vivo interesse. Notadamente um desejo de testemunhar a experiência de passador, mas também, um desejo de saber, tentando retrair, retomar a partir do texto da passante, aquilo que fez nomeação e por que?

É nas idas e vindas entre o testemunho, os textos de Lacan e os textos ricos de ensinamentos dos membros do cartel do passe que segui meu caminho.

O passante vem testemunhar a sua história íntima diante de um passador não conhecido dele.

O passador ouve um passante também desconhecido. Portanto, esse encontro entre dois desconhecidos no dispositivo do passe abre-se sobre um dizer livre, sem pudor, sobre uma confiança espontânea.

Se até então eu pensava que a história íntima de cada um só poderia ser falada no mundo fechado do tratamento, aí, eu teria a experiência de que ela pode se tornar um testemunho diante de outras pessoas e fora do vínculo transferencial com o analista.

A escuta de outras histórias singulares que saem da intimidade do tratamento, desprendidas, distanciadas de toda dimensão dramática para fazer-se transmissível a outros teve como efeito desdramatizar, de-sacralizar minha própria história, minha própria construção fictícia.

---

<sup>24</sup> (NT) No original, *en-tendre*.

Esse trabalho de passador terá como efeito fazer cair aquilo que era minha reserva pudica. Eu me sentiria menos aprisionada nessa ficção sacralizada que eu me contava como uma verdade. Um começo de distanciação, de separação da minha história, do universo íntimo do consultório se tornará assim possível.

Participar no dispositivo do passe esvaziou o ideal que eu havia construído para mim mesma. Ideal no qual eu permanecia muito tranquilamente confinada, pois ele tornava então o passe inacessível. Assim, a escuta do trajeto analítico dos passantes permitiu fazer vacilar e cair algumas das minhas representações imaginárias, paralisantes e inibidoras.

Da mesma maneira, a função de passador e o avanço do trabalho no meu próprio tratamento produziram uma mudança na minha relação ao Outro.

A função de passador nos reenvia, de fato, a isso. Por um lado, temos a experiência de que não há um modelo único, padronizado, que garanta essa função. Por outro lado, o passante está em um tempo outro, um passo além em relação ao passador.

Ouvir em seu testemunho alguma coisa da ordem de uma in-consistência, onde seus dizeres não estão mais submetidos à demanda do Outro, fez um corte no meu apelo ao Outro, corte na minha espera de receber do Outro minha própria consistência.

Essa confrontação com seus dizeres foi um ponto de apoio na transmissão feita junto ao Cartel do Passe.

Falando a partir daquilo que escapa ao saber, eu não buscava mais fazer consistir um Outro detentor do saber.

Enfim, desde o acolhimento feito individualmente pelos membros do Cartel, eu me sentia duplamente aliviada e liberada da minha demanda de validação pelo Outro.

Essa experiência feita de encontros simples e intensos permanecerá inesquecível. Cada um deles foi de uma sinceridade e de uma humanidade tal que eles abriram... minha própria demanda de passe. Ao mesmo tempo, se o encontro com os passantes teve efeitos vivificantes, no meu tratamento havia precipitações e chacoalho, eu permanecia sempre numa hesitação fugitiva no que dizia respeito a minha demanda de passe.

É o encontro com um evento externo, o encontro de um real, que vai fazer a abertura ao ato e fará desaparecer meus eternos adiamentos.

Isso me “de-passou”, isso se impôs, “Eu” não era o autor daquilo.

Essa decisão, tomada num lampejo, vai marcar um antes e um depois. Naquele instante, eu não me fazia pergunta alguma, nenhuma dúvida estaria presente,..., haveria, acima de tudo, um efeito de alívio, de queda da angústia.

Essa “*tyché*” eu só poderia endereçá-la à Escola, eu queria partilhar com os outros minha experiência de análise, marcando assim um “para-além” do tratamento.

Após o atravessamento dessa experiência no dispositivo do passe como passador, e em seguida como passante e para além da minha intervenção no Encontro Internacional da Escola, eu gostaria de concluir falando daquilo que vem pontuar uma experiência de passe: a resposta de não nomeação feita ao passante.

Após a resposta do Cartel do Passe, a possibilidade oferecida ao passante de encontrar um de seus membros é essencial.

Explicitar os pontos referenciados pelo Cartel que não permitiram proceder a uma nomeação, elaborar e enviar uma resposta singular que inclui um dizer que faz abertura e portanto após a experiência, não é sustentar o passe na Escola?

*Tradução de Fernando Silvério Alves*

Trinidad SANCHEZ-BIEZMA LANDER (Espanha)

## O passador simples escriba

Há alguns meses atrás escrevi sobre a contribuição do cartel do passe número 2 passe do qual era membro, um pequeno trabalho intitulado O ofício do passador, onde dizia: Este momento particular que a nomeação de passador pontua ... é, no meu entendimento, importante resgatá-lo, inclusive seria interessante, haveria interesse em que a Escola dedicasse um tempo para discutir isso, porque nomear um passador é nomear um momento constituinte da análise, que é um de-ser, e é também importante porque destaca a intervenção de um analista... Então é um tempo que resgata uma virada e uma interpretação. Nunca melhor dito, um não sem o outro.

Hoje agradeço à Escola que se dê esse tempo e que me permita, além disso, apresentar – lhes um pequeno escrito, que tem como única ambição iniciar um debate que nos permita examinar o que temos feito do passe de Lacan e, em particular com a sua evolução, já que sabemos que se trata de uma experiência que está sempre elaborando-se. Porque é nossa responsabilidade indagar sobre os efeitos coletivos do passe, assim como a Proposição de 67 foi o efeito das críticas sobre o que haviam se tornado os analistas de 56.

### O passador simples escriba

*“A tranquilidade de uma manhã de domingo - escreve Jorge Escobar - ... se viu de repente assaltada pelo que chegaria a ser junto a minha análise pessoal, uma experiência clínica e subjetiva de caráter único e porque marcou definitivamente, um momento crucial em minha relação com a psicanálise e com o que é, e será a minha vida como membro desta Escola.*

*O sossego deste domingo de ócio e descanso, foi subitamente alterado pela ansiedade inicial causada por uma chamada telefônica. No outro lado da linha uma voz... com um sotaque estrangeiro, me anunciava. Sou fulano de tal, do Fórum de tal cidade, me apresentei ao passe e no último Encontro da Escola em Buenos Aires, da lista de passadores você foi sorteado como um dos meus. Estarei com você para esta finalidade ...*

*Ainda não tinha parado de tremer, um suor frio que escorria por minhas costas não havia terminado de derramar sua última gota ... e de repente, passados alguns dos efeitos que sobre meu corpo produziu a chamada, compreendi que sem pedir estava no eixo, no coração da Escola que herdamos de Lacan. Quando saí do assombro e do choque inicial, pude recordar que entre os muitos balbucios que pronunciei... eu havia consentido em escutar este sujeito na função requerida.*

*Esse domingo transcorreu com outro ritmo, diria que foi lento ... a chamada tinha suscitado um estado subjetivo muitíssimo curioso que oscilava entre, por um lado, o temor de enfrentar o dispositivo tão comentado ... mas por outro lado, associada a esse medo, estava também a emoção de estar nessa instância.*

*Mas esse dia de domingo, como está escrito na história dos tempos, tinha que morrer, e com a chegada da lua comecei a perceber que o dia havia seguido seu curso e a sentir que, com o correr dos segundos, a data do encontro programado estava mais perto. A aposta do passante estava feita, mas a minha, como passador também. Chegou a noite e com ela o sonho, um sonho que reafirmava que a experiência me tocava, me implicava.”*

Passador é uma palavra que designa um lugar que é necessário que se queira ocupar. É um sim para a Escola, um sim para o lugar que o Outro lhe outorgou e posicionar-se nesse lugar não é sem consequências. O passador deve ter aprendido que *a análise da queixa não faz mais que utilizar a verdade*. O passado pode saber ou não, ainda, o que o leva a ter essa função. Lacan precisa que o risco *é que esse saber terá que construí-lo com o seu inconsciente* e que o saber que tem de seu inconsciente *não convém, talvez, para a identificação de outros saberes*. Seria conveniente que a sua análise servisse de vacina contra a compreensão ou a identificação com o passante, para dar lugar a outro tipo de admiração diante do que é ouvido. Que sua escuta esteja a serviço do saber e não de qualquer paixão, por mais que pareça sensata. Lacan desejava aos sensíveis, aos capazes de escutar esse momento de receber, de escutar a alteridade, sem converter-se em funcionários discursivo analítico.

O passador como simples escriba placa sensível, dizia Lacan, o que não invalida que quando as coisas não pareçam claras deve, com suas perguntas averiguar o que lhe pareça opaco, com suas perguntas que depois terá que transmitir ao cartel.

Devemos deixar também que os passadores se adequem a sua missão, sabendo que o espreitam perigos importantes. O mais grave é a identificação com o passante. Acredito que alguns dos nossos cartéis tiveram uma ou outra experiência com esta dificuldade. Identificação que permitiria, como assinala Martine Menès em Prelúdios 4, fazer da história um relato infinito e na qual o passador supõe reconhecer as ânsias infinitas de sua própria insatisfação nos problemas do passante e tenta fazer com elas partido comum, frente solidária. O outro não menos importante, levar ao cartel do passe uma construção teórica complexa, voltas e mais voltas do ensino que nos deixou Lacan, obturando a possibilidade de ver por trás de tudo isso o testemunho de um passante.

Talvez ao analista compete estar vigilante da designação, sabendo também que esta, a designação, é *independente do consentimento do próprio sujeito* e que a conveniência ou não da notificação fica a seu critério, na medida em que é uma questão que corresponde estritamente ao ato analítico.

Portanto é sob o efeito da surpresa que o passador encontra o passe. Surpresa que não se reduz ao momento da designação, mas que remete principalmente a que não há regras, nem saber a priori que estabeleçam seus encontros com o que não sabe. Está só com um saber em pedaços que sua análise lhe proporcionou e diante de um vazio. É uma página em branco e melhor que seja assim para que nela se possa escrever o testemunho justamente daquele que por supor que poderia dizer algo, sorteou o papel em que estava escrito seu nome. Um nome que assinala uma posição de alguém que pode escutar para além da sua singularidade, que não está colmatado de sua diferença, que não está completamente tomado pelo fantasma e como tal pode oferecer um lugar, dar um espaço para que as palavras de outro se assentem, tenham lugar.

Se espera então uma transmissão justa, que pode deixar passar o que aconteceu, sem que se tenha necessariamente uma ideia muito clara do que se está transmitindo, uma difusão da música do passante que possa ser recolhida e, por sua vez emitida para que ressoe no cartel do passe. Porque.

A música não precisa de justificação.  
Ela não quebra o silêncio.  
A palavra, por outro lado, sim necessita de justificação,  
Ela incorpora ao silêncio,  
O estremecimento que vem do sentido ...  
A música começa em qualquer lugar.  
A palavra começa com o homem ...

Roberto Guarroz. *Sétima poesia vertical*.

*Tradução de Maria Luíza Sant'Anna*

## Mesa-redonda

### A aposta do A.M.E. e suas consequências

**Carmen GALLANO (Espanha)**

## A aposta do A.M.E. e suas consequências

O título dessa mesa-redonda pode ser lido de duas maneiras: a aposta que faz a Escola ao nomear AME e suas consequências e a aposta que faz um AME ao designar um analisante seu como passador e suas consequências.

O equívoco é interessante, pois diz tanto do que implica ao AME no passe, como da responsabilidade da Escola em nomeá-los. As consequências dessas duas distintas apostas conectam-se em uma cadeia retroativa: desde o passador, apto ou não à transmissão que o concerne, ao AME orientado ou não como analista nessa designação, até a Comissão Internacional que o nomeou, sabendo o que se confia de responsabilidade em designar passadores, e incluindo as Comissões Locais da Garantia que fazem suas propostas de AME e aos AME de sua comunidade que podem sugeri-las. Nessa cadeia de consequências para o passe, vemos como os AME têm parte, pois há AME nos distintos escalões que produzem a lista dos AME, e cada AME, só por haver sido nomeado tal, pode designar passadores.

Assim, nossa Escola implica aos AME de maneira clara no passe, e especialmente por que também podem ser eleitos para o CIG, que constitui os cartéis do passe. Esses, ouvidos os testemunhos dos passadores, nomeiam os AE. Para tanto, os AME podem intervir na nomeação de AE.

Não era assim no primeiro procedimento do passe que Lacan instaurou em 1967, na EFP. Os AME não tinham participação alguma que tivesse consequências no passe, pois somente os AE podiam nomear passadores, e somente os AE e os passadores, junto com Lacan como diretor da Escola, podiam formar parte do *Jury d'agrément*<sup>1</sup> disposto para receber e autenticar os passes dos passantes.<sup>2</sup> Mais tarde, em 69<sup>3</sup>, Lacan deixa os AME entrarem no dispositivo do passe, já que lhes permite apresentar-se e serem eleitos pela assembleia para o *Jurado do Passe*. E, coisa curiosa, só por terem sido eleitos, convertem-se em AE. Porém, podemos ler que, já em 67, um AME tornava-se AE se um analisante seu fosse nomeado AE.

Os textos sobre o passe produzidos na EFP, tanto os de Lacan como os das instâncias de sua Escola, mostram que não era tão certo o que se afirmou em 1969: que os títulos de AME e AE foram independentes. Pois bem, depois de nove anos de experiência do Passe, no Congresso de Deauville (1978) – em que Lacan conclui é um fracasso completo, esse passe – Lacan inicia sua alocação dizendo é uma ideia louca dizer que só os AE podiam designar os passadores. E para justificar essa ideia louca, que havia sido sua, acrescenta: De algum modo, é uma garantia; eu me disse que de todas as maneiras, os AE deviam saber o que faziam. Também nessa alocação de Deauville, após a experiência feita, conclui sobre o pouco esclarecedor que foi sobre o passe aos analistas que se apresentam como passantes, aqueles que já estão muito

<sup>1</sup> (NT) A autora escreve seu texto em espanhol, porém mantém estes termos em francês. Poderíamos traduzir para o português por Júri de aprovação ou confirmação, mas a nota a seguir, da autora, explica porque os manteve no francês.

<sup>2</sup> (NT) Não gosto de traduzir para o espanhol *agrément* como *confirmación*, pois nos países hispanos ressoa muito com a confirmação da religião católica, não qualquer sacramento, pois ele imprime a unção dos divinos dotes do Espírito Santo.

<sup>3</sup> (NT) Princípios concernentes ao acesso ao título de psicanalista na EFP. *Scilicet* 2/3, p.30.

comprometidos com essa profissão de analista e que por isso não o interessa que se apresentem ao passe os AME, quando na sua primeira versão de 67 os convidava para ele.<sup>4</sup>

Não quero me estender sobre as variações que, com o tempo, Lacan foi introduzindo quanto à participação dos AME no passe e sobre a maior ou menor disjunção entre o título de AME e AE. Simplesmente trago algo de minhas leituras para assinalar que não havia rigidez alguma em Lacan quanto a como ir colocando à prova a experiência do passe e o distinto sentido dos títulos de AME e AE.

O fato de que, depois da dissolução da EFP, a ECF estabeleceu três coisas – se não recordo mal desde seu início – que seguem vigentes em nossa Escola, a EPFCL:

- Que o título de AME seria outorgado somente por nomeação da Comissão da Garantia, cujos membros deveriam ser AME e por mais nenhuma via
- Que os AME poderiam designar passadores;
- E que os AME podiam apresentar-se como candidato para participar do Cartel do Passe, junto com os AE e os passadores.

Esta possível e contingente implicação dos AME no procedimento do Passe, não é sem consequências, donde uma maior responsabilidade eventual dos AME que não se contentem simplesmente de que lhes veio da Escola esse título de garantia de formação suficiente e que com esse reconhecimento de seu exercício profissional de analistas, e de sua capacidade de elaborar alguns trabalhos para a Escola, lhes venha um lugar na comunidade analítica e uma visibilidade no corpus social.

A nomeação de um AME é uma aposta na Escola do Passe, já que nada garante que esse AME se sinta preocupado como analista a localizar se um analisante pode, depois de um momento de passe clínico, fazer um passador; nada garante que possa estar animado pelo desejo de participar na experiência do passe e nos cartéis do passe, e nada garante que deseje contribuir à marcha da Escola nas funções e tarefas do CIG. Por isso, quero ressaltar que as consequências da nomeação de um AME, no que faz para essa Escola, e como o faz, se se oferecem como possíveis, são somente contingentes e sua responsabilidade quanto a isso, somente existirá se a assumir.

Pois há uma hiância clara entre os critérios definidos por Lacan, que preside a nomeação dos AME, e apontam à garantia na Escola quanto à formação analítica que acontece nela e para o exterior, e a lógica do passe que aponta à garantia com a autenticação de um AE de que houve transmissão do que faz um analista ser em seu ato. Ambas as garantias, em si mesmas, não coincidem em absoluto. O procedimento do passe é uma aposta de transmissão da psicanálise via demonstrar a singularidade de um desejo do analista como passante e a nomeação do AME, em si não o é, pois não pode avaliar o desejo do analista em ato, por mais que, com rigor, se atenda a critérios do que se sabe de estilo e prática dos trabalhos de alguém. Em 1975, Lacan foi interrogado pela Comissão que nomeava os AME sobre quais os critérios para nomear um AME respondem ao o que se chama *bom senso* (sensatez ou bom sentido), a coisa mais admitida comumente. É isso: nesse pode-se confiar, nada mais. Acrescenta que é um princípio de puro fantasma, um fantasma coletivo e que isso é o princípio de realidade<sup>5</sup>. A saber, então, que fantasma coletivo compartilham aqueles que intervêm na nomeação dos AME que lhes dá a comum sensatez para ver se este membro da Escola que pratica a psicanálise lhes parece confiável? Diria que confiável como bom funcionamento do discurso analítico e apresentável como analista para o exterior.

Por isso, a aposta que faz a Comissão de Garantia, ao nomear um AME, em nada assegura que este faça também sua a aposta de transmissão que se põe à prova no passe e que possa designar passadores ou ser elegível para os cartéis do passe. Isso é tão contingente que há muitos AME, por exemplo na Espanha, que não contam entre seus analisantes, alguém que seja

<sup>4</sup> O título de AME constitui um convite da Escola para apresentar-se à qualificação de AE. Um procedimento para o Passe. *Ornicar?* N. 37.

<sup>5</sup> Clôture de la Journée des Cartels. In: *Lettres de l'EFP*. N. 18, p. 269.

suscetível de ser designado passador, já que sua clientela está formada pelo que se chama gente da rua, gente distante da Escola. E tampouco são pletora em vários países os que se apresentam como candidatos ao CIG. Assim, não sonhemos muito com os AME. Parece-me preferível interrogar sobre as consequências da aposta que faz um AME quando este designa um passador e sobre as consequências de seu desejo quando se apresenta e é eleito para os Cartéis do Passe.

Para este debate, proponho, a partir de minha experiência particular, que as consequências gerais da nomeação de um AME se verifiquem no **exterior**, menos que em época passadas, no exterior da Escola, já que hoje não se confia muito nas instituições, e mais no exterior da comunidade dos Fóruns e da Escola.

Diria que outras são as consequências quando um AME designa um passador. A primeira, que mais interessa à Escola, a chamaria de **êxtima**, pois o juízo íntimo do AME sobre o que é um passador e sua função na transmissão do passe, passa ao exterior do dispositivo, contribuindo para que haja passes. A transmissão do passador está condicionada pela forma como este se deixará impressionar pelo testemunho do passante, não sem saber interrogá-lo, e se faz efetivo mais tarde como, com seu próprio estilo no dizer, o transmite ao Cartel, não sem um juízo íntimo sobre se encontrou ou não a surpresa de um passe. Um retorno ao AME de que seu juízo íntimo foi desacertado, no caso em que o passador não se encontra apto, parece-me chave para que nesse *après-coup* o AME se interrogue se sua designação estava ou não bem orientada. Ele também poderá verificar o que sucede na análise desse analisante depois do ato de designá-lo passador. A esta segunda consequência, que é a que interessa à análise desse analisante, a chamaria íntima, pois no interior dessa cura analítica, e independente do que o analisante saiba dessa designação, pois só descobrirá se for sorteado por um passante.

Comprovei que é preferível não comunicar a designação ao analisante, pois assim os efeitos dessa surpresa esclarecerão ao analista sobre a posição subjetiva desse analisante-passador. Mas, sobretudo, porque os efeitos dessa designação nesse analisante, como o de sua experiência de passador, dão um bom empurrão em sua análise na direção de uma conclusão, o levando a localizar melhor seus obstáculos para fazer o ato analítico, os restos de seus impasses subjetivos e podem incitá-lo – o que é desejável, porém nem sempre ocorre – a apresentar-se mais adiante como passante. Assim, as consequências do que orienta a um AME, quando designa um passador, se jogarão e se julgarão tanto no dispositivo do passe como no avanço dessa análise.

E quanto as consequências do desejo do AME de implicar-se no CIG e nos Cartéis do Passe, estas me provaram, no íntimo, para despertar-me mais como analista em meus tratamentos, no extimo, de pronunciar-me no cartel sobre os testemunhos de passe, e no exterior de fazer-me elaborar algum saber sobre o que não sabia e o que encontrei da psicanálise graças aos passantes, passadores, e participantes dos cartéis do passe. Um bom empuxo ao desejo de saber, que não se mantém só, nem sozinha, e sim com outros da Escola.

*Tradução de Andréa Brunetto*

**David BERNARD (França)**

## D(a) Experiência(s)

Em que condições uma psicanálise comporta sequências? No Prefácio da obra de August Aichhorn, *Jovens em sofrimento*, Freud nos dá uma indicação a esse respeito. Questionando a referência à psicanálise numa experiência clínica prática e as condições de sua transmissão, Freud enfatiza que uma coisa é se interessar pela psicanálise, outra, totalmente diferente, é poder

comprovar suas convicções no ato em questão. Ter convicções analíticas, precisa ele, implica, com efeito, ter vivido a análise «sobre seu próprio corpo».<sup>25</sup>

Tratemos de não tentar entender precipitadamente essa tese de Freud, para poder dar-lhe o devido peso. Ela poderia, primeiramente, nos levar a questionar novamente ou a repensar o lugar do corpo nas escansões de uma cura psicanalítica que, a seu término, acarretaria modificações no seu *colocar em jogo*, dentro ou fora da análise, durante ou depois. Muitas expressões de nossa língua “comum” atestam essa presença do corpo. Não se fala da entrada em análise como de sua saída, sem contar um ao outro das travessias operadas e as marcas que elas aí deixarão. Tantas são as expressões que evidenciam, com Freud, que é com seu corpo que um sujeito se com-prometerá numa análise, sem o que ele não a terá nem mesmo iniciado. Mas expressões que bastam também para deduzir essa frase de Freud, que a psicanálise é antes de tudo e sobretudo uma experiência, segundo a própria etimologia do termo. Experiência deriva do latim *experire*<sup>26</sup>, cuja raiz indo-europeia *per* remete, por sua vez, à ideia de travessia, de sofrimento e de risco. A experiência analítica comporta, portanto, o corpo afetado, aquilo pelo qual passará esse corpo, sem o que ela não saberia ter outras sequências senão a identificação, até mesmo ocupação mundana. “Ter passado por essa experiência”, eis o que é exigível de um psicanalista, dirá Lacan.

Por isso há o lugar de falar, como Freud e Lacan não pararam de fazer, da *experiência* analítica, termo que inclui bem a ideia de uma sequência. Mas dizer o que representa a experiência disso, assim como, o que a psicanálise faz das experiências de cada um, me parece outra coisa bem diversa. Com efeito, há experiências, a começar pelas experiências da vida. Mas para não me perder nas suas declinações, volto ao que Freud e Lacan enfatizaram na clínica: a experiência de um gozo e, ou, de uma falta no Outro, *S(A barrado)*. Enfim, a experiência da língua e da linguagem, e de como estas nos afetam via corpo. Que se trata, com efeito, da experiência enigmática da psicose ou da experiência da «realidade sexual»<sup>27</sup> “na neurose, é como resposta a essas experiências que se constituem os sintomas. Em que se teria que distinguir a experiência, do sintoma que responde por isso, sendo apenas ele interpretável.

Mas aqui é necessário precisá-lo. Assim como Lacan o demonstra no caso de Hans, a experiência da realidade sexual é, com efeito, o reencontro traumático do gozo fora do corpo que constitui o gozo fálico. «Que esse gozo seja fálico, é a experiência que responde por isso»<sup>28</sup> escreveu Lacan em 1974. Trata-se do encontro de um gozo estranho ao sujeito, deixando-o à mercê do embaraço de uma questão: «Mas o que é isso?» onde se correlacionam o Real do gozo e a impotência do significante a dar conta dele. Nisso, a experiência é também o que deixará o sujeito sozinho, sem a sustentação de nenhum Outro para responder por isso e com o corpo marcado por essa provação. A experiência do ser falante é, pois, uma experiência de separação que o reconduz à sua separação original. Ela é a razão pela qual o sujeito irá passar e repassar em sua vida, «lugar do vazio»<sup>29</sup> tanto quanto provação do real.

Assim, Lacan pode então continuar. Se a experiência é um *despertar* forçado do sujeito, levando-o a uma questão, então o sintoma será a resposta. É pela impossibilidade de saber como denominar aquilo que ele experimentou no seu corpo que se inventará o saber inconsciente e que se elaborará seu trabalho de cifragem do gozo em que consiste o sintoma. Aqui, o Seminário *Mais Ainda* marcará então uma diferença com o dos *Quatro Conceitos*. A experiência não será mais somente definida como *tuché*, encontro malgrado do real, mas como a causa de uma incorporação do saber inconsciente e de seu uso de gozo. O saber será definido como satisfazendo-se em si mesmo, desde que o sujeito permita que (este saber) entre na sua pele por

<sup>25</sup> Freud S., Prefácio a *Jovens em sofrimento*, de August Aichhorn, ed. Campo Social.

<sup>26</sup> Munier R., “Resposta a um enquete sobre experiência”, em *Posto em Página*, nº1, Maio 1972, citado por Lacoue-Labarthe, *A poesia como experiência*, Paris, Christian Bourgois, 2004, p.30, 137.

<sup>27</sup> Lacan J., “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, *op. cit.*

<sup>28</sup> Lacan J., “Prefácio ao Despertar da Primavera de Wedekind”, em *Outros escritos*, Paris, Seuil, 2001, p.561.

<sup>29</sup> Lacan J., “Da psicanálise e suas relações com a realidade”, em *Outros escritos*, *op. cit.*, p.356.

duras experiências<sup>30</sup>“. A experiência seria igualmente esse momento no qual - como Lacan avança, em 1975 - produziu-se essa coalescência (junção) original entre os significantes da *alíngua* e um gozo estranho ao sujeito. Reconhecer aí a constituição do núcleo indecifrável do sintoma, esse saber sem sujeito, coloca então a questão: até onde um sujeito pode dizer, sem impudência, “meu sintoma”? Por outro lado, a experiência que responde ao sintoma é necessariamente a experiência do gozo fálico? Assim, o que acontece quanto à possibilidade de um sintoma e do saber inconsciente que traz consigo, responderia à experiência do gozo Outro? Que isso o afete e se experimente é uma coisa, mas que possa constituir no real a razão de um sintoma decifrável na análise é outra coisa.

Distingamos então, como propunha Colette Soler<sup>31</sup>, o que dos afetos próprios à neurose se resolve pela análise, desses, quanto a eles irredutíveis, que prometem as experiências do real do qual o sujeito jamais estará protegido. A questão que se coloca sendo como cingir o que entre os dois, sintoma e experiências, a experiência de uma análise modifica, no que diz respeito as suas sequências. A oferta analítica recolhe, com efeito, o relato das experiências do sujeito, até poder decifrar por qual saber inconsciente teria ele respondido desde muito tempo. No entanto, isso poderá constituir uma experiência somente quando, no meio do caminho, o sujeito for reconduzido até o ponto no qual o Outro falta. Assim, Lacan aponta para essa experiência que consiste na passagem ao desejo do analista e isto, desde seu Seminário *A Ética da Psicanálise*, indicando o término da análise didática. O sujeito deve «atingir e conhecer (...) o nível de experiência de desamparo absoluto<sup>32</sup>», onde não há como obter a ajuda de ninguém. E sabemos que o dispositivo do passe visa, sobretudo, recolher o testemunho dessas experiências. Somente aqui temos as particularidades da psicanálise. Com efeito, afirmar que a experiência analítica alcança, no seu término, um desamparo absoluto equivale a dizer que ela deve ser radicalmente diferenciada de toda experiência de iniciação, que faria consistir um Outro, de todo sentido místico que liberaria o sujeito de «um sentido além da realidade». A experiência analítica consiste, pois, não somente no contrário de uma iniciação, mas da experiência feita de sua não existência. E sobre esse ponto, Lacan irá concluir mais tarde o que cito, “a análise, em suma, é a redução da iniciação à sua realidade, isto é, ao fato de que, propriamente falando, não há iniciação”<sup>33</sup>.

Eis o que nos conduz ao paradoxo que poderia ter em recair no senso comum fosse ele da Escola. Ora, isto foi de fato uma preocupação de Lacan, que esperava justamente o dispositivo do passe em que um sujeito, no seu testemunho, não cede em relação a sua experiência. No entanto, neste ponto, onde deveria passar a autenticidade de um testemunho, ele destaca uma dificuldade, que é dupla. Primeiramente o sujeito poderá sempre alterar seu testemunho para colocá-lo à disposição da autoridade, os significantes mestres do momento. Dificuldade conhecida à qual entretanto, Lacan adiciona outra, e que concerne, desta vez, diretamente aos cartéis do passe.

*A introdução à edição alemã dos Escritos* conduzia já aí, quando Lacan achava necessário lembrar, com Freud, que não há análise senão do particular, que cada sessão deve ser considerada como a primeira, em resumo, que as «experiências não poderiam para se somar<sup>34</sup>». Mas situando ali uma dificuldade estrutural, ele retoma esse ponto na sua conferência de Genebra e, desta vez explicitamente a propósito dos cartéis do passe. Escutar um testemunho sem reduzi-lo de imediato a conhecimentos já adquiridos, sem de imediato guardá-lo em um arquivo, eis que é algo «muito difícil, porque evidentemente é *próprio da experiência tentar classificá-la num arquivo*. É muito difícil para nós, analistas, homens e mulheres de experiência, não julgarmos um caso que está em vias de ocorrer, sem nos lembramos, a propósito, de outros casos<sup>35</sup>. Trata-

<sup>30</sup> Lacan J., O Seminário Livro XX, *Mais ainda*, Paris, Seuil, 1975, p.89.

<sup>31</sup> Soler C., “O dizer sexuado”, em *Heteridade* nº6, p.119.

<sup>32</sup> Lacan J., O Seminário Livro VII, *A ética da psicanálise*, Paris, Seuil, 1986, p.351.

<sup>33</sup> Lacan J., O Seminário Livro XXIII, *O sintoma*, Paris, Seuil, 2005, p.30

<sup>34</sup> Lacan J., “Introdução à edição alemã dos Escritos”, em *Outros Escritos, op. cit.*, p.556

<sup>35</sup> Lacan J., “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, *op. cit.*

se aí, pois, de outra vertente da experiência, que Lacan não esquecia e perante a qual ele terá pensado a função própria do passador. Esclarecer, na perspectiva da função do AME, as razões dessa prontidão ao arquivo, seria então outra maneira de não esquecê-la, nem escapar dela. Porque «está claro, dirá ele, que não podemos nos *limpar* da nossa experiência<sup>36</sup>». Eu deduzo daí que a experiência, aí também, cola no corpo. E que Lacan tira daí as consequências não somente para a prática analítica, mas para o futuro de sua Escola.

Tradução de Bela Zajdenfisz

**Patricia MUÑOZ (Colômbia)**

## O A.M.E. é responsável pelo progresso da Escola

Sendo nossa vontade como comunidade analítica, por o dispositivo do Passe no coração da nossa Escola e, conseqüentemente, sendo nosso interesse principal o ato analítico, a questão do AME é fundamental.

Temos tomado o partido pelo Passe e temos lhe dado um espaço, um protagonismo, um peso muito grande, alguns pensariam que talvez seja demasiado. No entanto considero que os efeitos na Escola são importantes, essencialmente os efeitos propriamente analíticos, sendo estes o questionamento da análise e do analista, como nos disse Colette Soler no editorial de *Wunsch* 4.

Desde o início do seu ensino, Lacan sempre se interessou na formação dos analistas e conseqüentemente no final das análises. No Ato de Fundação de sua Escola nos diz que: Os problemas urgentes a serem colocados sobre todas as questões da didática encontrarão aqui como trilhar uma via por um confronto mantido entre pessoas que tenham a experiência da didática e candidatos em formação.<sup>37</sup> Nesta frase, vê-se como Lacan utiliza os termos, didático e candidatos em formação, os mesmos termos da IPA. Para que e por quê? Para Lacan a hierarquia que reinava nesse momento estava associada à detenção e aos desvios da psicanálise, hierarquia definida como uma cooptação de sábios, que promove um retorno a um status de excelência que conjuga uma pregnância narcísica com a astúcia competitiva, como afirma na Proposição de 1967.<sup>38</sup>

A experiência do Passe no coração da Escola permite confrontar os que têm mais percurso e mais experiência, que muitas vezes esquecem esse momento de passe de analisante a analista, com os mais novos, os que estão ainda na posição depressiva, como diz Lacan. Esta é a maneira como Lacan subverte as hierarquias existentes nas comunidades analíticas da época, colocando-os no mesmo nível para que se nutram uns dos outros. Inclusive destacando o termo didático, Lacan marca a diferença entre análise didática e terapêutica da IPA, elevando o conceito de didático a toda análise.

É na Proposição que Lacan institui o título de AME como garantia concedida pela Escola, a Escola o reconhece como psicanalista que deu suas provas, e este tornar-se responsável pelo seu progresso. É analista aquele que permite que seus analisantes terminem suas análises, além disso, é o único que pode designar passadores, designação essencial para a instalação do dispositivo do Passe e, portanto da transmissão na comunidade. Sem essa função todo o dispositivo estanca; não é trivial a responsabilidade do AME.

<sup>36</sup> Ele prossegue: “Freud insiste muito sobre isso, e se fosse compreendido, daria talvez o caminho em direção a outro modo de intervenção – mas isso não pode ser”, em Lacan J., “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, *op. cit.*

<sup>37</sup> LACAN, J. Ato de Fundação. *Outros Escritos*. 2003, JZE.

<sup>38</sup> LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros Escritos*. 2003, JZE

Faremos um breve relato de como aconteceram as coisas em nossa região, quanto à nomeação do AME, no começo do funcionamento de nossa Escola. Era necessário nomear os primeiros AME e esta tarefa foi realizada levando em conta uma experiência já existente. Foram nomeados os que já o eram na associação anterior à qual pertencíamos, e nos lugares onde ainda não havia AME como em nossa comunidade, o primeiro CIG propôs alguns nomes e assim fomos designados alguns que não necessariamente tínhamos muito tempo dentro da prática analítica. Depois de dez anos de experiência como Escola, os critérios para a designação de AME tornaram-se mais exigentes, como deve ser. Vemos aí um exemplo dos efeitos propriamente analíticos sobre a comunidade.

Quanto a uma das funções dos AME, a designação de passadores, que no momento atual é uma preocupação nossa, pela constatação dos poucos passadores designados, quero ater-me às particularidades do que no meu entender acontece em nossa região. Temos menos tempo de experiência de Escola Lacaniana, do que na Venezuela. Embora houvesse uma Escola anteriormente, o dispositivo do Passe não tinha muito tempo de funcionamento. Creio que o cerne da questão não é tanto a nova experiência do dispositivo e sim, as dificuldades para terminar as análises, um fim que permita o ato, a passagem de analisante a analista.

Houve um grupo de analistas que chegaram quando a ditadura da Argentina se instalou e permitiu-se um ensino e uma clínica, mas era principalmente uma corrente kleiniana e da IPA. Foi no final dos anos 1970, quase ao mesmo tempo em que Lacan era convidado por Diana Rabinovich à Venezuela, que o próprio chamou de encontro com seus leitores latino-americanos, que ouvimos falar do seu ensino e sua clínica. A partir do encontro, e a opção de seguir sua teoria e sua clínica implicou não só uma mudança na concepção teórica da psicanálise, mas também uma mudança de analista.

Por ser uma comunidade pequena e jovem (embora já tenhamos muitos anos), em muitos casos não houve o tempo necessário para se chegar a um final de análise. É comum entre nós a troca de analista, para os que querem levar sua análise até o final e assim seja possível investir transferencialmente em um outro colega, ou viajar para outro país buscando a possibilidade de terminar sua análise.

Sabe-se que, na prática, a instalação como analista não coincide com o final de análise daquele que se instala. Portanto as possibilidades de conduzir seus pacientes até o final são remotas, para não dizer impossíveis. E talvez não seja necessário esperar até Lacan para situar esse problema no coração das explicações sobre os obstáculos às análises. Já Freud, no início de 1910 no artigo sobre *As Perspectivas Futuras da Terapia Analítica*, advertia que um analista só pode levar sua análise tanto quanto os seus próprios complexos o permitam: Uma vez que um número maior de pessoas exercem a psicanálise e trocam suas experiências, percebemos que cada psicanalista só chega até onde o permitem seus próprios complexos e resistências interiores.<sup>39</sup>

Talvez não possamos concluir sobre quais são as razões e por que há poucas designações de passadores. Nossa experiência dentro da Escola, o efeito que a experiência do Passe tem tido dentro da nossa comunidade, nos mostra não só que um final de análise é possível, mas também que há a necessidade de um trabalho rigoroso, teórico e clínico. É a efervescência do Passe e seus efeitos analíticos - que se refere não só aos analistas, mas também aos analisantes - uma maneira diferente de fazer com o sintoma e com a castração.

Como foi dito no início de nossa intervenção, o fato de ter o Passe no coração de nossa Escola, não deve indicar que se pode instituí-lo no lugar da exigência, como um novo ideal, mas que ele se situa como causa, que interroga cada vez mais, para dar conta do que é um final de análise, e é por isso que alguns se perguntam se realmente terminaram ou não, suas análises. Vemos em nossa prática clínica que há muitas experiências de anos de análises que se encontram detidos sem poder chegar a uma conclusão, o que as faz intermináveis.

---

<sup>39</sup> FREUD, S. *As perspectivas Futuras da Terapia Analítica. Obras Completas*, vol XI. Standard Edition.

Para terminar esta reflexão sobre o AME iremos a um texto essencial sobre o final de análise, o Prefácio à Edição Inglesa do Seminário XI.<sup>40</sup> Lacan ali nos recorda que o que preside a análise é a urgência, um chamado, uma demanda, e que a resposta do analista é atender a essa demanda e, assim, poder chegar algum dia a esse final do caminho em busca da verdade, em que ambos os parceiros se comprometem, verdade que será reconhecida como miragem. Pergunta-se também como alguém pode dedicar-se a atender esses casos de urgência. A resposta do analista é um aspecto singular do amor ao próximo, uma significação particular de serviço, no nível mais rasteiro. Quanto ao sentido da articulação ética,<sup>41</sup> Lacan nos convida a refletir sobre nosso ato quando aceitamos atender a esses casos de urgência.

Nas últimas frases deste prefácio Lacan nos diz: Assinalo que, como sempre, os casos de urgência me atrapalhavam, enquanto eu escrevia isso. Mas escrevo na medida em que creio dever fazê-lo, para ficar a par desses casos, para formar com eles um par. Estar à altura. Quero assinalar uma dificuldade da tradução que diz: Os casos de urgência me atrapalhavam. A expressão usada por Lacan em francês é *m'empêtraient*. Há duas traduções de *empêtrer*: enlear e emaranhar. Proveniente de lio, atar, prender com lios, amarrar, envolver uma coisa ou alguém, sujeitando-a em sentido figurado ou familiar, enganar a alguém, envolve-lo em um compromisso. Contrair aliança com alguém. Como exemplos estão: comprometer-se em uma situação difícil, enredar-se ou complicar-se com alguma coisa, associar-se ou aliar-se com alguém, juntar-se um homem e uma mulher, como se estivessem casados, sem estarem. Nestas definições estão evocadas, a dificuldade, o compromisso e o leito de amor.

Lacan diz que enquanto está escrevendo este prefácio, está envolto, atado pelos casos de urgência, no entanto escreve para fazer com eles um par e estar ao par com eles. Creio que esta frase resume a tarefa do AME, sua clínica e o bem-dizer dessa experiência. Finalmente recordemos a resposta de Lacan em Televisão à pergunta: Que devo fazer? O que faço é extrair da minha prática a ética do bem-dizer.<sup>42</sup>

*Tradução de Gracia Azevedo*

## **Bernard NOMINÉ (França)**

### **Sobre o A.M.E.**

Quantas coisas já dissemos sobre o título de AME desde que Lacan fez a proposição para sua escola? Não é, entretanto, esse título que provocou mais ruído mas, sobretudo, o de AE. Lá estava a novidade, a aventura, a subversão.

O AME é muito mais uma concessão feita ao modelo institucional clássico. Talvez um modo de enquadrar a aventura da proposição do Passe. Isto é sem dúvida o motivo porque a questão do AME não resultou em debates muito fervorosos.

Geralmente em nossa história, eu penso naqueles que como eu participaram da Escola da Causa Freudiana, em seguida, ao nascimento da Escola Europeia de Psicanálise para finalmente conhecer a Associação Mundial de Psicanálise, geralmente, quando se escuta falar de AME, é muito mais para se lamentar. É necessário pelo menos acentuar que normalmente quando se reclama disto é porque não foi incluído, quando não recebeu essa marca de reconhecimento. Uma desconfiança à Groucho Marx é raramente observada.

Além de razões subjetivas, há sem dúvida, no princípio deste estatuto de AME algo que incita a desconfiança. É que este estatuto de AME foi proposto como garantia. Imediatamente surge a pergunta: o que é esta garantia? A psicanálise ou a instituição dos psicanalistas?

Para garantir a psicanálise, e mesmo que essa tarefa seja impossível, o AME não é o melhor. O passe parece mais apropriado.

<sup>40</sup> LACAN, J. Prefácio à Edição Inglesa do Seminário 11. *Outros Escritos*. 2003, JZE.

<sup>41</sup> LACAN, J. *Sem. 7 - A Ética da Psicanálise*. 1997, JZE.

<sup>42</sup> LACAN, J. Televisão. *Outros Escritos*. 2003, JZE.

Se trata-se então de uma garantia que se dá uma instituição de psicanálise para escolher seus membros, então não há nada de estranho que o AME seja o sintoma da instituição. Em seu prelúdio, Xavier Campamà propõe esta leitura: O AME "sintoma da proposição". E ele nos apresenta o retrato robô de AME como ele é conhecido na comunidade espanhola da AMP, um *trabalhador decidido*. Ele poderia muito bem evocar o *guerreiro aplicado* ao qual nós exaltamos os méritos naquela época ou outra forma de servidão voluntária.

Que o AME porte a marca da comunidade que o escolheu, o que há de mais natural? Como poderia ser de outra maneira? Esta marca só é julgada "infame" por aqueles que não a têm. Desde que o AME é reconhecido pela comunidade do AME, temos os AME como mérito já que nós os quisemos como tal. O AME foi também promovido e deve ser suficientemente sábio para assumir a parte da impostura deste título que realmente lhe dá mais deveres do que direitos. É com isso em mente que, quando saímos da AMP para fundar a Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, nós renovamos o título de AME a colegas que o receberam dessa instituição. Como bons revolucionários cubanos, poderíamos ter feito uma limpeza do passado. Nós não quisemos. Uma nova lista de AME nomeados pelo primeiro CIG corrigiu as deficiências provocadas pela política da AMP.

Isto não deixou de criar o que alguns consideraram como a injustiça, de não ser encontrado na primeira lista. O segundo CIG pode corrigir as deficiências da primeira e assim por diante.

Parece-me interessante notar que, se o analista só se autoriza por si mesmo, enquanto analista membro da Escola, não é ele mesmo que se autoriza. Não é ele mesmo que se propõe. Não foi jamais previsto que se candidate a esse título. De onde o contra senso da posição daquele que se sente injustiçado.

Se o passante se propõe à experiência, se os membros do cartel do passe fazem ato de candidatura, faz-se necessário salientar que nem o passador, nem o AME entram, enquanto tal na Escola pelo resultado de sua decisão. Teoricamente o AME não é nada do que ele representa por seus pares. Este é o lugar onde se pode efetivamente considerá-lo como sintoma da Escola. É porque ele é um sintoma que se prefere que ele seja "apresentável" para o exterior. Este não é o critério mais louvável, mas enfim, isso conta. Por isso ele é proposto pelas instâncias locais.

Se me interrogo sobre o sentido que tem a função de AME na Escola, eu a vejo em três níveis.

Ao nível da designação do passador. O AME deve saber reconhecer entre seus analisantes aquele que é susceptível de funcionar como passador. O AME produz o passador. Trata-se de uma responsabilidade importante. Mas ele não pode o produzir sob demanda. Sabemos o que vale e isso que só responde a demanda. O AME produz o passador. O passador faz signo do tipo de análise que ele faz com seu analista. A designação do passador é sintomática. De onde a prudência, até a timidez ao indicar passadores.

Ao nível da proposição de novos AME. A ideia geral é de propor um colega que se conhece e que "deu provas". Resta saber isso que se considera como provas.

Cada um pode ter seus critérios. Eu vou lhes dar os meus.

Eu só proporia como AME um colega a quem eu endereçasse voluntariamente alguém que quisesse fazer uma análise. Isto implica que o colega tenha feito a prova de que ele sabe se colocar no lugar de analista para acolher uma demanda de análise. Mas também que ele tenha feito a prova de que ele sabe acompanhar seus analisantes até o termo de seu processo. A esse propósito, conhecemos o destino de seus analisantes? Eles se interessam pela psicanálise e pela nossa escola em particular?

De outro modo, o futuro AME é orientado, a meu ver, mais pelo que ele produz do que por isso que ele é. Ele produz um analista? Ele poderá designar passadores? Entre o que ele produz, sou também sensível às suas contribuições; artigos, trabalhos expostos nos nossos encontros. Para mim, o AME é alguém que deu prova de sua vontade em participar na elaboração de saber na Escola.

Abordo a terceira função delegada ao AME na Escola. E já é tempo de dizer que essas três letras do AME se leem *âme* (alma) em francês. Ame, é o anima latino. A função de AME é também de animar, orientar, transmitir sem cessar o vírus da psicanálise ao exterior, mas também no interior da Escola.

Na luteria, a alma de um violino, é um pequeno pedaço de madeira bastante simples, geralmente é de abeto, que o fabricante introduz por um gesto especialista no violino uma vez terminado. Esta pequena cavilha de madeira sob o cavalete, transmite vibrações à mesa da harmonia e as propaga até o fundo do instrumento. A alma é, portanto, em grande parte responsável pela sonoridade do violino.

Esta pequena cavilha de madeira ordinária que abre em segredo e que está longe de se parecer a um bastão de marechal, me parece bastante adequada para nos dar a imagem disso que nós esperamos de um AME de nossa Escola

*Tradução de Angela Mucida*

## Ecos do Terceiro Encontro Internacional

### Debate em continuidade à mesa-redonda “O discernimento do passador”

Transcrito por Albert Nguyễn

Este “digest” foi composto a partir das intervenções de: L. Adam, S. Alberti, S. Aparicio, C. Barnier, R. Casalprim, F. Decoin-Vargas, D. Fingermann, C. Gallano, A. Lopez, F. Marone, C. Mongobert, M. Mosconi, M. L. de La Oliva, C. Pascual, A. Quinet, T. Sanchez-Biezma, C. Sepel, C. Soler, M. Strauss, E. Thamer, M. Urlan

Vocês encontrarão no *Wunsch* 13 os ecos da segunda mesa redonda da Jornada de 9 de dezembro, intitulada “A aposta do AME e suas consequências”).

Após as intervenções que vocês leram acima, empreendeu-se um debate cujos pontos principais vocês lerão abaixo. Como sempre, faltou-nos tempo para levar as questões mais adiante. No entanto, em vista do debate permanente que o procedimento do passe necessita e alimenta em nossa Escola, não resta a menor dúvida de que essas questões serão levantadas novamente e desenvolvidas, aqui ou acolá, e isso desde julho no Rio de Janeiro, por ocasião do Simpósio sobre o passe. O debate se reorganiza em função das questões que foram colocadas e das respostas trazidas.

#### *A questão da informação do passador na ocasião de sua designação*

De modo geral, aqueles que intervieram no debate estavam de acordo quanto ao fato de que, quando um analista designa um analisando para a função de passador, ele não tem, como regra geral, de lhe comunicar. Lacan o indicou em diferentes ocasiões; se uma vez ele chegou a dizer que, “por cortesia”, o passador poderia ser informado, isto não é a regra geral.

Evocou-se o efeito de surpresa da designação, assim como sua necessária pertinência. O interesse da não-designação tem a ver com o fato de que o passador deve responder em ato à solicitação do passante, ele tem que responder: sim ou não, sem pensar ou refletir, pois está em jogo a função de pressa do ato. Este é um bom teste para saber se o passador foi designado com um bom discernimento. Por outro lado, assinalou-se também a possível ausência de surpresa: testemunha de que, se a designação foi feita no momento oportuno, o passador pode muito bem não se sentir surpreso quando é chamado. Em contrapartida, a surpresa pode surgir no momento em que o passador efetua a transmissão e algo se “precipita”. De toda maneira, a experiência do passador é marcada pelo selo do inédito e da contingência do encontro com os passantes.

Questionou-se, também, a satisfação do passador, e isto abriu uma questão sobre as diferentes satisfações que foram encontradas: satisfação do fim, satisfação do passador. Qual é a satisfação que está em jogo? Podemos discutir a validade dos termos empregados: satisfação, entusiasmo, mas, em todos os casos, é um afeto positivo. Para um dos participantes, o essencial é que o passador satisfaça ao dispositivo (mais do que a si mesmo).

É bem evidente que o mais importante é que a designação seja claramente distinguida da efetivação da tarefa do passador. A designação sobrevém em um momento da análise que resulta de um ganho de saber, no entanto, ele deixa uma parte importante no “não sabido/insabido.”

*A efetuação da função passador:*

Perceberam-se dois obstáculos para o passador: o dele se identificar com o passante e o de se identificar com a língua da Escola, com seus textos, ou seja, com o Outro. O discernimento do passador é capital para a validade do nosso passe.

*O efeito de separação*

Adiantou-se a ideia de um efeito de separação ocasionado pela nomeação. Apesar disso, parece que o efeito de separação tem de ser produzido antes, justamente para provocar a designação. Todavia, o passador poderá constatar os efeitos de separação na sequência de seu percurso analítico. Coloca-se expressamente a questão de seu vir/a/ser analista.

*O funcionário do discurso analítico e a intranquilidade*

O passador como placa sensível não é uma colocação de Lacan. É preferível apostar em certa intranquilidade do passador, pois é alguém que busca um modo de sentir-se melhor, alguém que oscila entre sentir-se melhor e alguma coisa diferente, que ele não sabe o que é, mas pode indagar. Aliás, a oscilação do cartel também foi ressaltada: em que momento aquilo que se apresenta é suficiente e não se requer mais o frequente “só mais um pouquinho”?

Uma determinada tranquilidade do passante, já que ele encontrou sua solução, acaba se transformando em outro tipo de intranquilidade: será que ele passa de uma intranquilidade subjetiva para uma intranquilidade psicanalítica?

Parece haver aí uma contradição nos próprios termos, não pode haver funcionário do discurso analítico que seja intranquilo por estrutura. No entanto, quando Lacan fala de funcionário do discurso analítico, ele questiona o hábito, a capacidade dos analistas de apertarem os botões corretos na hora certa. Isto é possível, porque boa parte da análise reside na elaboração da transferência que, se não a impedimos, caminha sozinha. Compete à Escola intranquilizar, para que se faça, a partir da intranquilidade, o que pode funcionar como mola de elaboração, de produção e de progresso. O funcionário do discurso analítico se beneficia do dinamismo autônomo da transferência. E não se coloca a questão de saber se ele poderá levar seu analisando mais além, pois isto não depende da análise.

“Turbulências” pode substituir vantajosamente intranquilidade, pois, com efeito, no momento de turbulências do passe, existe uma questão latente nos passadores, nos passantes e no cartel: encontrar a saída que corresponda verdadeiramente a um analista.

*A tarefa do passador*

Acentuou-se bastante o fato de que o “passador” é essencialmente uma função, além do mais, uma função transitória. Por outro lado, como assinalado acima, ele deve saber interrogar e ter uma posição ativa.

Se o consentimento do passador é condição necessária, não é suficiente, não se aposta na passividade, o passador deve saber interrogar o passante, deve ser ativo, mesmo se ele ainda não está no ato analítico, saltar do insabido que sabe ao insabido de quem sabe<sup>43</sup>. Isto implica que ele se mantenha a certa distância da função que deve assumir. Aqui tocamos novamente na questão do discernimento e da satisfação: como ajustar, para os AME, o fato que o passador deve “ser o passe”, mantendo ao mesmo tempo essa distância em relação a sua função. Na medida em que não há garantia da transmissão, propõe-se que haja solidariedade entre todos os que participam do dispositivo, sem que tenham que se preocupar com uma transmissão “*successful*” a qualquer preço. Como designar um passador que tenha esta distância, como saber de antemão se ele tem este perfil?

A solidão, retorquiu um participante, é o lote do passador, que não se apoia mais em sua análise, que não tem seu analista consigo e que se encontra frente a frente com o cartel (pontos que retomam a questão dos efeitos de separação).

<sup>43</sup> (NT) No original: *saunter de l'insu qui sait à l'insu de qui sait*

Surgiu a ideia de que o passador deve escutar para além da sua singularidade. O problema do passador é que é preciso que ele trabalhe, mas este não deve ser encoberto pelo trabalho pré-fabricado dos textos. Acrescentou-se, também, que trabalhar ou ser ativo não elimina o insabido na transmissão.

*Saber interrogar: questão crucial para a função do passador*

A questão comporta não tanto o ler entre as linhas, pois este não é o lugar do passador nem o do cartel, mas o interrogar que pode ser feito de duas maneiras: é possível interrogar a partir do que se sabe, mas o passador interroga a partir do insabido de um que sabe,<sup>44</sup> o que é bem diferente do júri composto por pessoas bem estabelecidas, e existe uma diferença, não uma identidade, entre aquele que passou e o passador. Convém interrogar no que tange à verdade, à separação em relação à verdade, pois a relação com a verdade deve ter sido tocada pelo passador (pois a separação vem antes da designação). O ato, a relação com o ato, as condições de possibilidade do ato fazem parte deste “saber interrogar”.

*O passador e a Escola*

Embora não se exija que o passador seja membro da Escola, é preferível que ele a conheça um pouco, que ele saiba o que Lacan disse sobre o passe. Isto não é formal nem burocrático, mas se coloca a nível do modo como o passador se situa em relação à análise e, minimamente, na periferia da Escola.

O tempo do passador: se estamos de acordo em que se trata de uma travessia, então o tempo do passador é limitado, pois uma travessia tem fim. Em contrapartida, o tempo é fixado por um cálculo aproximativo, não há uma garantia total.

*Conclusão:* o discernimento do passador não é infável. Bem certo que não há modelo, mas há uma lógica da análise. Por outro lado, há turbulências que resultam do discurso analítico: o inesperado surge no passe, para o passante, para os passadores e para os cartéis do passe.

*Tradução de Vera Pollo*

---

<sup>44</sup> (NT) No original: *L'insu de un qui sait*

## Réplicas dos dispositivos locais aos debates

**Antonio QUINET (Brasil)**

### Sobre o A.M.E. em nossa Escola

A partir dos debates sobre o AME em nossa Escola nas Jornadas de dezembro em Paris, o que ficou claro para mim foi a importância dos AME principalmente em relação ao dispositivo do passe. Mas não só. Encontramos efetivamente algumas indicações de Lacan que, de uma certa forma, senão depreciam, no mínimo atenuam a importância do título AME, como por exemplo, o AME como sintoma da Escola em relação ao Outro social e como as almas da Escola. No entanto, ao retomarmos sua função de ser o título que a Escola confere àqueles a quem é reconhecida sua formação na Escola, trata-se de uma resposta da Escola à sociedade onde esta se situa. Isto é algo que deve ser levado em conta sobretudo nesses últimos tempos em que se discute a regulamentação do ofício do psicanalista pelo Estado. Efetivamente a Escola deve poder propor uma resposta distinta daquela feita pelo Estado. O AME é assim uma resposta da Escola. Trata-se de uma resposta ética, pois ao designar um AME, a Escola garante a ética (o que rege os atos) daqueles analistas por ela designado perante não só a comunidade que se constitui na e em torno da Escola mas também para os não-analistas e analisantes que os procuram. Por outro lado, no que concerne ao passe, é fundamental considerarmos que o AME é aquele que propõe os passadores dentre seus analisantes, tornando-se assim responsável pelo passe uma vez que o passador é um *sine qua non* do dispositivo do passe. Na minha experiência como membro do cartel do passe, pude constatar a importância dessa designação pelo analista, ou seja, como que um passador pode fazer passar o testemunho, como outro pode francamente fazer objeção, obscurecer e não permitir que o testemunho do passante realmente passe para o cartel. Se com Lacan, dizemos que o passador é o passe, não podemos dizer que o AME não o seja também. O AME faz parte da alma do dispositivo do passe.

**Rosa ROCA (Espanha)**

### O passador há que saber esperar

Ao contrastar os trabalhos teóricos que tiveram lugar nas Jornadas, com os relatos das experiências dos passadores, comprovamos que todos se referem de alguma maneira ao que C. Soler chama de “zonas de turbulência”. Desde essa zona, o passador escuta ao passante que já passou por ela e pôde dar-lhe uma solução própria, solução que tem de ser transmitida ao passador e do passador ao Cartel do Passe. O passador é sensível à resposta dada pelo passante porque a ele mesmo lhe falta essa resposta. Ele está na turbulência mas não tem a resposta. O passador sabe algo da inconsistência do SsS, mas como resolver? Vai servir-lhe a resposta dada por outro?

Como nos dizia Trinidad Sanchez: “Passador é uma palavra que designa um lugar que necessita que se lhe queira ocupar” “Um nome que o assinala é uma posição de alguém que pode escutar além da sua singularidade”. Uma palavra que designa um lugar, um nome que assinala uma posição. Não sabemos de aqueles que disseram “não” a ocupar esse lugar. Porém, pelos testemunhos, parecia que o “sim” se impõe sem pensamento prévio, tendo a dita demanda efeitos sobre o corpo. Dizer “sim” a ocupar esse lugar não garante aquele que possa escutar além da sua singularidade, mas é condição para que isso se ponha a prova, para que “deixar passar o

que passou” tenha sua oportunidade. Por isso, que o passador seja o Passe, nos confronta à falta de garantia na nomeação de um analista. Não há dispositivos da garantia que garantissem um analista. O dispositivo do Passe põe de manifesto, na figura do passador, que não há garantia, não há Outro do Outro, há outro através do qual se pode transmitir algo, mas esse outro não é um simples aparelho de transmissão. É placa sensível, e como tal, tem uma sensibilidade determinada. Sensibilidade esta que, se bem por um lado permitirá que aí algo se escreva, por outro determinará a forma em que se faça.

Cada um dos relatos dos passadores conta-nos com clareza o que ele supôs e como foi vivido o momento da chamada que os converteria em passadores se aceitassem a proposta, e contam também, porém com menor clareza, o momento dedicado à escuta dos testemunhos do Passe. Aí se manifesta a singularidade de cada um e seu momento analítico. A clareza retorna quando no falam das consequências que teve para eles fazer parte do dispositivo do Passe. Dessas consequências destacamos duas, uma vez que as mesmas se dão em todos os casos: dinamização da própria análise e renovação do vínculo com a Escola.

Em todos se constata: em primeiro lugar o efeito surpresa da designação; em segundo lugar, seu desamparo frente a uma experiência que deles requer não um saber já constituído, mas enfrentar-se com um não saber que dê conta de um saber fazer de outro quanto a seu sintoma. Nada regulará seus encontros com o que não sabe. No entanto, é necessário que esteja preparado para a surpresa, isto é, que seja capaz de deixar-se surpreender. Somente assim evitara os perigos que derivam da identificação com o passante, como a compreensão que estaria fora do lugar.

“Estar preparado” e “surpresa” parecem termos antinômicos, mas não o são. Quando o passador é chamado pelo passante para comunicar-lhe sua designação, não está preparado para a surpresa. Daí que, em muitos casos, a surpresa o comova até suas raízes, levantando-lhe todo o tipo de interrogantes, desde o interrogante pelo desejo de seu analista e também pelo que tenha sido aquilo que fez que seu psicanalista o propusera, até os interrogantes sobre o que se espera dele e sobre como fazê-lo bem.

No entanto, na escuta do testemunho, esses interrogantes, não estão “permitidos” (o que não que dizer que possam estar presentes). Não estão permitidos porque se trata principalmente, não de saber escutar – isso fica do lado do psicanalista – mas de saber esperar, tendo em conta o que diz Lacan sobre o que “saber esperar” significa. Significa que, na espera, tem de estar preparado para a surpresa, permitindo que a surpresa tenha lugar. Quando Trinidad Sánchez diz: o passador é “um nome que assinala uma posição de alguém que possa escutar além da sua singularidade”, acredito que está assinalando essa posição de saber esperar, posição que os AME devem levar em conta na sua nomeação de passadores. Esperar a surpresa não mata a surpresa, mas permite estar em condições de escutá-la, de que essa surpresa ressoe em cada um, não como identificação. A identificação depende do Eu, e a ressonância de que se trata depende do inconsciente. Para que algo passe, a transmissão do testemunho tem de fazer ressoar o inconsciente do passador, e com essa ressonância o passador tem que se virar, para que algo ressoe no Cartel do Passe.

Para entender a estrutura do Passe, e o lugar do passador, não é demais ter em conta a estrutura do chiste e seu modo de transmissão. Mas não somente isso. Há de se considerar que a essência do chiste é desfazer os semblantes, uma vez que sempre menosprezam a consistência do outro, pondo de manifesto sua inconsistência.

*Tradução de Sandra Berta*

Ana ALONSO e  
 Maria Luisa DE LA OLIVA (Espanha)

## Algumas considerações sobre o A.M.E.

Ao iniciar um trabalho sobre o que se discutiu no Encontro Internacional de Escola sobre o AME, recordamos que na Proposição, tal como menciona o trabalho de P. Muñoz (1), Lacan instituiu o título de AME para aquele ou aquela que a Escola *o reconhece como analista que deu provas de sê-lo* e este *deve tornar-se responsável pelo seu progresso*, quer dizer, é um título de garantia que a Escola dá a alguns de seus membros, tanto em relação à formação do analista como fora da própria Instituição.

Freud alertou sobre os requisitos para ser um analista em *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910), texto ao qual faz referência o citado trabalho de Patricia Muñoz, *Nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas, e, em consequência requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e leva-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa autoanálise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer ideia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise.*

Assim, pois algumas das questões a considerar para propor alguém como AME, e de acordo com as declarações feitas por Bernard Nominé em seu texto (2), são que haja dado provas de merecer o título, que seja capaz de acompanhar o analisante até o final.

Para isto se supõe que ele mesmo também o terá feito, quer dizer, terá entrado na etapa final, terá encontrado uma saída, e não tenha interrompido ou não tenha saído dali por tédio. Então, pensamos que é fundamental qual tenha sido sua posição como sujeito analisante que tenha chegado a uma posição de analista, tendo feito ou não o Passe.

Para Bernard Nominé outra condição para o AME, é a de que seja capaz de funcionar como alma (*âme*)\* da Escola, que entendemos como estar disposto a seguir sustentando um desejo de saber em relação com outros.

O AME da época da criação da Escola, não tinha relação direta com o Passe, no entanto Lacan, tal como assinala o trabalho de Carmen Gallano (3), na medida em que foi pondo à prova a experiência do Passe, atribuiu significados diferentes aos títulos de sua Escola.

Atualmente um AME tem duas maneiras de participar no funcionamento do dispositivo do Passe: pode nomear passadores, e pode apresentar-se ao CIG e desta maneira fazer parte dos Cartéis do Passe. Evidentemente, pode também participar no dispositivo como passante, mas isso é independente de seu título de AME.

A nomeação de AME é o que lhe permite, o que lhe dá acesso a fazer parte do funcionamento do dispositivo, mas não é a partir do título que o faz, e sim como o analista que pode ocupar legitimamente para outros o lugar da causa, como nos disse Colette Soler em seu trabalho sobre O Passador (4). Ela comenta que o AME tem que saber o *tipo de problema* da fase final para poder designar um passador.

Em seu outro trabalho sobre O fim, os fins (5), Colette Soler afirma que nos casos cujo trabalho de transferência conduziu ao *não posso saber* do final, ao *não posso levar o sintoma a zero*, há uma constatação desses dois limites, e o sujeito pode situar-se em relação a eles, e justamente aí começa o problema do final possível. Ela diz que há *tipos* dessa constatação. Na continuação da análise será um sujeito que aceita, que assume ser o que é na realidade, e que isso inclui os impossíveis de dizer, saber e mudar, nomeando tudo isso o real como impossível. Acabam as elucubrações, já não pensa mais no que é e pode agir. Este sujeito, *também pode se prestar legitimamente a ocupar para outros o lugar da causa. Digo legitimamente porque sabe que ao final há uma saída possível.*

---

\* (NT) L'AME equivoca O AME com A ALMA em francês.

O dispositivo do passe se nutre dos efeitos que produz. Estes efeitos afetam o conjunto da Escola, e não apenas aqueles que participam nele de maneira direta. A sorte está lançada para o passante que testemunha ante um passador, que por sua vez transmite as ressonâncias desse testemunho perante o Cartel do Passe, os que darão sua resposta ao passante. A sorte está lançada também para o AME e para o passador, que só saberão que foram designados sob a forma de surpresa. Ambos AME e passador, não solicitam a designação e neste sentido há surpresa para os dois. No Encontro se falou bastante do consentimento do passador para ser como algo da ordem da ética, mas não se falou do consentimento do AME ao receber a nomeação.

Verdadeiramente se fala mais da responsabilidade do passador que da do AME. Em todos os testemunhos dos passadores, pode-se ler em suas aflições, eles se questionavam sobre estarem ou não à altura de sua função. Pode-se constatar o peso da responsabilidade que recai sobre eles ao serem designados, e também como tentam encontrar respostas para tudo pela via do saber, busca que resulta infrutífera, pois não é a partir do saber que podem cumprir sua função e sim justamente a partir do não saber. No entanto, não se leem testemunhos sobre os efeitos que podem produzir uma nomeação de AME. Certamente o título de AME é um reconhecimento da Escola, que por outro lado implica mais deveres do que direitos, como disse B. Nominé, mas parece que não se leva em conta o alcance que tem o AME quanto à sua participação no dispositivo.

Sim, podem-se ler trabalhos de AME que tenham participado no dispositivo, também há trabalhos de passadores e de passantes, tenham sido ou não nomeados AE, mas não há trabalhos sobre os efeitos de uma nomeação de AME.

Fala-se da marca que fica no passador por haver participado do Passe, marca indelével para muitos, mas não se fala da marca do AME, como a alma (*âme*) da Escola. Como ele sustenta a garantia da Escola não se tomam suficientemente em conta essas questões.

Talvez uma marca do AME seja a de que recebe uma garantia da Escola que não pediu e que, além disso, não está sujeita ao tempo.

Outra das características distintivas do AME em respeito aos demais participantes no dispositivo, é que seu título não é perecível, não caduca. A temporalidade do passador e do AE é tal que se estima que suas funções podem chegar a caducar, seja porque no caso do passador chegue um momento em que encontre a sua própria saída como analisante, seja porque se um AE segue mais tempo que o instituído, pode chegar a tornar-se membro de uma casta. Então, por que não se considera o mesmo para o AME? Terá a ver com o fato de que sua função não é unicamente em relação ao Passe?

Que o título de AME não seja perecível, não pode fazer dos AME uma casta? Por que este título não é revisto?

Então, posto que uma das funções e responsabilidades do AME é a designação de passadores, isso implica em primeiro lugar, como já foi assinalado, poder discernir, poder acompanhar um analisante até o final. Mas a isto deve ser acrescentada a possibilidade real de designar passadores, quer dizer, deve-se ter em conta a realidade de cada lugar e como se jogam essas transferências, já que é habitual que aqueles sujeitos que iniciam sua formação, decidam analisar-se com os notáveis, o que não quer dizer exatamente que sua escolha transferencial seja por esse motivo.

Isto implica que o AME que não tenha analisantes em formação, dificilmente vai poder designar um passador que possa participar no dispositivo, não porque não haja entre seus analisantes aqueles que estejam em um momento de passe, e sim por desconhecimento e desvinculação dos mesmos a respeito do que é uma Escola de Psicanálise, conhecimento que se considera necessário para poder haver uma designação.

Daí convém diferenciar no AME a condição de que possa legitimamente discernir para nomear um analisante passador, e por outro lado, se a realidade de seus analisantes o permite.

Diferença, pois entre a realidade e o possível. Isto é paradoxal. Paradoxo que explica a desproporção entre o número de AME e o número de passadores, pois em boa lógica se esperaria que ao existirem muitos, também haveria muitos passadores. Não entramos neste trabalho na questão de que tampouco há muitas demandas de passe.

No Encontro Internacional foram levantadas questões interessantes a esse respeito, e que vale a pena voltar a elas: continua sendo válido o método de outorga do título de AME? Devemos inovar?

Como provocação, nos perguntamos: para corrigir os efeitos desse paradoxo, seria o caso de existirem dois tipos de AME, os que podem designar passadores, e os que não podem? Não existe de fato tal diferença, implícita entre os AME?

Também levantamos questões sobre se seria conveniente revisar periodicamente a função dos AME como uma forma de manter vivo o desejo e que não se acumulem suficiências, casta. Como fazer-lo, como sensibiliza-los, como intranquiliza-los? Como fazer para que o AME não se acomode ou se instale em um assento de uma *suficiência silenciosa* (Juan del Pozo)?

Bernard Nominé utilizou duas metáforas em seu trabalho de AME (2), Uma a do violino: na construção de um violino se coloca uma peça de madeira na ponte que permite transmitir as vibrações à caixa de harmonia e a propaga até o fundo do instrumento. O AME como alma (*âme*) seria em grande parte responsável pela sonoridade do violino. A outra metáfora é a do vírus: *transmitir sem cessar o vírus da psicanálise até o exterior, ou melhor, até o interior da Escola.*

Agora, em relação ao violino, isso implica que haja um furo, já que o violino não ressoaria se não fosse oco. Deve haver esse furo, esse vazio, que remete ao desejo.

A segunda metáfora implica que para transmitir um vírus, o AME esteja previamente infectado e, se há a necessidade de contágio, é porque na Escola pode ocorrer que haja cura, quer dizer, falta de vírus, ou melhor, que haja uma vacina contra o vírus. Como fazer então para atuar como antivacina? Como desativar os efeitos da vacina?

Não é uma contradição que o AME seja um título imperecível, com esperar do AME que contague a Escola, sem cessar, com o vírus da psicanálise?

Se o risco do AME é acomodar-se, tornar-se membro de uma casta, adoecer da doença do sono, não seria esperar demais que sejam eles mesmos que despertem, contagiem a Escola com o vírus incurável da Psicanálise?

O título de AME não estaria recoberto por um brilho que não se explica, uma vez que implica mais responsabilidades ao mesmo tempo na realidade de muitos países, é um título que não tem nenhum reconhecimento?

Não se poderia pensar que o CIG verificaria no *après-coup* os efeitos de uma nomeação de AME, em sua dupla vertente de face para o exterior e ao interior da Escola? Como se poderia fazer, sem cair em uma prática equivalente às exigências que se aplicam, por exemplo, aos professores universitários, e sem que isso se possa pensar como a ideia de outro do Outro?

E para finalizar, a dificuldade tão evidente para a mudança de geração na Escola de Psicanálise, não tem em parte relação com todas estas questões?

*Tradução de Gracia Azevedo*

## **Bibliografia**

- (1) Muñoz, Patricia. O AME é responsável pelo progresso da Escola texto EIE. 2011
- (2) Nominé, Bernard. Sobre o AME/A alma. texto EIE 2011.\*
- (3) Gallano, Carmen. A aposta do AME e suas consequências texto EIE 2011
- (4) Soler, Colette. Sobre o passador. EIE. 2011
- (5) Soler, Colette. O fim, os fins. EIE 2011
- (6) Juan del Pozo: O AME desinstalado. Wunsch 11

# A análise: fins e consequências

Albert NGUYÊN (França)

## A Escola testemunho do passe

*Da provação à prova*

Para abrir o Terceiro encontro, eu queria primeiro saudar a todos os colegas estrangeiros que fizeram viagem por vezes muito longa, para participar deste terceiro encontro, cujo título é, como todos sabem: Análise, seus fins, suas consequências. Saúdo sobretudo aos colegas franceses e faço votos que nestes três dias de trabalho e de troca que nós teremos sejam agradáveis, ricos, atentas, proveitosos e eficazes.

Este Terceiro Encontro, como indica a sua denominação, vem após a primeira em Buenos Aires, onde os debates foram centrados sobre a questão do AE e do passe e a questão dos efeitos sobre a Escola. Vocês podem ler as intervenções no *Wunsch* Nº 8. O segundo Encontro aconteceu em Roma, centrado na questão do passe e do Real (*Wunsch* Nº 10). É, portanto, muito fácil de seguir o fio: o passe está no coração da Escola, e sobre as duas vertentes, epistêmica e institucional, ligadas por numerosos aspectos.

Este primeiro dia tem seu título: *A Escola na provação do passe*. Ele vai se desenvolver em dois tempos, uma mesa redonda esta manhã intitulada: **O discernimento do passador**, que vai interrogar este lugar e esta função do passador. À tarde, uma segunda mesa redonda será dedicada especialmente ao AME sob o título: **A aposta do AME e suas consequências**. Para estas duas mesas redondas, nós escolhemos a opção de intervenções curtas para deixar um tempo maior para debates, convencidos que estes dois temas cristalizam múltiplas questões em torno do passe. Entendam, portanto, como indicado no programa, 5 intervenções em cada mesa redonda, cada uma será animada por dois moderadores.

Para introduzir a Jornada, vou dizer algumas palavras que, espero, contribuirão para abrir o tema da *Escola na provação do passe* sobre o qual há muito a dizer. No mínimo que o passe intranquelize a Escola fazendo-lhe sofrer essa provação. Não é obrigatório, fracassar no momento de uma provação, chega-se mesmo a dizer, que o sujeito ou a Escola saia grande e fortalecido da provação. É com efeito o que se pode desejar como resultado favorável para esta Jornada.

E, portanto, hoje nos dedicaremos ao passador e àquele que o designa, o AME. O que é que os une, eu me pergunto? O Real, já que o passador e o AME ambos estão concernido pelo que chamarei “A provação do Real”. Dito de outra forma, há a provação do passador, e a provação do AME, o passador faz a provação do passante e ao AME está na provação do passador.

A provação do passador se ordena em torno do fato de que ele escuta o testemunho, escutar supondo um certo entendimento, sua capacidade a transmitir está no primeiro plano e ela depende, além dessa famosa sensibilidade que nós pudemos ler nos numerosos Prelúdios que tem foram escritos antes do Encontro. (Eu aproveito para agradecer a todos aqueles que quiseram ou desejaram escrever para animar o pré-Encontro). Ele depende, portanto, além da sensibilidade do passador ao que se apresenta como testemunho do passe, da possibilidade e da capacidade para libertar uma lógica do testemunho o que levou a falar de “passador lógico”. De fato, se trata para o passador, a partir das entrevistas com o passante, de construir o que ele transmite ao cartel.

A provação do AME não é menor, mesmo se nós falamos até agora principalmente do passador e do passante. O AME designa um analisante passador, e por menos que possa ser

esperado desta designação, é o discernimento do AME. Nós chamamos a primeira mesa redonda “O discernimento do passador”, o AME é colocado na berlinda tanto quanto. Um outro aspecto desta provação é o retorno que pode fazer o cartel e as interrogações que tal designação pode fazer nascer na conduta, na direção do tratamento e, depois, esta outra faceta do testemunho que não para com a designação mas continua com os retornos na tratamento dos efeitos da designação. Quais efeitos terá tido o passe, os testemunhos ouvidos sobre o passador? Sabe-se que eles são variáveis, mas raramente anódinos.

*A resposta, a solução ao testemunho: a prova, as provas.*

O que se espera do passador? Que o passador seja aquele que não malogra o passe – e para que ele o transmite – ainda é preciso que ele não esteja muito longe disso ele próprio, inclusive por transmiti-lo mais além de seu saber. Que ele não venha tampar o testemunho é o mínimo esperado.

O passador não é sem saber, mas ele ainda não tirou as consequências (pris acte) do que ele sabe. Como diz Lacan, ele é “sobre a brecha”, está quase no ponto, de resolver o problema, contrariamente ao passante que entra no procedimento ao mesmo tempo porque ele sabe o que aprendeu do seu tratamento e porque ele sabe que frente ao Real, ele fica ignorante, para sempre. Habituar-se ao Real, expressão de Lacan, não pode querer dizer reduzir os efeitos, banalizá-lo, mas, ao contrário, fazer face ao Real e sustentá-lo, (texto de L. Izcovich, Wunsch 11) e como? Construir, inventar cada vez a resposta a este Real sempre aí, mesmo se ele não se manifesta senão em relâmpago. Eu digo, sempre, no mesmo lugar, e como impossível porque  $S(A - barrado)$ ,  $J(A - barrado)$ , a forclusão da relação sexual, estão sempre lá, e se trata de fazer face, o que diz o “saber-fazer” com o seu sintoma.

Nós falamos do encontro com o Real, eu creio que se pode também falar da permanência do Real, ou mesmo, e até da imanência do Real. E provavelmente pode-se esperar, ou mesmo, exigir da análise que ela permita ao analisante suportar o peso deste Real. É mesmo, porque o Real é pesado que nós falamos de alívio. O alívio não concerne tanto a redução do fantasma ou dos sintomas que o saber adquirido sobre o Real. O que é pesado para na entrada de uma análise não tem o mesmo peso no final da experiência, é por isso que Lacan pôde falar “de pesar o fim” (de tê-lo pesado).

O peso do fim é um peso que lastra, muito mais que um peso que impede, que obtura. É bem mais – solução da inércia de gozo – um peso que torna leve, um peso que torna ágil.

O passador atravessa a barreira do som? Eu não creio tanto que ele a ultrapasse, que a barreira lhe reenvie o som. Ele é a barreira, o Real sobre o qual os sons vêm se escrever: a escritura inscreve o encontro da barreira e do som. E é esta operação que faz, que assina esta função do passador, em “passador a reação” (como avião a reação!). O passador não dorme, não é uma caixa registradora, mas ao contrário, uma caixa de ressonância, é preciso ainda acrescentar, seletiva, já que ele não transmite os sons tais e quais. Ele seleciona, mais o que ele seleciona? A partir do quê? O que ele transmite das condições do ato?

Parece-me que sobre este ponto da transmissão não é possível fazer abstração do que se pode chamar a doutrina, a concepção do passe na Escola e, portanto, nos cartéis do passe a qual, mais ou menos, o passador se refere.

Falou-se do passador cândido, ingênuo. Ele é cândido na medida em que ele não é um modelo de passe, não é modelo de testemunho. Mas onde ele é menos cândido, é na medida em que ele lê os textos de Lacan sobre o passe, os trabalhos publicados na Escola, na medida em que ele assista à Seminários, conferências, frequenta os Colégios clínicos: de fato ele não pode não ter ouvido falar no mínimo do ganho epistêmico que constitui o trabalho sobre o inconsciente real, do lugar dos afetos na concepção do fim de análise. E, conseqüentemente, ele sabe que a espera da Escola se situa – sempre – na dianteira da elaboração conceitual, mesmo que a experiência a contradiga, a verifique ou a surpreenda.

Do que eu já disse, duas consequências se evidenciam que nos remetem ao AME: ele não pode designar passador um analisante que não teria alguma ideia da Escola, de seus trabalhos. A análise pessoal não é o suficiente, mesmo se ela é condição necessária, a relação com a análise e o lugar onde essa relação pode se expor, não pode ser passada sob silêncio. A posição do passador no trabalho da Escola é, portanto para se levar em consideração.

A segunda consequência: o passador é passador de uma Escola, não tem o em- si do passador, ele é chamado a funcionar num dispositivo de Escola, e a nomeação do passante como AE depende deste outro dispositivo que é o cartel do passe ao qual ele dirige sua construção.

Uma consequência se deduz disso: é preciso, AME ou passador, ou outro, se interrogar além das fórmulas canônicas tais como o inconsciente real, a satisfação de fim, interrogar tudo que pode fazer tamponar, slogan, palavra de ordem, modelo. De onde o interesse, e cada testemunho deveria poder informar sobre este ponto, de se posicionar na ordem das condições da possibilidade do ato, das consequências e a da conclusão do tratamento.

Pesar uma análise se faz a partir das consequências que ela produz para o sujeito. O AME não poderia ignorar esta mudança de valência do peso do fim de análise, é o que pode tornar a sua provação mais leve, já que então toda designação de um passador se faz com discernimento.

Se eu evoquei esta provação do AME e sua solução pela prova, é porque esta designação tem retornos, efeitos no tratamento e, a partir destes retornos, ele pode saber se esta designação era oportuna (cf. o texto de C. Gallano no *Wunsch* 11) Isto se julga pelos efeitos no tratamento do passador.

Um outro ponto concernente ao AME: a relação com o saber, e em particular com o saber novo – novo não se refere a um saber que não existia, mas a um saber que não era lido, nem vindo à luz (por exemplo o ICSR como o chama C. Soler, o inconsciente real). A provação do AME continua aí já que este saber acrescentado muda a Direção do tratamento e até a concepção do inconsciente, e provavelmente também a Escola se se tira daí as consequências.

#### *Conclusão:*

A Escola na provação do passe, é também a Escola na provação da vida: eu quero dizer que a doutrina em debate, a doutrina que se elabora na Escola torna a psicanálise viva, conduz a uma tomada de consideração da em-potência da vivência. É mesmo assim um resultado bastante entusiasmante.

Por isso, nós podemos esperar, por exemplo, que as diferenças entre as zonas geográficas, tanto na designação dos passadores quanto na nomeação dos AME encontram no decurso deste Encontro como se acordar, o que não impede que algumas ideias novas possam sair do que será dito da relação do falasser com inconsciente real e das consequências que isto traz para a concepção da análise e de suas sequências.

*Tradução de Tereza Oliveira*

## **Colette Soler (França)**

### **O fim, os fins**

Eu disse “o fim, os fins” como se pode dizer “a análise, as análises”, uma a uma com sua diversidade não eliminável.

Falar do fim da análise no singular, como Lacan sempre o fez, supõe que a análise seja um processo ordenado e que seu curso possível não seja aleatório, não flutue ao sabor das particularidades de cada analisante. A análise, portanto, não é uma viagem por qualquer lugar, pois a viagem, segundo Lacan, é antes mais para os não tontos (*non dupes*). Dito de outro modo, os acasos do um a um, que conhecemos bem, são subordinados à ordem do discurso analítico,

pois todo o discurso é uma ordem. Não se trata aí de uma distinção entre as experiências que seriam particulares e a teoria que seria generalizante, trata-se de uma experiência no singular que abriga as particularidades sem apagá-las. Eu disse o discurso analítico como todo discurso, mas há, entre todos, uma particularidade: é um discurso opcional, não se o sublinha o suficiente. Escolhe-se de entrar nele, prevê-se e tenta-se dele sair. Formulado de outra maneira, sua ligação é inaugurada por um ato e suspensa a seus efeitos. Não é, portanto, o que Lacan chama de um discurso estabelecido, e é um ponto comum com o amor. Os outros, os estabelecidos, o discurso do Mestre, em particular, são sem dúvida históricos, pode-se perguntar sobre o momento de sua fundação, mas aí se está alojado desde a origem, salvo no caso da psicose, sem ter que escolhê-lo. Do mesmo modo, o discurso histérico não é inaugurado por um ato. Evoca-se, sem dúvida, a original e obscura decisão do ser, mas não é a mesma coisa. Um discurso estabelecido é suportado por instituições específicas, e poder-se-ia até pensar que com a IPA Freud tenha tentado fazer passar do discurso opcional ao discurso estabelecido. Está errado: o discurso do analista deve ser estabelecido em permanência e não sustentado por suas Associações, a história nos ensinou isso.

### *O debate sobre o fim*

Eu lhe submeto uma pequena curiosidade em matéria de opção: todo analista aceita falar da análise, no singular, e mesmo mais que isso, ele admite, mesmo implicitamente, que há uma entrada. Ele o admite a partir do momento que ele reivindica sua diferença das psicoterapias, o que todos os analistas fazem. Ora, os psicoterapeutas se definem, entre outras coisas, por não haver entrada, quer dizer, de começar desde o primeiro encontro com o psicoterapeuta. Que haja condições de entrada não cria verdadeiramente um debate no movimento analítico, e desde o evento Lacan admite-se que a entrada padrão, outro nome para se dizer estrutura de entrada, se define pelo colocação em funcionamento do sujeito suposto saber. Admite-se isso mesmo na IPA, e até mesmo quando clinicamente cada transferência é sempre particular. Ao contrário, quando Lacan disse “o” fim, e quando nós o dizemos ainda, a maioria objeta. Mesmo entre os ditos lacanianos, muitos fazem uma careta para dizer o fim no singular, come se diz a entrada no singular, e voltam ao pragmatismo do caso-a-caso, dito de outro modo, da análise sem fim, pois o termo seria tão múltiplo quantos são os analisantes. Por que se admite tão facilmente a entrada a despeito da diversidade dos casos, enquanto se nega também tão de bom grado a saída padrão sob o pretexto dessa mesma diversidade? Será somente porque falar do fim é por em questão o analista que ele produz? Eis, em todo o caso, a questão que, pouco a pouco, se colocou em forma para mim a partir não das trocas em nossa Escola, mas das trocas com colegas exteriores que contestam esse fim. Eles são tão numerosos que é necessário que haja alguma coisa de real que funde isso que chamei de uma curiosidade.

### *O começo do fim*

A questão do fim não se coloca senão a partir da fase dita final, evocada muito cedo em Lacan, retomada de Balint, e redefinida outra vez no *Prefácio à edição inglesa do Seminário XI*, em 1976. Curiosamente, essa expressão não é mais usada, talvez tenha sido espantada pela palavra “passe”, e, no entanto, é uma fase padrão, inerente ao processo, tal como a colocação em função da transferência que abre o processo. É dela que Lacan fala outra vez nesse prefácio, quando ele menciona a maneira de se livrar da confusão entre o real fora do sentido e a verdade mentirosa. Essa fase começa, paradoxalmente, quando as respostas foram obtidas, dito de outro modo, quando o trabalho de transferência trouxe todos os frutos que ele é capaz de produzir. Nós os conhecemos: benefício terapêutico, uma parte dos sintomas de entrada se moveu, “estou melhor”, como se diz; um fruto didático também, o analisante sabe um pouco sobre si mesmo. Na entrada, a transferência postulava o saber inconsciente sobre a base do “eu não sei”, do analisante. Ele não sabia por que sofria nos sintomas que trazia, ele não sabia o que, dele, fundava esse sofrimento. Esperava-se, portanto, e ele esperava, duas coisas: uma redução do

sofrimento sintomático e também a remoção do “eu não sei”. No fim, o pedaço de saber, sobre o que se trata? Sempre sobre o gozo. Para começar, sobre o fantasma de desejo, mas isso deixa o sujeito, ainda assim, dividido pelo objeto causa. Em seguida, sobre o resto de gozo inamovível, mas opaco do sintoma, mais além de seus remanejamentos obtidos pela via do sentido.

Nos dois casos, esse balanço terapêuticamente e didaticamente positivo vai de par com uma percepção dos limites do que se obtém pelo sentido: nada que não suspenda a divisão pelo objeto e o gozo opaco do sintoma. A conclusão do processo não poderá, portanto, tomar forma linguageira no sentido em que ele não poderá exibir um significante “ponto de estofo” assegurado. Aqueles que lhes asseguram que eles o encontraram se iludem em coro. Esses limites podem ser situados conceitualmente pela via da lógica e da topologia, até o nó borromeano, mas isso não impede que elas se expressem pateticamente, e antes na dor: castração irreduzível, tanto de gozo quanto de saber. Horror. Ao “eu não sei” da entrada responde um “não posso saber” de saída, sobre um inconsciente, no entanto, sempre aí a me dividir. Esse “não posso saber” é, no fundo, uma forma de saber a-transferencial, um ganho de saber, em todo caso, e é o fim dos meios do inconsciente-linguagem sob transferência. A fase final começa aí. Convoco novamente Balint, que o havia notavelmente percebido, definindo-a como um tempo em que o trabalho de transferência não produz mais nada de novo e no qual, no entanto, os efeitos maiores da análise se produzem. Não é por acaso que Lacan o cite cada vez que ele fale do fim, pois o fato de que ele o haja percebido, ainda que o pense tão diferentemente, indica que a lógica do processo domina mesmo a ideia que o analista faz dele.

Há, portanto, graus de experiência. Esse termo designa simplesmente o desenrolar diacrônico da estrutura. Desse fato, há análises que estancam no curso do processo, antes da fase final, outras que ali entram, mas não saem, e outras que encontram uma saída: isso já perfaz ao menos três graus padrão. Quando a análise para antes da fase final, o sujeito suspende, portanto, a opção, isso pode ser por razões variadas, seja por causa das satisfações já obtidas, ou pelo desencorajamento ante as incertezas do que resta a percorrer. É frequente o caso e geralmente isso leva às retomadas de análise. Mas há também análises que se perpetuam sem ir até a fase final em razão das satisfações ligadas à palavra transferencial que às vezes produzem “fans” de análise. Encontrei uma pessoa, fora do país, que estava em análise havia 30 anos, encantado de estar em análise, e que me dizia que ela achava que ia continuar aí o resto de sua vida, a tal ponto o espaço transferencial lhe parecia precioso. Nada a dizer a esse analisante feliz, sobretudo em nosso mundo de des-subjetivação, é uma escolha. No oposto, o grau último que Lacan se há esforçado em precisar, é a saída da fase final, e é desses dos quais Lacan dizia, em 67, que eles não têm mais vontade de suspender a opção, o que faz que a saída seja outra entrada, aquela que faz o analista.

### *Variedade e grau*

Quanto à variedade da experiência, que não provoca dúvida, Lacan dizia que dela seria necessário se construir a série. Essa variedade se apresenta desde a entrada, ela se deve, em primeiro lugar, à natureza e à consistência dos sintomas, muito variáveis de um sujeito a outro, e que mais ou menos fazem prevalecer a expectativa terapêutica ou o interesse didático. Ela se desenvolve sob transferência e se assenta na variedade dos significantes próprios a cada um, mas também a variedade do sentido, que nunca é comum, nem mesmo própria a cada estrutura clínica, Lacan o marcou claramente na *Introdução à edição alemã dos Escritos*. É a variedade das verdades particulares que se persegue na análise. Lembro esse comentário de Lacan: da queixa, a análise não faz senão utilizar a verdade. Ao nosso cargo de saber o que ela deixa de lado, e a questão é de saber como essa variedade se inscreve em variedade de fim. Toda a questão é de apreender o que é a fase final. No momento, sublinho que se os graus são ordenados e definidos pela estrutura da experiência, e não pela variedade dos casos, é bem claro que o que preside as estases e os avanços nessa estrutura, digamos as passagens, não é comandado pela estrutura, mas depende das particularidades dos analisantes.

Mais especificamente, ela depende do que chamamos, na falta de um termo melhor, posição do sujeito, seja sua posição em relação ao real e à verdade, a saber, sua ética. Pode-se dizer que com o trauma originário, a ética assim definida é a mola maior da variedade dos casos de análise e, sem dúvida, é o que decide ou não a travessia da fase final. Não é uma operação do inconsciente, o qual é um imperturbável, é uma resposta do lado do sujeito que *tem* esse inconsciente sem sujeito como ele *tem* seu corpo. No entanto, evocar assim a ética é suspeito de obscurantismo se não se pode dizer qual é a mola da ética de um sujeito. Não se vai, mesmo assim, evocar aqui a natureza, nem a obscura decisão do ser, bela noção, mas que não nos avança muito na ordem das razões, pois ela é seu limite. A posição em relação ao real antinômica a qualquer verossimilhança, esse real aí sendo aquele do sintoma em sua ortografia clássica, entre simbólico e real, é provável, senão demonstrável, que ela não é completamente aleatória. Faço a hipótese de que essa posição ética é função do *sinthome*, seja do dizer constituinte do nó no qual o sintoma real é posto em seu lugar, incontornável, mas limitado, e não constituindo o todo do gozo de um falante, já que há ainda a *jouis-sens*. Eu designaria de bom grado com o termo *gozo-sinthome* a configuração da colisão dos diferentes gozos no nó. Essa configuração é variável de um falante a outro e lhe é mais ou menos favorável, quero dizer mais ou menos dolorosa e mais ou menos insuportável. E, ponto essencial, ao subordinar o enodamento borromeano ao dizer de nomeação, Lacan o subordina ao mesmo tempo ao laço social, o que não deixa ao sujeito senão uma parte de responsabilidade, pois não há auto nomeação, mesmo em Joyce, que sem a aprovação do público não teria sido mais que um megalomaniaco a mais.

Qualquer que seja, essa resposta própria a cada sujeito não se enuncia, ela se manifesta em afetos, antes de fazê-lo em ato. Os afetos que respondem no sujeito ao que ele descobriu na análise são o índice de sua relação singular com o real. É a tese que eu tinha evidenciada e que é consequência do inconsciente-alíngua, como saber não sabido, mas que tem efeitos reais, não somente no imaginário, mas igualmente no real. Nesse nível, do como um sujeito faz face ao destino que lhe faz o inconsciente, eu poderia dizer igualmente que lhe faz seu *sinthome*, não há resposta padrão, é o limite das necessidades da estrutura e a entrada da contingência. A fase final é padrão porque são as necessidades languageiras se exercitando na elaboração de transferência que a condicionam. Ao contrário, a resposta de afeto ao saldo do processo não é, é verdadeiramente do um por um, e não somente na análise, alias. De onde a ideia de Lacan que se trata de se reconhecer entre congêneres, tal como no amor, no fundo.

Gostaria, então, agora de ordenar diversas figuras da contingência final, tais como eu pude percebê-las.

### *Três figuras do fim*

Há análises que param no que eu chamo uma “fixação”, com um x, de verdade. Que a verdade tenha estrutura de ficção, sem x, isso implica que ela não se fixe: ela está sempre mudando, correndo atrás de sua própria miragem. A ficção é um misto de simbólico e de imaginário. Chegar a fazer fixação, com um x, da verdade, seja fixar uma verdade, é uma mudança possível, que coloca um termo à elaboração de transferência, mas sem abrir à fase final. Nesse caso, o sujeito, recolhendo o que construiu sob transferência do sentido de seus sintomas, se reconhece no modo como ele estrutura sua relação com os outros, e com a realidade em geral, ele está de acordo com isso. Poderia dizer que ele se identifica o suficiente com seu fantasma para acreditar que conhece sua verdade, e desconhece que ela não é toda, para confundi-la, no fundo, com seu real, em todo caso, para amá-la. É uma outra solução que a identificação ao sintoma. Ela não escapa ao que Lacan nomeia “ficção da mundaneidade”, e passa ao largo, se se quer assim dizê-lo, do inconsciente real (ICSR) por uma fixação de sentido, mas ainda assim ela permite parar o processo, e não sem satisfação. Nada a dizer de novo, no fundo. Ela também põe fim à queixa, e tanto melhor que a análise, “da queixa não faz senão utilizar a verdade”, dizia Lacan. Nesse caso, o sujeito, se ele faz o passe, testemunhará de sua própria verdade, mais que da mentira da verdade.

Outro caso de figura, a estase na fase final. O sujeito não desconhece o sem sentido que faz limite à verdade, ele pode mesmo fazer sua provação repetida, mas ele não quer acreditar, ele permanece um incrédulo do ICSR. Ele se instala então nas intermináveis satisfações aborrecidas da equivocação, próprias à fase final, não cedendo de seu amor pela miragem. E se ele para, será por desencantamento ou simples falta de interesse de que reconheceu os limites, talvez mesmo vislumbrou seu horror de saber, mas sem que nenhuma *Aufhebung* subjetiva o suspenda. E, nesse caso, se não fosse necessário ganhar a vida, é provável que ele sairia do campo. Não podendo sair, a psicanálise será para ele somente um trabalho como outro. Pode-se dizer que Lacan se esforçou muito para que a psicanálise não fosse somente um trabalho, a questão ainda presente no *Prefácio*, mas uma subversão. Será que isso é puro idealismo invendável pelos tempos que correm? Creio pessoalmente que Lacan tinha razão, mesmo do ponto de vista do realismo. Porque no fundo, se a psicanálise se acabasse, haveria ainda assim para ela duas maneiras de perecer: ou bem, tendo saído de sua extra territorialidade, desaparecer no pântano dos psi, e seria o fim de todo o porvir, ou bem desaparecer sem se renegar, do fato que sua subversão própria teria se tornado obsoleta no discurso do tempo – o que deixaria ao menos suas chances para um retorno possível. Isso para dizer que a questão das sequências, que se põe para cada análise, é estritamente ligada às sequências eventuais da psicanálise ela mesma. O porque de Lacan dar ao passe uma incidência política.

Enfim, um fim pela saída da fase final. Quando o trabalho da transferência conduziu ao “não posso saber” de fim ao qual é necessário adicionar o “não posso reduzir o sintoma a zero”, resta tomar ato desses dois limites, e se situar em relação a eles. Aí começa o problema do fim possível, mas no sentido em que o possível é o que pode não se produzir. Em todo o caso, Lacan produziu os índices dessa tomada em conta realizada, que deveria permitir de se a reconhecer, e são índices padrão aí também, mas todos índices de afetos. Não se acentuou o suficiente esse ponto. Eu os lembro: na *Proposição*, é a paz que virá marcar o fim do que chamei de turbulências; em *L'étourdit*, é o luto efetivado, ufa!; no *Prefácio*, é a satisfação que marca o fim. É suficiente dizer que o analisante, se ele passou, nas sequências da análise, será um sujeito que, desde então, assume ser o que ele é de real, e isso inclui o que é impossível dizer e saber. Lacan nomeou o que é de impossível, primeiro “em-si do objeto *a*”, depois real antinômico a toda verossimilhança. Isso não impedirá, mesmo assim, o analisante de ter uma ideia do que ele é como *sinthome* incluindo o fantasma. A partir de então, terminadas as elucubrações, ele não pensa mais no que ele é, ele pode colocá-lo em ato, pois as condições do ato terão sido realizadas. Este é o lado dinamizante do fim de análise. E então, ele pode também se prestar legitimamente, para outros, a tomar o lugar de causa. Digo legitimamente porque ele sabe que a saída está na ponta.

Nos três casos que evoquei, a variedade se ordena na ordem do discurso, e comanda as diversas paradas e franqueamentos. A questão desde então é de saber aquela que convém para fazer um analista. Lacan, a partir de 1974, e não antes, preconizava escolher, ele muitas vezes até utilizou a palavra “triar”, somente aqueles que marcam esses afetos positivos que ele nomeou entusiasmo ou satisfação, afetos que, segundo seus últimos textos sobre o tema, são exigidos com urgência. No primeiro caso, aquele da *Nota italiana*, de 1974, a urgência é que a psicanálise continue a “ter preço no mercado” (*faire « prime sur le marché »*), ela concerne então a extensão da psicanálise e sua sobrevivência na civilização do capitalismo. Na segunda, o *Prefácio*, de 1976, a urgência é de fazer a análise finita, de um analista possível, aquele que pode acompanhar as turbulências do fim porque ele experimentou a saída possível. Intensão, portanto. As escolhas que ele preconizava não são caprichos, elas seguem estritamente o que ele elaborou da estrutura, e dos graus do processo que ela comanda.

Mas, e eis o “mas” da resistência ao passe e à ideia de um fim identificável, resistência presente em surdina, mesmo nas escolas nas quais ele está instituído, os graus implicam que não há paridade entre os analistas. Dito de outro modo, e Lacan o formulou desde 1967, há aqueles dos quais se pode esperar mais para a psicanálise. Com o passe, ele propunha de avaliá-lo, ele

dizia mesmo de coloca-lo em causa “*com o fim de exame*”.<sup>45</sup> Comentário evidentemente intempestivo às orelhas de todos aqueles a quem anima o ideal de paridade, tão forte em nossa época, até mesmo o ponto em que alguns acreditam que os ideais tenham desaparecido. Entre os analistas lacanianos, admite-se facilmente que não há paridade entre os gozos dos dois sexos, mas a disparidade dos analistas, isso faz gritar. Tanto que a *hystorização* própria da análise reduplica o impossível em jogo na análise. Quer-se então, a rigor, julgar os praticantes, admitir que há alguns dentre eles melhores que outros, mas para o que é do ser analista, analisados é outra coisa. Lacan, ele mesmo, se viu confrontado com o fato de que para organizar, não há Outro do Outro, de onde a ideia de se remeter aos congêneres. Fazer apelo aos congêneres não é fazer apelo ao saber. No sentido próprio, biológico, os congêneres são aqueles que têm o mesmo gozo e o mesmo modo de reprodução. No caso presente, os analistas são ditos congêneres, pois se espera que eles tenham atravessado as mesmas transformações de desejo e de gozo, percorrendo todos os graus do processo até o desejo do analista. Não se faz mais que esperar, de fato. O que me leva de volta ao que já disse em outras circunstâncias, que o que conta no dispositivo do passe são menos as nomeações, sempre aleatórias, do que o trabalho de Escola que o dispositivo produz, quando há uma Escola, evidentemente. Entendo por isso não somente as apresentações, mas o trabalho dos passantes, dos passadores, dos cartéis e do que daí se transmite, que pode ser questionado no conjunto. Concluo: para a análise, segundo Lacan, é seu fim que a constitui como experiência original, na falta do que ela não é senão a experiência toda vinda da transferência. De maneira homóloga, pode-se dizer que é o trabalho da Escola que constitui a Escola em experiência original, na falta do que ela não é senão o todo vindo da associação.

*Tradução de Paulo Rona*

## CONTRIBUIÇÕES DOS A.E.

**Marcelo Mazzuca (A. E., Argentina)**

### O analista analisante

Esta é uma expressão que tomo de um colega do Fórum Analítico do Rio da Prata (Matias Buttini), e que de algum modo sintetiza ao menos parte do trabalho preparatório que realizamos em Buenos Aires com vistas ao Encontro Internacional de Escola. O que me interessou no trabalho fizemos em nível local não é tanto o estatuto do analisado mas o da formação contínua do analista, mais precisamente o modo pelo qual aquele que passou ao lugar de analista pode retomar sua posição analisante.

Sobre esse ponto lembro sempre das palavras de Lacan, que privilegiava as formações do inconsciente em relação à formação do analista. No que concerne ao analista, então, tratar-se-ia mais de um produto que de uma formação. Por isso, minha pergunta é a seguinte: o que ocorre com as formações do inconsciente após a transformação produzida pelo final de análise? Segunda pergunta: quais são os caminhos em transita a formação do analista no marco de uma Escola como a nossa?

Nesses últimos tempos temos seguido Lacan em suas elaborações sobre o lapso e o sintoma □ muito presentes no período final de seu ensino □ e estamos na tarefa de medir as consequências clínicas implicadas em sua concepção de inconsciente real. Pois bem, o que dizer do sonho, cuja importância nos testemunhos dos passantes já foi suficientemente sublinhada? Que ocorre com

<sup>45</sup> Lacan J., « Discours à l'EFPP », *Scilicet* 2/3, Paris, Seuil, 1970, p. 19.

os sonhos no final de análise e após a experiência do passe? Esta é a pergunta que tento responder a partir da minha experiência pessoal.

Antes de fazê-lo gostaria de recordar o que a formação do analista deve □ ao menos para Freud □ ao uso da interpretação dos sonhos.

### 1. A formação do analista e as formações do inconsciente.

É conhecido o conselho que dava Freud frente à pergunta: como alguém pode se tornar analista? Mediante a interpretação de seus próprios sonhos. Considerava esse exercício como uma pré-condição, à qual agregou uma exigência maior: Todo aquele que pretenda levar adiante uma análise em outra pessoas □ dizia Freud em seus *Conselhos ao Médico* □ deve submeter-se antes a uma análise com um especialista. Finalmente, em *Análise terminável e interminável*, esta condição toma a seguinte forma: adquirir na própria experiência de análise a firme convicção da existência dos processos inconscientes.

A esta condição, que admitimos como necessária mas não suficiente, Lacan agregou outras, que poderíamos considerar como condições suplementares e enumerá-las da seguinte maneira: Um, a convicção a respeito da inconsistência do inconsciente; dois, a convicção a respeito da inexistência da relação sexual. E, finalmente, no que diz respeito a operação, o ato de destituição subjetiva, condição de possibilidade da emergência de uma desejo subvertido e renovado, um desejo de saber. Ainda assim, dificilmente se pode sustentar que a relação com o inconsciente deixe de existir. Em todo caso, o desejo que o habita fica transformado. Devemos então admitir e interrogar o aspecto interminável dessa relação com o desejo inconsciente e com a formação do analista que depende dele.

Por estas razões, poderia em alguns aspectos concordar com Freud, que propunha aos analistas retomar suas análises a cada cinco anos, ainda que não concorde com dois pontos que considero essenciais. Primeiro, porque não me parece que se possa determinar de maneira geral de quanto em quanto tempo um analista deve retomar sua posição analisante. Isso, já o sabemos, se decide caso a caso. Mas fundamentalmente □ e esta seria minha segunda objeção □ porque não creio que seja estritamente necessário voltar ao dispositivo freudiano para que o analista faça lugar para a condição analisante. Por exemplo, Lacan a retomava □ a sua maneira □ no trabalho de seu Seminário.

Como diz o próprio Lacan em *O Aturdido*, passar pela experiência do final de análise pode levar ao analisado a fabricar para si uma conduta, sem por isso supor que seu inconsciente tenha sido totalmente eliminado. Pelo contrário, é sobre a base de sua relação com o inconsciente que o analisado poderia criar sua conduta. Na vida em geral e na sua em sua relação com a psicanálise em particular, já que é desse inconsciente □ como diz Lacan □ do qual oportunamente se vale para dar uma interpretação. Só que se trata agora de um inconsciente que passou pela prova suas impossibilidades: o sexo, o sentido e a significação.

Em síntese, graças à proposição de Lacan, a formação dos analistas conta com uma via alternativa: a do dispositivo do passe (em particular) e a do trabalho de Escola (em um sentido mais amplo).

Dessa forma, volto à pergunta inicial: a partir da transformação e do ponto de retorno operado pelo passe, quais são os usos do sonho que podemos esperar dessa renovada relação com o inconsciente? Sabemos que o sonho como realização do desejo vai na direção contrária do ato. Nesse sentido, é mais uma irrealização do que uma realização. Mas, essa é sua única dimensão? Não é o que pensava Lacan, quem, em seu décimo quinto Seminário, dizia do sonho o seguinte: É um fenômeno que tem possui muitas outras dimensões além da de ser a via régia para o inconsciente...existem muitas outras dimensões do sonho que mereceriam ser explicadas. E, em última instância, o assunto crucial é o uso que fazemos dele. Não haveria porventura outro caminho que em direção ao desejo que habita esse escorregadio campo do sentido, um que se diferenciava do caminho da decifração, cujo objetivo central é promover o sentido e vetorizar a palavra?

## 2. Os usos possíveis do sonho

Tive a oportunidade de testemunhar sobre algumas formações oníricas □ que denominei sonhos-índice □ que cumpriram para mim uma função diferente: índices de uma posição o de uma decisão adotada frente à encruzilhada do real, mais precisamente, frente ao fato de que por trás do dito se esconde um dizer. O exemplo mais claro encontro em um sonho produzido assim que havia terminado a análise e antes de minha experiência no dispositivo do passe. A imagem do sonho era a seguinte: *derretiam-se dois ou três dedos de minha mão*. Um simples e nítido sonho de castração, sem nenhum alcance de sentido. No máximo poderia extrair dele uma cifra. Era mais uma resposta, uma tomada de decisão frente à oferta do dispositivo do passe, um juízo aberto sobre uma decisão a tomar.

Deixo os detalhes deste sonho-índice, dobradiça entre a análise e o passe. Passo então ao relato do único sonho, posterior à experiência no dispositivo do passe, no qual aparece quem foi meu analista. Escolho esse sonho entre outros, pelo que ele indica sobre um desejo de Escola.

A situação do sonho é a seguinte: *dirigia-me a casa-consultório de quem foi meu analista, onde havia outras pessoas que pareciam formar parte de um grupo de estudos. O clima era muito relaxado e divertido. Sobre uma pequena mesa estava apoiado um livro de capa amarela, com algumas marcas (como se parte de suas letras estivessem marcadas). Era uma publicação de quem foi meu analista com seus colaboradores, sobre o tema do ato analítico. Pergunto com interesse sobre o conteúdo da publicação, mas aquele que foi meu analista lhe retira todo valor e importância. Finalmente, deixo aquela casa-consultório, sentido que não era inteiramente bem-vindo. Até aqui o sonho.*

O que rapidamente pude notar foi a semelhança da capa do livro do sonho com a versão impressa que tenho do *Seminário 15*. Mas, sobretudo, a semelhança da capa com o cartaz <sup>46</sup>(cartel) de publicidade de um dos candidatos ao governo de Buenos Aires. A estratégia publicitária gráfica dessa campanha era a seguinte: mostrava-se □ sobre um fundo amarelo com serpentinas coloridas □ uma foto com o estereótipo das pessoas por quem evidentemente o candidato a Governador não tem simpatia alguma. Por exemplo, uma pessoa com a camiseta do River Plate (equipe de futebol da qual sou simpatizante), rival histórico do Boca Juniors (equipe de futebol da qual o Governador foi presidente). À imagem se agregava a seguinte legenda: *vós sois bem-vindos*<sup>47</sup>. Só que o cartaz que eu havia visto nesses dias havia sofrido uma espécie de intervenção urbana que valia como uma interpretação. Na palavra VÓS haviam agregado um traço à letra V (transformando-a em um N), além disso havia cortado a letra S, transformando a frase de Vós sois bem-vindos em Não sois bem-vindos Até aqui o que correspondia ao lugar dos restos diurnos que motivaram o sonho.

Acrescento que por essa época estava interessado em estudar o Seminário de Lacan sobre o ato psicanalítico, o que finalmente estou fazendo hoje em dia em um trabalho de cartel. Havia dito a mim mesmo que não podia deixar passar mais tempo sem ler esse Seminário detalhadamente, em um momento no qual minha experiência do passe e minha tarefa como AE estavam perdendo um pouco de força e vivacidade. Evidentemente estava procurando algum Outro que me trouxesse o saber sobre o ato psicanalítico, e entendo que daí surge o valor do sonho. É como se recebesse a seguinte resposta: *não é bem-vindo, não há nem neste consultório, nem neste livro algo que lhe possa servir. Terá que arranjar-se com o que tenha conseguido saber do ato a partir de sua própria experiência como analisante e, eventualmente, retomá-la desde os limites desse saber.*

Então, para terminar, deixo algumas impressões do pequeno trabalho que como analista-analisante fiz desta última formação onírica.

1. O efeito de afeto foi claro e contundente: a partir daí retomei com muito mais força e entusiasmo a tarefa que vinha realizando na qualidade de AE.

<sup>46</sup> (NT) O termo em espanhol para cartaz é cartel.

<sup>47</sup> (NT) Em espanhol: *Vos sos bienvenido* que se transforma em *No sos bienvenido*.

2. A palavra *cartel* - único elemento do sonho que admitiria funcionar como significante - representa o sonhador para o Outro da Escola e lhe empurra à posição de analisante.

3. Este pequeno espaço e este breve lapso temporal que o trabalho do sonho reabre oportunamente, atualiza as bordas da letra através das quais o ato encontra seu ponto de apoio e sua condição de possibilidade.

4. Por último, que o sentido que atribuiria ao sonho, se é que tivesse algum, seria o seguinte: *não há doutrina do ato analítico que assegure sua subsistência*. O que me evoca um comentário de Lacan que cito para finalizar: É muito desagradável, dizia Lacan, que cada psicanalista esteja obrigado, posto que é necessário que esteja obrigado a isso, a reinventar a psicanálise.

*Tradução de Luís Guilberme Coelho*

## **Cora Aguerre (A. E., Espanha)**

### **O advir do sintoma**

No início, o sintoma apresenta-se como sofrimento, impedimento, barreira, o que vai mal, como disse Lacan em sua conferência intitulada *A terceira*, o que faz obstáculo no caminho. Para que a experiência analítica aconteça é necessário que o sintoma também se apresente como enigma, que dele algo se queira saber e que tal interrogação se dirija ao analista.

No princípio de sua prática clínica, Freud postulou e se apoiou na vertente simbólica do sintoma, porém muito rapidamente percebeu que havia algo que resistia e que insistia. Algo se satisfazia no sintoma e esse descobrimento o conduziu a abrir uma nova via de investigação para dar conta deste desprazer paradoxal ao qual o sujeito estava amarrado e que insistia, não cessava.

Nas conferências de *Introdução à psicanálise*, existem duas delas *O sentido do sintomas*, Conferência número XVII e *Os caminhos da formação dos sintomas*, Conferência número XXIII, cuja leitura é recomendada por Lacan na Conferência Genebra do ano de 1975. Este é um momento de virada de Freud, no qual está em jogo a verdade porém articulada ao gozo.

Na Conferência XXIII, Freud escreve: *O sintoma repete de algum modo aquela modalidade de satisfação de sua primeiríssima infância, desfigurada por sua angústia que nasce do conflito....*<sup>48</sup> Em seguida continua dizendo que *A modalidade de satisfação que o sintoma sustenta tem muito de estranho*.

Que o sintoma tem um sentido a partir do qual se goza, é o que essas conferências apresentam. Freud chama-lhe satisfação e se trata de uma satisfação da qual o sujeito se queixa. Freud evoca o conflito psíquico consciente, sob cuja pressão se forma o sintoma, como modo de gozo. Se refere à causação dos sintomas, dizendo pela análise dos sintomas tomamos conhecimento das vivências infantis em que a libido está fixada e desde as quais se criam os sintomas.<sup>49</sup> A chave da formação do sintoma é para Freud pulsional, e a satisfação pulsional é um real.

O tema do sintoma atravessa a experiência analítica do princípio ao fim. Trata-se no passe de dar conta do que foi o advir do sintoma e como a partir de um dispositivo de palavra se pode mudar algo no núcleo do gozo. O que está em jogo na experiência analítica é uma satisfação pulsional e a questão que se coloca é como conseguir para o sujeito, um novo acerto com o gozo.

<sup>48</sup> Freud, S. 1916-1917. Conferencia de Introducion al Psicoanálisis. Conferencia XVII p.333. Volume XVI Buenos Aires Amorrortu editores.

<sup>49</sup> OP.Cit.p.334.Volume XVI. Amorrortu editores

O umbigo do sintoma, a matéria inicial com a qual o sintoma se nutre é o que Freud chamou o sexual como traumático e é ao que Lacan se refere quando disse que a relação sexual não existe. A entrada do significante no vivente comporta um traumatismo, e confronta o sujeito com o sexual introduzindo-o em uma discordância da qual não poderá sair.

Não há relação sexual que se possa formular na estrutura dos seres falantes. A relação sexual não se pode escrever, há um buraco, um furo, um hiato entre os modos de gozo, o modo masculino e o modo feminino, que não permite a complementariedade no casal. Essa seria uma verdade a partir da qual se construiria a variedade do sintoma. Freud postula que os sintomas sempre estão ao serviço da satisfação sexual, ou dito de outro modo, respondem à essa falta de relação sexual, respondem de uma maneira singular, ao que cada um encontra, a partir da contingência, para poder fazer com que não anda, para poder fazer com a falta de relação sexual. Quando recorremos a um analista é porque algo da resposta que damos não nos vale para nos sustentarmos, para poder fazer.

Na Conferência de Genebra, Lacan postula que as coisas acontecem muito precocemente, tal e qual Freud o postula na conferência XXVIII. Os sintomas se cristalizam muito cedo para o sujeito e isso ocorre como resultado da impregnação da linguagem na criança. Nesta conferência, Lacan fala da marca que deixa o desejo dos pais e da maneira com que a criança foi falada por eles e como se instalou um modo de falar. Se pergunta Como antes de Freud se pode de tal maneira desconhecer que essa gente a quem chamamos homens e eventualmente mulheres, vivem no falatório.<sup>50</sup> O acento está posto sobre a língua e como ela faz corpo. O primeiro traumatismo seria o causado pela língua que marca o vivente. O efeito da língua volta a surgir, nos diz Lacan, nos sonhos, em toda sorte de tropeços, em todas as formas de dizer, em função da maneira em que a *alíngua* foi falada e também escutada, por cada um em sua particularidade. É, se me permitem empregá-lo pela primeira vez, nesse materialismo (*moterialismo* da palavra) onde reside o pretexto do inconsciente- quero dizer que é o que faz com que cada qual não tenha encontrado outras maneiras de sustentar o que recém chamei sintoma.<sup>51</sup>

Não se trata só da palavra falada, mas também escutada por cada um em sua particularidade. Há uma eleição por parte do falasser, de privilegiar uns significantes em detrimento de outros e isso aparece ao longo da cura\ e tem efeitos na experiência da análise. Há uns elementos escolhidos pelo sujeito, privilegiados em detrimento de outros e que determinam sua existência.

Em meu testemunho me referi ao você foi e é muito querida, que escutei do Outro materno com insistência na infância e que marcou minha existência .O Outro nos fala e sua palavra nos impregna, nos marca, afeta o corpo e faz sulco, tem efeitos no vivente. Esse muito querida, me deixava as expensas do Outro, em uma relação fechada, de asfixia e que se tornava mortífera para mim. Ao muito querida respondia fazendo--me querer, e isso implicava uma renúncia de vida. Encontrava-me aprisionada e respondia a partir do ideal, dos significantes amos. Quando a partir da experiência analítica e da queda dos significantes amos, a separação pode operar, esse muito querida se transformou. A partir do equívoco do termo, as amarras puderam se soltar, e o que ficou foi a parte libidinal, o traço de desejo e de vida. Uma mudança radical do mortífero para o vivificante.

A experiência analítica tem a partir da palavra incidência sobre o real do gozo do sujeito. Produzem-se novas inscrições que têm efeito na vida e que permitem uma mudança em relação ao desejo e ao gozo.

A palavra faz traço. Mediante o escrito a palavra faz sua brecha e tudo o que é da ordem do escrito gira em torno do traço unário, do UM. Marca dessa coalescência entre gozo e palavra, entre simbólico e real. É por essa coalescência que no último ensino de Lacan o termo sujeito é

<sup>50</sup> Lacan J. 1972- Conferência de Genebra sobre o sintoma. *Intervenciones y Textos* 2, p.124.

<sup>51</sup> Op.Cit.p.126

substituído por falasser. O significantes encarnam no corpo e por isso Lacan disse neste mesmo seminário que o significante é causa de gozo.

No sintoma está em jogo a dimensão da repetição e a fixação. O sintoma como o que não cessa de se escrever e que se apoia nessa marca da qual nos fala Lacan na Conferencia de Genebra. É preciso distinguir a repetição do sintoma na cura do que resta como sintoma ao final de uma análise. O que permanece, o que insiste como traço e que é aquilo que cessa, as amarras das quais nos fala Lacan e que se soltam. Lacan elabora o conceito de repetição em 1964 e o que está em jogo é o real. As teses referidas à repetição se jogam na união do sujeito ao real. A repetição enquanto se manifesta em forma constante e não evanescente funciona como indício do real no coração dos fenómenos inconscientes. A repetição é a reiteração da marca do Um, contingência inscrita como necessidade, convertida em necessidade que compete à escritura.

No avesso, Seminário XVII, Lacan enuncia que o traço unário é o que ele aportou como marca, traço na relação com o gozo. É um bastão e sua melhor representação é o traço de escritura. É o elemento basal do inconsciente e opera duplamente, por um lado produz gozo e por outro lado esvaziamento. O traço unário atua no ser vivente, atua no real, como ciência diz Colette Soler em seu livro *A repetição na experiência analítica*. O aparecimento das pulsões parciais são efeito da marca que faz aparecer o furo, a falta e o pulsional em jogo. O objeto tem consistência de vazio e se aborda mediante o trabalho do analisante. A associação livre leva o sujeito a poder circunscrever mediante a palavra o pulsional em jogo. Depois de numerosos percursos e rodeios a partir dos ditos e dos não ditos o dizer em jogo se esclarece. Só no final o objeto aparece com essa consistência de vazio. É aí, quando o Outro da demanda cai, que o objeto *a* aparece como o que é, como semblante. Por trás do objeto *a* está o vazio, a abertura para o real da estrutura.

A travessia da fantasia implica que o sujeito se aproxime do vazio e isso tem um efeito incômodo. O analisante se agarra à segurança e ao conforto que a fantasia lhe dá e que nos permite ver sempre o mesmo, ainda que seja uma falsa segurança. A fantasia é a resposta que o sujeito dá à castração do Outro, ao que não funciona na impossível relação sexual e seu atravessamento nos confronta com o furo. A questão é se o sujeito pode se separar desta demanda do Outro em seu modo de viver a pulsão.

Em *Televisão* Lacan disse que o discurso analítico promete algo novo. Que seria o novo? Em uma análise há apenas a dimensão da leitura ou também trata-se da experiência da escritura? O que daria ao falasser a possibilidade de viver de outro modo o pulsional, como poderia surgir a satisfação ao final que seria a grande virada a respeito do sintoma do início, que aparece como queixa, e mesmo quando há satisfação é uma satisfação que implica sofrimento. Se uma análise vai mais além de interpretar o retorno do reprimido, podemos dizer que a partir dos últimos desenvolvimentos de Lacan algo novo se pode escrever que tem efeitos na vida do falasser.

Na dimensão da fantasia está em jogo a castração e a intenção do falasser de tamponar a castração do Outro. Quando o sujeito fala na análise, começa a recordar e a perceber o lugar que ocupou para o Outro. A análise nos leva a perguntar pelo desejo de nossos progenitores, mas também por nossa implicação na resposta. Estas questões se fazem presentes na cura a partir da colocação em jogo da transferência. O tratamento vai permitindo nos separarmos do Outro da demanda e darmos peso ao desejo e ao gozo que estão em jogo. É um longo percurso, pois a partir de minha experiência poderia dizer que passamos longo tempo em que vamos vivendo, percebendo o lugar que tivemos para o Outro, porém é mais difícil cernir com clareza para poder tirar conclusões que nos desalojem desse lugar. Em meu testemunho disse que via e não via esse lugar, via e voltava a velar, pois é uma zona da qual nos custa aproximarmo-nos.

A experiência de análise toca a fantasia, é uma operação sobre a fantasia e é o que permite sair do imbróglio, do atoleiro e passar da impotência ao impossível. Na análise trata-se de como por

meio de uma operação simbólica se pode chegar a delimitar finalmente qual foi a experiência específica do gozo, o ponto de fixação da pulsão, como inscrição de uma satisfação a nível do corpo ligada à demanda do Outro. Fazer-se ser. O fazer-se chupar, escutar, fazer-se ver, é colocado em jogo no transcurso de uma análise na transferência e que no final aparece de modo menos velado. Nos queixamos da gulodice do Outro, mas o que descobrimos é nossa implicação neste fazer-nos ser silencioso e insistente. É por isso que Lacan insiste que o final do tratamento está relacionado com a travessia da fantasia.

Quando se passa do fazer-ser pelo Outro, do ser ligado à demanda, ao ser do próprio sintoma, nos é permitido ir mais além da demanda e fazer outro uso do sintoma, já não ao serviço de sustentar o Outro, mas de poder apoiar-se no sintoma. No transcurso da análise há uma passagem da posição de objeto em jogo na fantasia à posição de sujeito, como sujeito do desejo, o falasser, tomando o último ensino de Lacan.

A fantasia funciona como defesa frente ao desejo do Outro, e quando esse Outro cai, o sujeito se confronta com a castração do Outro e a sua própria, e pode passar da dimensão da alienação à separação. Já não há uma tela que nos permite ver sempre o mesmo, mas há a dimensão da contingência. A questão da experiência analítica aponta para o atravessamento da fantasia e isso leva a explodir o sintoma.

Em minha experiência, a partir da travessia da fantasia, me encontrei primeiro com o entusiasmo, a alegria do final, porém voltando a esse momento reconheço que houve para mim um tempo em que me encontrei um pouco perdida. Algo havia caído, me encontrava aliviada, mas também desorientada. Houve para mim um tempo de silêncio, outro tempo de trabalho e logo a partir de aí, um poder fazer com o sintoma, um poder fazer que já não está a serviço do Outro.

Há algo de onde se sai, um corte se opera, há um ato, o da saída de análise e uma satisfação possível. A partir da queda do sujeito suposto saber se produz o ato. O ato supõe que esse lugar tenha sido esvaziado, e é como consequência disso que se produz.

Pode-se dizer, que se experimentam de um novo modo as possibilidades e limitações e o desejo se pode realizar. A decisão de fazer o passe é também um ato, pelo qual se sai da indeterminação e se toma uma decisão. O ato emerge aí, onde não há escritura, a partir do não há.

Algo para além do sujeito promove o empuxo ao ato. A experiência do passe, me permite re-escrever a história, amarrá-la e também a experiência da análise. Para mim foi uma experiência de comoção transmitir ao outro, que também está no momento do passe, o que a partir da palavra se pode cernir e os efeitos que isso teve no advir do sintoma. Comoção em um primeiro momento e alívio em um segundo tempo. Tentarei pontuá-lo a partir de dois pontos.

Da histeria até a virada final, a queda do pai, permitiu uma mudança muito importante, uma mudança e o surgimento de algo novo. Sair da posição de sustentar o Outro e da insatisfação e passar para possibilidade do desejo realizado. Por outra parte no percurso da análise e no final há algo de novo que se inscreve. Na histeria diria que o sujeito pode passar da não inscrição do ser como sexuado para assumir uma posição sexuada e aceder à feminilidade. O sujeito histórico tem dificuldade com seu ser sexuado. A mascarada não faz o feminino. Em algumas ocasiões a mascarada é apenas semblante, pois a feminilidade não está em poder se fazer desejar pelo Outro, mas sim em poder se fazer de objeto, para desse modo ter acesso à feminilidade. Quando uma mulher está mais para o lado do falo, mais se encontra protegida em relação à feminilidade. Isso é o que se passa também no final, pois se falamos de uma nova satisfação temos que pensar em desejo, corpo e gozo estão em jogo. Isso seria algo de novo que se pode inscrever, ou seja, o ser sexuado do sujeito. Poder consentir ao não toda da feminilidade e ao real em jogo no ser feminino.

A castração está no centro da questão e o sujeito feminino a partir da experiência da análise fabrica, inventa uma resposta que não se origina unicamente a partir do falo. A castração deixa de não inscrever-se e se inscreve. Lacan diz isso de maneiras diversas:

a análise faz da castração sujeito ou a histérica só se percebe castrada a partir da análise.<sup>52</sup>

Para Lacan a questão do final de análise não é tanto o advir do inconsciente, mas o advir do sintoma, quer dizer do modo de fazer suplência ao que falta na estrutura.

Em meu testemunho coloquei o acento em como para mim desde a infância, o que despertava curiosidade era o que via e escutava ao meu redor, os avatares de minha família. O encontro muito cedo com a morte, a loucura e a sexualidade marcaram em mim um interesse especial em querer saber como fazer com isso. O saber me aliviava, tornava tudo menos insuportável. Isso me mantinha suspensa, tentando mediar, solucionar conflitos, escutá-los. Era de algum modo a confidente e essa posição me impedia de dedicar-me com êxito em aprender, a estudar, sempre ocupada, absorvida, habitada por essas questões, pelas misérias e dramas familiares. Os estudos e a escola, me pareciam sem importância, e por isso para mim tornaram-se sintoma. Em decorrência na adolescência fui levada a um analista, pois minha posição me deixava às expensas do Outro, angustiada e inibida. O que via e escutava me ultrapassava, me produzia sofrimento e me deixava em um gozo mortífero que me esgotava.

A experiência analítica permitiu que aquilo que constituía um impedimento, um sofrimento se transformasse. Da curiosidade de querer saber o que animava a vida dos que me cercavam, como faziam com o amor, o desamor, a loucura e a morte, a partir da travessia da fantasia e da experiência do vazio, surgiu o desejo do analista que se trança com o sintoma.

Trata-se de uma curiosidade demarcada, de um vazio curioso, tomando as palavras de Colette Sepel, o que se encontra é que há algo para os seres falantes, para o falasser que não anda, e para isso não há remédio não há mediação possível. Há invenções, maneiras, modos de fazer com isso, com o que não anda. O modo de fazer com isso é sintomático, leva a marca, o selo de cada um.

*Tradução de Elisabeth Miranda*

## **BIBLIOGRAFÍA**

Freud, S. 1916-1917. Conferencia de Introducción al Psicoanálisis. Conferencia XVII y Conferencia XXIII. Obras Completas Sigmund Freud. Volumen XVI. Amorrortu Editores.

LACAN, Jacques. Lituraterre, 1971.

LACAN, Jacques. La tercera Conferencia de Jacques Lacan (noviembre de 1974)

LACAN, Jacques. Conferencia de Ginebra sobre el síntoma Jacques Lacan (1975).

Intervenciones y Textos 2. Editorial Manantial. (2010).

---

<sup>52</sup> Lacan, J. Compte rendu du Séminaire La Logique Du Fantasma. *Autres Écrits*. Ed. Seuil, Paris 2001, p. 323 .

## Trabalhos dos cartéis do passe

### CARTEL 1

**Marc STRAUSS (França)**

## Se fazer ouvir, ou a marca de suspensão do singular

O que dizem os cartéis do passe ao responder “Sim” ou “Não” ao passante, senão “Ouvido” ou “Sinto muito, não foi ouvido. Impossível saber onde algo não passou: se em você já, se nos passadores, se em nós...”.

Evidentemente, seria mais tranquilo para os cartéis não ter, além disso, que fazer os membros da Escola ouvirem o que eles ouviram. Donde se revela que a tarefa do passante e a do cartel é a mesma: se fazer ouvir.

Como podemos, porém, saber que estamos nos fazendo ouvir? Pela resposta obtida, evidentemente. Quanto mais curta ela é, há menos riscos de mal entendidos. A resposta mais simples, portanto, é ouvir a si mesmo dizer sim para aquele a quem está se endereçando. Um sim que não é necessariamente de assentimento ao que foi dito, mas que pode muito bem se limitar a significar que se está escutando.

### **Diálogo**

Está mesmo aí o próprio disparador de nossa prática: dizer sim ao paciente para encorajá-lo a falar. Ele está em função, quer pronunciemos este “sim” ou que nos contentemos em significá-lo por um vago resmungo, e até mesmo que permaneçamos em silêncio.

Mas aí ainda, esse “sim” é apenas inaugural. Ainda que seja preciso também que o locutor saiba o que foi ouvido daquilo que ele disse. Essa tarefa, na maior parte das vezes, é incumbida ao ouvinte presente que enuncia por sua resposta o que ele ouviu, retomando o que o primeiro disse e a ela acrescentando as reações de sua própria criação, pensamentos e emoções, tanto conscientes quanto inconscientes. O locutor ficará, então, satisfeito por recolher pela resposta do outro o sinal de que ele foi ouvido, tanto como ser falante quanto naquilo que ele disse de si mesmo. Isso poderia lhe bastar para sentir gratidão por seu interlocutor, mas nosso sujeito tem um problema: se ele sabe mais ou menos o que quis dizer, de que quis falar, ele não sabe o que, na realidade, ele disse de si mesmo. O outro, o interlocutor, o interpretou. O sujeito quer, portanto, saber o que ele disse, e ele vai fazer seu interlocutor dizê-lo. Por isso, ele vai retorquir a partir de sua própria interpretação daquilo que o outro interpretou, e assim o diálogo prossegue...

Podemos resumir a vida dos falasseres a deslocamentos em função dos diálogos que eles desenvolvem com seus múltiplos interlocutores, quer eles sejam escolhidos ou obrigados na maioria das vezes, a começar pelos pais. E daí podemos deduzir que todo diálogo, para além de sua multiplicidade, carrega inevitavelmente a questão do Ser e que ele se interrompe apenas com a última palavra, com a morte. Em outras palavras, o sujeito nunca saberá se ele foi ouvido naquilo que queria dizer.

### **Diálogo analítico**

Sabemos que a via analisante é a única dentre os discursos que faz laço de fala não repousando nesta lógica do diálogo, lógica linear em que o ainda por vir é suposto justificar e

explicar o presente. Ao contrário, a via analisante, com efeito, interpreta a interpretação em vez de postergá-la indefinidamente no tempo futuro.

O que é feito, em contrapartida, da via do passante ao cartel e daquela dos membros dos cartéis aos membros da Escola? Podem elas também pretender escapar da falsidade do diálogo clássico e se garantir pelo analítico?

Gostaríamos de poder dizer “sim”. Mas antes de poder julgar a prática, é-nos preciso esclarecer a teoria que sustenta e legitima esse julgamento na experiência. Assim, lembremos o que distingue as vias do discurso analítico das do discurso do mestre, dado que é este último que institui e regula o diálogo.

A diferença recai sobre o valor dado ao signo que foi ouvido, ao “sim” vindo do outro. Ele é satisfatório ou não?

“Eu me fiz ouvir como falasser, é isso que eu queria” poderia ser imaginado como suficiente. Mas vimos que o diálogo instaura-se apenas porque o “sim” era, para o sujeito falante, uma resposta insuficiente e, portanto, insatisfatória. Na verdade, em eco a todo dizer se coloca logo em seguida a questão daquilo que foi dito: “Mas qual é esse Eu que me digo ser, e que desde já e somente por isso, existe? O que queria esse Eu dizer?”. É impossível saber sem passar por aquilo que o outro diz sobre isso, e, portanto, sem levar esse outro a dialogar conosco, outro que representa, na verdade, o Outro da verdade.

Será que há algum meio para escapar dessa maldição do sentido, que escapa sempre e é sempre apenas uma promessa sem ato conclusivo? O problema, com efeito, não é que não haja sentido, mas, pelo contrário, há aos montes. Mais precisamente, há tantos quanto há substâncias ocasionais da fantasia, mas sua coexistência faz mais cacofonia do que sentido único e assegurado. Quanto ao sentido mais interessante, o da reprodução dos corpos sexuados por sua cópula, o sentido da relação sexual: nada! Nem sequer uma substância ocasional conveniente para ali realmente se substituir! Apesar dos “sentidos-aos-montes”, ditos também parciais, o sentido sempre faltará em chegar no fim, dado que daí há pelo menos um que não será calculável.

Sabemos disso, mas ainda assim... dialogamos. Continuamos a fazer semblante de que o sentido será finalmente atingido, fazemos semblante de dar fé para a promessa do Outro. A promessa que nós inscrevemos aí, pois no que diz respeito ao Outro verdadeiramente Outro, aquele como o qual nós articulamos o que dizemos, ele é um Outro barrado. Ele é mesmo barrado, no sentido vulgar do qual Lacan se autoriza no Seminário XX, com relação ao sujeito que se manda (*se barre*)<sup>53</sup> quando alguém aborrece ele. O Outro não se manda (*se barre*) quando alguém o aborrece e pisa nos seus pés, pois ele não tem pés salvo quando ele faz de si poesia;<sup>54</sup> o Outro se manda quando queremos fazê-lo dizer a verdade, especialmente sobre o que teria sido uma relação sexual. Não há testemunha da relação sexual que poderia se fazer o passador disso junto aos falasses.

Há sacerdotes, certamente, que aglomeram seus congêneres fazendo-se de garantidores da verdade da relação que foi revelada a seus predecessores. A forma mais acabada, segundo Lacan – mas ele se explica de forma bastante convincente –, desta função sacerdotal é a religião da Cruz e da Ressurreição. Ela lhe parece assim porque formula, através de uma matema, o da trindade, a historiola do Cristo. A Trindade, com efeito, não é uma questão de boas palavras e de traição, mas um negócio estritamente matemático, da mais abstrata matemática mesmo, a dos números, que demonstra o Um em Três, logo, Quatro. É por isso que a Igreja é fadada a perdurar, pois não há forma mais irrefutável de demonstrar o Um divino do que a partir da relação entre dois, o Pai e o Filho, que são três já que a ele se acrescenta ali o Espírito Santo. Fica então o fato de que essa relação, se ela faz Um irrefutável, não faz todavia o Um da relação, que

<sup>53</sup> (NT) *Se barrer* é uma gíria que quer dizer se mandar, partir.

<sup>54</sup> (NT) O autor refere-se a pés como um agrupamento de sílabas de valor determinado (quantidade, acentuação), e que a Antiguidade considerava como definido essencialmente pelo batimento do pé sobre uma sílaba.

consequentemente se faz pecado, pecado do sentido sexual no qual a Igreja não pode senão voltar a cair.

### **Diálogo sempre**

Voltamos, portanto, ao nosso Outro que não faz relação, porque ele é barrado, como nos demonstra o sintoma. Como se fazer ouvir se sabemos que o Outro é barrado; e até mesmo, por que tentá-lo ainda num diálogo cujo caráter vão foi desvelado?

Fica a satisfação primeira, aquela somente do “Sim, estou ouvindo você dizer” da qual a questão do sentido nos havia desviado. Pode o sujeito achar-la “satis-fatória”, achar que ela faz o suficiente? Que ela tenha sido esquecida atrás da busca de seu sentido não a impede, na verdade, de existir, e com ela só já a certeza para o sujeito que ele é, portanto, reconhecido como falasser. O que quer que o sujeito tenha dito, não estaria aí o mais importante, como prova e reconhecimento do ser de fala, fazendo dos psicanalistas os interlocutores possíveis de um qualquer um que seja estorvado como qualquer falasser, do mineral precioso de seu dizer, atolado até daí ficar perdido na ganga de seus ditos.

Acrescenta-se a isso que este saber da importância do dizer, finalmente adquirido pela limpeza dos sentidos fixados à qual procede uma análise, tem uma incidência sobre as formas de diálogos que o sujeito pode escolher continuar sustentando. Com efeito, não é mais demandado assegurar a função de reconhecimento da verdade a nenhum interlocutor em particular, como era antes. Além disso, o sujeito sabe que para ser e se manter como ser de fala, vale mais não se engajar muito em certos diálogos mentirosos de mais, que pretendiam impor sua promessa como condição absoluta e como verdade última. O sujeito pode, portanto, optar por diálogos em que a fala não se afirma como de mais mentirosa, em que a forma de promessa retida não quer se impor como o único valor válido. Diálogos, portanto, em que ressoa o outro valor, o valor do prazer de dizer e de ser ouvido simplesmente como quem diz, do prazer de se fazer ouvir.

Opomos aí a antiga fala plena de Lacan, que se torna um dizer que faz ressoar uma satisfação que se acomoda com Outro barrado, e a fala vazia, que toma consistência a partir do Outro, fazendo-o consistir. A fala plena não somente acomoda-se com a falta no Outro – no sentido em que ela adquire aí seu apoio verdadeiro –, mas ela dá se “acomoda”<sup>55</sup> também no sentido em que ela faz disso seu molho, o seu tempero. O tempero do Outro barrado nos ditos é, claro, o efeito da *alíngua*, que é ainda mais satisfatório porque não se demanda mais nenhum sentido a ela, porque ela não faz mais questão suspensa à resposta do Outro.

Certamente, tudo isso necessita, ainda assim e sempre, do quadro de um diálogo e, portanto, o sentido aí é inevitável. Mas há aí um sentido “temperado”, marcado por um Outro barrado, que prova a existência de um dizer que se satisfaz em si mesmo. E o discurso que põe no comando no diálogo essa marca, valorizando-a para além do sentido, qualquer que ele seja, é com certeza, o discurso analítico. Para o sujeito que toma a medida disso, o estatuto daquele a quem ele se endereça muda, e o que fazia até então o alvo de seu diálogo analítico não existe mais. Resta tomar a medida do caráter vão desta satisfação, se ela continuar a se consumir solitariamente, em cima de um divã. Caráter vão em termos de *quanta* de satisfação, mas em termos de “rentabilidade”. Ele não é rentável porque se consome só e, portanto, ele não se dissemina, não se transmite.

### **A prova de um dizer em Lacan**

No que diz respeito ao passante no passe, aos cartéis na Escola, chegar a fazer ouvir a ex-sistência de um dizer é, portanto, o que faria prova do diálogo especificamente analítico. Assim, opera-se dentre os membros do cartel, assim como da Escola, a transmissão do discurso que coloca o reconhecimento de um dizer acima da verdade dos ditos.

---

<sup>55</sup> (N.T.) Preparar alimentos para o consumo (tempera, condimentar).

Mas permanece ainda a questão de saber como é possível fazer ouvir o fato de que se fazer ouvir é suficiente para a satisfação. É impossível, na verdade, a não ser que sejamos Joyce, não se inscrever num diálogo, e é preciso fazer ouvir a satisfação do não sentido [*non-sens*], apesar do sentido obrigado. Quem é que garante que aí ainda não está a busca de seu Ser que o sujeito quer fazer ouvir, remetendo-se daí ao Outro da verdade para que ele o signifique em contrapartida?

Sobre o que seria se fazer ouvir, Lacan dá um exemplo no início de sua última lição do seminário XIX, ... *ou pior*. Como sempre, seus pequenos comentários introdutórios às suas lições têm um ar anódino: Lacan fala ali de sua pessoa, do contexto, do auditório, resumindo, ele situa sua proposta antes de entrar na parte propriamente teórica da lição. Mas, lendo-o atentamente, isto é, numa edição não expurgada, podemos perceber que muitas vezes a parte teórica que segue consiste numa elucidação desta introdução muito pessoal. Assim, se não há metalinguagem em Lacan, também não há nele o que nos permitirá chamar “infra-propósitos”.

Ele parte, portanto, nesta última lição, do fato de que ele se despede de seu auditório e se pergunta como fazê-lo de forma válida, de uma forma que seja conveniente em seu discurso. “Hoje, me despeço de vocês”. Por essa primeira frase, Lacan situa de saída seu seminário na dimensão de suas relações com seus ouvintes. Ele não diz “Hoje é minha última aula do ano” ou “Hoje, paro por aqui neste ano”. Ele deixa seus ouvintes, que vieram e foram-lhe fiéis. Um pouco amargo, ele também alfineta outros, que só vieram até ali por causa dessa despedida, em outras palavras, para terem certeza de estar se livrando dele, durante as férias pelo menos: miserável vitória que não permite “se gabar”, e ele não se priva reprová-los por isso.

Portanto, ele se pergunta o que pode fazer: “Bom! O que é que eu posso fazer?”, e exclui a possibilidade de se resumir: “Que eu me resuma, como se diz, está totalmente fora de cogitação”. Com efeito, resumir no discurso analítico é impossível dado que o Outro barrado implica que falte o ponto que permitiria de fechar o que foi dito englobando-o num todo. O que quer que ele tenha dito para si, falta dizer o que nesses ditos fez disso o dizer, e resumir nunca é dizer.

Lacan opõe ao resumo o que lhe parece conveniente: “Que eu marque alguma coisa, um ponto, um ponto de suspensão [*point de suspension*]”.<sup>56</sup> Ele visa, portanto, algo que é da ordem da escrita, uma marca que faça ponto de suspensão, ou seja, não somente o ponto final do ano, mas também, e sobretudo, o ponto em que esses ditos possam se enganchar.

Ele se interroga e hesita sobre a forma de realizar esse programa: “Eu poderia, com certeza, dizer que continuei a cingir esse impossível no qual se reúne o que é para nós, para nós no discurso analítico, fundável como o real”. Esse ponto de suspensão não seria falso, mas não teria nada de específico e, portanto, nada de novo, o que faria dele uma despedida geral e, logo, banal, indiferente ao que ele quis dizer precisamente durante este ano particular. A hesitação cessa: “Pronto! Encontrei. No último momento, e meu Deus, por sorte...”.

Ele saiu, então, de sua perplexidade caindo na solução, sobre o ponto que exprimia a forma singular com a qual ele cingiu neste seminário o impossível do qual se funda, no discurso analítico, o real. Essa solução apresentou-se como um testemunho que adveio a ele, por sua solicitação: “Tive o testemunho de que o que eu digo se ouve [*s’entend*]”.

Ele se explica: “Eu tive isso em razão daquele que justamente quis – e é um grande mérito – falar no último momento, assim, deste ano, que quis justamente me provar que para alguns, para mais de um, por vias das quais não posso absolutamente prever em que viés elas se produzem, encontrar, em suma, interesse naquilo que estou tentando enunciar”.

Alguém lhe provou, portanto, ter encontrado algum interesse naquilo que ele estava tentando enunciar, o que, para ele, testemunhou que o que ele dizia se ouvia. Ele ressalta a dimensão transferencial dessa transmissão, precisando que ele não pode prever suas vias.

<sup>56</sup> (N.T.) Em francês, *point de suspension* pode significar ponto de suspensão ou reticências (sinal gráfico representado por três pontos colocados em sequência).

### A prova analítica de um dizer

Estaria, então, ali o ponto de suspensão do ano, que responde precisamente à nossa questão aqui: como ter o testemunho de que o que foi dito foi ouvido? Com a resposta proposta: “Pelo interesse que um outro prova ter encontrado aí”.

Mas encontrar interesse naquilo que diz o outro não seria aí uma resposta válida para qualquer diálogo? Não, pois Lacan sabe o que ele queria fazer ouvir, cingindo-o: o impossível do qual ele se funda no discurso analítico, o real.

Mas então, como se distingue, nos propósitos do outro, aquilo que procede do testemunho de seu interesse por este impossível, disso que remeteria a uma repetição mais ou menos aplicada? O esclarecimento vem a seguir: “Bom! Agradeço, portanto, à pessoa que me deu, e não somente a mim, que deu a toda uma espécie de... espero que daí haja o suficiente para quem isso ecoa, que perceberam que isso pode render. É sempre difícil, naturalmente, saber até onde isso se ouve”.

O interesse, o fato de que “isso pode render” se manifesta no eco. Estranho uso deste termo, que evoca mais Narciso do que as Luzes, mais a ressonância do que a compreensão ou o pensamento.

Mas se considerarmos que este eco não procede do reconhecimento pela imagem nem pela similitude dos enunciados, mas do efeito do dizer sobre um corpo, estamos em sintonia com o que Lacan desenvolve nesta lição sobre aquilo que a psicanálise revela da ligação do sujeito com o corpo. Por que nós não distinguiríamos um narcisismo do reconhecimento imaginário, devotado à morte, um narcisismo do reconhecimento simbólico, devotado à indeterminação do diálogo, e um “narcisismo real”, que é a verdadeira mola e a prova da transmissão efetiva? Não, insistamos aí, que Lacan tenha ouvido o que ele dizia nos enunciados do participante de seu seminário que à sua demanda interveio em seu lugar; se ele ali se reconheceu é porque o impossível ali estava aproximado de forma suficientemente adequada, para que ele ali encontrasse seu dizer, aquém e além de seus enunciados respectivos.

O que dissemos sobre o reconhecimento narcísico vale igualmente para a transmissão. Assim, podemos distinguir a transmissão narcísica imaginária, que transmite apenas mentiras das máscaras do nome; a transmissão simbólica, que não tem sentido em si mesma, mas que pelo nome dá um ponto de fixação ao discurso, permitindo assim, reconhecer a ele um sentido; a transmissão real, por fim, que produz uma satisfação fora de sentido, o nome de *jouir-sens* [gozado-sentido]. Essa satisfação dificilmente pode ser objeto de uma tomada num sentido qualquer, em que ela está perfeitamente desinteressada, o que dá seu estatuto ao “qualquer um que seja” de nosso endereçamento, e distingue-o do próximo.

Qual forma essa transmissão do impossível e de seu eco trazido pode assumir um cartel do passe quando ele decide por uma nomeação a partir de um acolhimento do testemunho do passante *via* seus passadores, ou quando ele retransmite à Escola o que o tocou suficientemente para nomear? Não se nomeia porque se sabe o que se esperava e que, mais ou menos, se reconhece isso. Nomearíamos, então, quando entregamos as armas diante do testemunho? Quando lançamos mão de todos os argumentos, a favor ou contra, e que a única coisa que sabemos é que é impossível dizer que não é isso? Pois, com efeito, acontece de ser possível dizer que não é isso, quando, de forma mais ou menos evidente, a presença da satisfação do sentido oblitera qualquer efeito possível de eco. Em contrapartida, como dizer que é isso, ao passo que, se é realmente isso, é impossível de enunciar? Daí a dimensão de aposta de uma nomeação. Chegamos aí ao que foi a experiência efetiva do cartel 1.

*Tradução de Cícero Oliveira  
Revisão de Dominique Fingermann*

## Dominique FINGERMANN (Brasil)

# O que faz diferença ?

“...se nomear for, antes de tudo, algo que tenha que lidar com uma leitura do traço unário que designa a diferença absoluta”.

J. Lacan (1961-1962). *O Seminário – livro 9 – A identificação*, inédito (Lição de 10 janeiro de 1962).

« *To make difference* », em inglês, é uma expressão que articula a diferença e suas sequências, suas consequências. No passe, o que faz a diferença entre um passante e um passante, é a apreensão efetiva da consequência do ato, ou antes, das sequências éticas comprovadas do encontro com o Real, ou ainda sua “responsabilidade sexual” no que diz respeito à não relação, tal como isso pode ser transmitido no testemunho dos passadores.

No começo, um encontro traumático fixa uma letra, *fixação*\* que dá sequência ao sujeito e suas ficções, se acreditarmos nas elucubrações de sua neurose, isto é, tudo o que o espraio do significado escreveu. No fim de uma análise – ah! boa hora ! [*la bonne heure*] – o encontro, não menos trou-mático, o faz tomar a medida, ou antes, a diz-mensão daquilo que ele foi, como resposta do real. É ali que ele se encontra – ali onde ele não se procurava –, já que ele, estava em busca de sua verdade perdida. É ali que ele se encontra, puro falasser, nessa resposta do Dizer, essa é sua responsabilidade inicial diante da alteridade (Outro barrado) que, subitamente, marcou-se no em-corpo [*en-corps*] para todo sempre. É ali que ele se encontra, único, em resposta à alteridade radical do Outro, que o deixa totalmente só. Onde havia repetição, ele encontra sua unicidade [*uniqueness*].

“*To make difference*” é quando podemos dizer “**Isso** é alguém”,<sup>57</sup> quando um gozo opaco não deixa mais dúvidas nem esperança de verdade. Evidenciado assim, ele tira do anonimato o que pode ser nomeado como Há Um [*Ya d’l’Un*].

Há testemunhos, podemos constatar: os membros da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano pensam no passe e dão um passo adiante, apresentando-se a ele.

Nosso cartel ouviu seis passes, portanto, doze testemunhos de passadores. O CIG 2010-2012 ouviu até agora 20, ou seja, 40 testemunhos de passadores.

Em alguns deles, pudemos decidir e concluir: há analista, ou seja: Isso, é alguém. Alguma coisa levou algo até os cinco do Cartel, ou seja, “aquilo que entendo que uma carta/letra carrega para chegar a seu destino”.<sup>58</sup> Nos testemunhos de verdade, pode haver transmissão de uma “suspeição” de real.

Outras vezes, a maioria delas, não pudemos concluir. Por quê? O que é que faz a diferença? O que é que se encontra, ou que não encontra? O que é que ressoa, o que é que re-soa [*re-sonne*]? Um som outro. Que outra música poderia tocar a letra? “Ao melhor que se pode esperar da psicanálise em seu fim”.<sup>59</sup>

Podemos testemunhar isso, como o faz Lacan, passador de Duras, quando afirma “que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que darei

\* Tradução de *fixion*, neologismo forjado por Lacan (ver “L’Étourdit” In: *Autres Ecrits*. Paris: Seuil, 2001, p.483), que produz um equívoco entre ficção e fixação.

<sup>57</sup> J. Lacan (1970). “Radiofonia” In : *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.XX

<sup>58</sup> J. Lacan (1971). “Lituraterra” In : *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.17.

<sup>59</sup> Idem, p.15.

testemunho”;<sup>60</sup> é quando o uso que o sujeito faz do inconsciente converge com a letra e o que ele, com efeito, faz dela (e não com o sentido) que podemos declarar: passe!

Algumas vezes, nos testemunhos, transmite-se alguma coisa que carrega os efeitos da letra, ali se depreendendo o percurso de suas peripécias que, no jogo da decifração, embaralhava sua cifra e a havia feito passar do signo (de gozo) ao sentido gozado (*jouissens*).

“O real no passe... e o que se pode atestar de seus efeitos”<sup>61</sup> é a questão de nosso cartel, como também é a do Cartel 2. Alguns chiarão: ah, olha aí, então, a questão da doxal; não estava acordado que era o passe que informava a doutrina, e não o contrário? Mas, com relação ao passe, poderia mesmo haver uma outra questão? Esperamos que os passantes nos ensinem, cada um a seu modo, sua maneira de responder à questão que cada análise coloca, como: “a passagem pelo real e seus efeitos efetivamente modificou, mudou, transformou sua relação ética com seu próprio gozo”.<sup>62</sup>

Será que poderia haver outra questão, se o passe como procedimento verifica o passe clínico, isto é, o deslastrar da verdade mentirosa em seu encontro com o real (re)produzido na clínica, ou seja, a transferência, e se ele testemunha a redução da verdade ao semblante que, por definição, não recobre o Real? Teria alguma outra questão além de como a operação do Sujeito Suposto Saber, por causa do analista, descobriu o horror de saber?

Mencionamos frequentemente a invenção da psicanálise pelos passantes, o inaudito de seus achados: de fato, mas tudo isso nos limites da lógica da estrutura tal como Lacan a proclama enfim: R.S.I. e de suas consequências.

Em princípio isso parece bem simples: trata-se de reduzir as voltas e reviravoltas de uma análise à:

- lógica do impasse do Sujeito suposto saber, que prova que sua verdade veio para a corte, sentar-se mais no banco dos réus que no banco das testemunhas.<sup>63</sup>

- poética do gozo da *alíngua* que ex-siste e ressoa como portadora da letra para além do sentido extraído (*sens issu*).<sup>64</sup>

- ética: ética de uma escolha entre a verdade que abandona-se à sua própria ficção e o saber com o qual se identifica a *fixação*. Ética de uma escolha que se experimenta como saber fazer: saber fazer-se uma conduta<sup>65</sup> acordada à responsabilidade sexual.<sup>66</sup>

Então, apesar do entusiasmo e a decisão dos passantes, apesar do ânimo e a coragem dos passadores, apesar da empolgação, da seriedade e o empenho dos cartéis, por que, no fim das contas, é tão difícil fazer argumento à função do passe, e por que é tão difícil elaborar a experiência a ponto de transmiti-la? Por que há tão poucos AEs nomeados, e isso desde o começo da experiência e em todas as zonas da Escola que praticam o passe?

Será então que a Escola à prova do passe, conclui que só há maus passantes, passadores pífios (o que põe em questionamento os AME) e Cartéis insuficientes que poderiam fazer melhor?

Pôr o analista na berlinda era um princípio do ensino de Lacan: ao sustentar a experiência do passe e sua prestação de contas estamos, ao menos, à altura deste princípio.

<sup>60</sup> J. Lacan (1965). “Homenagem à Marguerite Duras” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.200.

<sup>61</sup> N. Bousseyroux (2011). “Satisfazer os casos de urgência” In: *Wunsch 11*. IF-EPFCL, 2011, pp.29-30.

<sup>62</sup> *Ibid.*

<sup>63</sup> M. Strauss (2011). “Corte com a verdade!” In: *Wunsch 11*, op. cit., pp.24-28.”La vérité à la barre “

\* Ver “Discurso à EFP” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

<sup>64</sup> Ver textos de P. Muñoz (2011) “Razão que ecoa” e P. Dahan (2011) “Unidade da linguagem, singularidade d’alíngua”, op. cit., pp.52-56 et 33-37 respectivamente.

<sup>65</sup> L. Izcovich (2011). “A doxa e a comunidade de Escola” In: *Wunsch 11*, op. cit., pp.46-51.

<sup>66</sup> A. Nguyễn (2011). “Satisfação da castração”. In: *Wunsch 11*, op. cit., pp.56-62.

Mas será que podemos ir um pouco mais longe do que a manutenção da intranquilidade e, no rigor de nossa ética, encontrar um pouco mais de boa hora/felicidade [*bon heur*]?

### A prova da transmissão

Uma dificuldade com a qual nos deparamos como Cartel é a da transmissão que a cada vez tentamos fazer da melhor forma possível, e que parece sempre insuficiente (“não ouvimos nada no que vocês dizem!”), e isso, apesar dos últimos números de *Wunsch*, que desdobram diversamente os esforços dos cartéis para elaborar a experiência e prestar contas dela na Escola, a fim de que a renovação da experiência, e não a cola, faça laço e orientação para os dispersos desparelhados.

Na verdade, há uma provação do passe equivalente para o cartel, os passadores, os passantes: fazer passar algo de que não se pode testemunhar da mesma forma que se testemunha a verdade. É assim, contudo, que o passante entra no procedimento, sabemos disso, reduzindo anos de análise – às vezes mais de vinte anos – a alguns momentos cruciais, algumas básculas, precipitações, desenlaces, que ele vai organizar e concentrar num testemunho que permita distinguir como o *sens issu*, a saída do sentido, permite responder ao *sans issue*,<sup>67</sup> ao sem saída. O passador deve seguir essas vias labirínticas sem perder a saída. Mais do que por suas múltiplas e minuciosas notas escritas, é por sua presença e se fazendo ouvir<sup>68</sup> que ele convencerá o cartel. Este último, em contrapartida, deverá produzir o eco dos achados dos passantes nomeados AEs, passando pelo escrito: outra redução e tradução em que o que se perde necessariamente aí não deve fazer esquecer o que aí se encontra (redução lógica e translação poética).

### O que é que faz diferença entre um passante e um passante?

- 1- sua análise.
- 2- seus passadores.
- 3- o cartel.

Como o real em jogo na formação do analista pode facilitar ou entravar a experiência nos três níveis em que se desenrola a possibilidade de sua transmissão: a análise do passante, o passador do passante, o cartel do passante?

### 1- A análise do passante

Todos estão engajados, interessados, convencidos, apressados por uma urgência.

Todos têm longas análises, diversos analistas, às vezes, inacreditáveis – mas verdadeiros – “caminhos que não levam a lugar nenhum”, que não levam a um *gran finale* estrondoso, do tipo *eureka! aletheia*, enfim descoberta como um eldorado. Pois, na melhor das hipóteses – “no melhor do que se pode esperar da psicanálise no seu fim” – ela é descoberta, apreendida como mentirosa, a provação do real acaba por pegá-la em flagrante delito de mentira.

O que é que faz a diferença entre um passante e um outro passante? Como podemos estar certos de que suas condutas e seus afetos manifestam uma mudança radical com relação à sua resposta ao real, e que essa “insurreição” produzida pela análise, garanta que seja precisamente ali um analista que se autoriza de si mesmo?

<sup>67</sup> Jacques Lacan. “Discurso à EFP” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Lacan usa o equívoco *sans issue* (impasse) e *sens issu* para apontar que a extração do sentido permite sair do impasse.

<sup>68</sup> Dominique Fingermann (2011). “A presença do passador: atualidade da Escola” In: *Wunsch 11*, op. cit., pp.10-18.

- Em primeiro lugar, o que o distingue é que ele está ativamente na experiência, o tempo do verbo que qualifica sua posição o atesta: “*passante*”\*. É de sua posição atual e atuante que ele demonstra, desmonta e mostra o que, de sua análise, faz autoridade.

- O que o anima, na maior parte do tempo, é uma certeza, e é isso que ele deve fazer passar. Um problema surge pelo fato de que, para demonstrar os efeitos da operação – um saber atestado como real –, ele deve remontar às causas e desmontar os caminhos da equivocação do saber suposto. Alguns se perdem nas causas e perdem de vista seus efeitos, eles desfiam os ditos da neurose sem que se possa suspeitar<sup>69</sup> o seu Dizer. Outros anunciam uma certeza que, por certo, se apresenta fora do sentido da neurose, mas sem que sua evidência seja demonstrada como relativa ao impossível e a todas as voltas dos ditos que giram em torno dela, até que caia, como uma evidência o aturdido<sup>70</sup>, essa “volta” do Dizer sempre esquecido.

- Sua certeza deve se apoiar em provas da mudança de posição no que diz respeito ao real, no nível de suas manifestações clínicas mais patéticas: a angústia, o sintoma, a repetição, dos quais a análise estanca o pathos.

A angústia pode ser “regulada” numa análise graças à regulação daquilo que a ela responde, ou seja, o sintoma; a repetição pode ser reduzida a Um que marca o compasso do real (não há); o sintoma pode ser decidido no fim como aquilo que sempre faz suplência (há) e pode, ainda assim, fazer laço entre as três consistências [*sinthoma*].

É daquilo que faz aqui diferença que ele será nomeado, ou antes, que ele se nomeará por si mesmo, efeito de sua diferença absoluta revelada pelas peripécias da letra ao longo de seu testemunho da verdade mentirosa.

“*T’es rien*” [*Cé não é nada*] poderia ser o que, das coisas vistas e ouvidas, marcou o lugar *do sujeito*, equívoco original cujo sentido viu-se confirmado por todas as repercussões do significante que se encadearam na sequência. Proprietário [*propriétaire*] e Dono da Terra [*Terrien*]\*\* e toda a cantilena de mal entendido facilitaram o acesso ao “se calar” [*se taire*] e se “se esconder” [*se terrer*]: serão necessários voltas e furos e bordas antes que o nada de origem deslastra-se e não faça mais destino como *alguém que não vale nada* [*vau-rien*] e outras safadezas. A letra chega ao seu destino quando ela não quer dizer mais nada, desvalorização do gozo-sentido, mas “carrega” ainda/no corpo [*encore/en-corps*], “um não sei o quê e um quase nada” do qual podemos fazer uso para muitas outras coisas (fazer poema, laço e, por que não, amor). O passante pode ser nomeado AE quando a letra chega ao destino e faz efeito no cartel, tocado por uma certa graça daquilo que, uma vez o sentido depreendido, se pode suspeitar daquilo “que invisivelmente retém os corpos”.<sup>71</sup>

### O passador do passante

O que faz a diferença entre um passante e um outro passante é, também, seus passadores. Há “maus” passadores? Por definição, eles estão em maus lençóis [*ils sont dans une mauvaise passe*],<sup>72</sup> isto é, para eles o passe ao real não está decidido, ainda que estejam numa situação oscilante, “como uma porta que bate”.<sup>73</sup>

\* (NT) Em francês, os verbos com a terminação *-ant* pertencem ou ao *gérondif* [gerúndio, seria equivalente ao *-ndo* do português] ou ao *participe présent* [particípio presente, que em português normalmente dá origem a substantivos com as terminações *-ante, -ente e -inte*].

<sup>69</sup> J. Lacan (1973-1974). *O Seminário – livro XXI – Les non-dupes errent*, inédito (Aula de 12 fevereiro de 1974). “[...] Bien sûr, le soupçonnable, c’est très respectable, comme le reste, n’est-ce pas, c’est ce qu’il nous faut soupçonner comme étant Réel, et ça mène très loin, ça mène à toutes sortes de constructions [...]”.

<sup>70</sup> J. Lacan (1973). “O aturdido” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

\*\* Homofonia entre *T’es rien* e *terrien*, que têm a mesma pronúncia em francês.

<sup>71</sup> J. Lacan (1972-1973). *O Seminário – livro 20 – Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.125.

<sup>72</sup> C. Soler (2012). “Os passadores” In: *Wunsch 12*. IF-EPFCL, 2012.

<sup>73</sup> J. Lacan (1967). “Discurso à EFP” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.280.

Estão num momento em que o amor do saber ainda os sustenta, e as reações deles diante do horror de saber que excede a verdade são diversas. Um mesmo passador pode funcionar num passe, mas num outro não, funcionar num cartel e num outro, não. É de maneiras diversas que eles “honrarão sua tarefa”.

Esta é, antes de tudo, um enorme trabalho de escuta, de entendimento, ou melhor, de **ouvidoria**, de construção, de presença e de voz. Parece que o procedimento é bem mais difícil para eles do que para os outros, e eles não estão menos à prova do real do que os passantes.

A angústia de sua posição capenga os faz, algumas vezes, perder seus meios, ou ainda recuperar suas velhas soluções *ready made* para remediar a angústia e, assim, malograr o caráter único do testemunho, por deslumbramento ou desconfiança excessivos, extraviando-se em suas construções desalinhavadas demais, ou demais engessadas, a ponto de não deixar passar nada.

### O cartel do passante

A culpa, então, é do cartel? – como declina Ana Martínez<sup>74</sup> e como Colette Soler evoca a hipótese.<sup>75</sup>

O que faz a diferença entre um passante e outro passante pode ser o cartel. O cartel pode, por vezes, fazer obstrução a um testemunho de analista da escola, quando os dispersos desparelhados põem-se a fazer grupo, esquecendo sua ignorância fundamental.<sup>76</sup> Nosso cartel, a cada vez, se colocou a questão: não estamos nos enganando? Uma vez chegamos mesmo a convocar novamente os passadores a fim de pôr à prova nossa decisão primeira. Uma das melhores vias de acesso ao real é a surpresa e o inesperado: o cartel deve saber-fazer o acolhimento necessário e suficiente para que o passador não se feche em suas defesas familiares: desconcertá-lo, cortar sua narrativa, trazer à tona seus esquecimentos e preconceitos, tendo muita consideração por seu trabalho e sua dificuldade.

O Real no passe, o que permite a suspeição, como diz Lacan no Seminário XXI, diz respeito às três instâncias em presença, e cada um – passante, passador e Cartel – deve se fazer responsável por isso.

## Rosa ESCAPA (Espanha)

### Faltar de outro modo ao real

Em nove de outubro de 1967, Lacan propõe o dispositivo do passe como a forma pela qual a Escola que ele fundou pode e deve “*garantir a relação do analista com a formação que esta dispensa*”, de maneira que os A.E.s que deste dispositivo se fazem, respondam à Escola que os nomina. Por esta razão e desde então, o dispositivo do passe está no coração da Escola suscitando um debate interessante sobre a passagem de analisante a analista no que toca uma *doxa* ou mesmo sobre uma interrogação do que se chama o “desejo do analista”.

O próprio Lacan, depois de certo tempo do funcionamento do dispositivo, introduz novos elementos de formalização que conduzem a uma perspectiva de maior alcance sobre o final de análise e o passe. Assim, se em 67 a questão apontava para a queda do fantasma, janela particular sobre o real e a conseqüente destituição subjetiva, no Seminário 19 *...ou pior*<sup>77</sup>, Lacan

<sup>74</sup> A. Martínez (2011). “Depois do final de análise e do passe, uma experiência” In : *Wunsch* 11. IF-EPFCL, pp.37-42.

<sup>75</sup> C. Soler (2010). “As condições do ato, como reconhecê-las?” In : *Wunsch* 8. IF-EFCL, 2010, pp.21-24.

<sup>76</sup> S. Aparicio (2010). “A ignorância dos cartéis” In: *Wunsch* 8. IF-EPFCL, 2010, pp.21-24.

<sup>77</sup> (1972, aula 15)

dá a seguinte indicação: “*deve permitir o analista escutar um pouco mais longe, através dos cristais das lentes do objeto a, o que ali se produz, o que de efeito se produz, o que se cria do UM pelo discurso que não repousa senão sobre o fundamento do significante*”.

Por alguns anos Lacan decantou a ideia de um inconsciente como verdade (verdade que a representação encerra), em um inconsciente-saber no qual, disse Lacan em *Mais ainda*, jaz a guarida de *alíngua*. Escutar mais além das lentes, o que evoca os objetos do desejo, implica que atravessar o fantasma é reconhecer sua dimensão de semblante e colocar o acento no que a análise produz de novo. Conforme a escrita do matema do discurso do analista, este posicionado no lugar da letra *a* do objeto, vê-se aparecer como produto da análise o S1 do analisante, ao qual dá Lacan, neste momento, o estatuto da criação do UM. O lugar relativo deste S1, em cada discurso, implica cada vez uma leitura diferente. No discurso do Inconsciente este ocupa o lugar do mestre e o que se produz a partir disso são os objetos mais-de-gozar que não o alcançam. No discurso do analista, os S1 são os significantes-mestres que não tem a ver com uma posição de domínio do sujeito, mas sim com a diferença que funda a função do significante. Significante que designa, portanto, a diferença absoluta e que encerra o que não há, o zero, vazio da não-relação sexual. Não deixa de parecer paradoxal que Lacan se refira a este UM, que indica o mais primordial do ser falante, como final da criação, uma vez que essa diferença não pode ser pensada como nova, por mais que as identificações que foram oferecidas pelo fantasma a tenham recoberto completamente e que tenha sido ignorada pelo sujeito.

Em “*Sobre a experiência do passe*”<sup>78</sup>, Lacan precisa o laço do gozo e da dependência do homem em relação à linguagem: “*por essa linguagem se vê o homem separado, fechado no que diz respeito à relação sexual e por aí faz sua entrada no real, para ser mais exato, por aí resulta faltar a esse real*”. Por causa da linguagem o homem falta à relação sexual, o que não se deve confundir com o fato da linguagem obturar o acesso à relação sexual, pois a linguagem manifesta sua impotência em abarcá-la e é justamente na linguagem onde se inscreve esta não-relação. Se um ser falante pertence, posiciona-se, em um ou outro sexo é precisamente a partir de uma realidade significativa como efeito da inscrição no discurso, mas nada há na linguagem e na *alíngua* que permita que se dê conta do que é real no sexo. Sem embargo, segue Lacan: “*Por aí se tem uma pequena possibilidade, na medida em que ficam abertas para ele algumas vias até certo número de pontos, que atestam a presença mesma do real na origem de seu discurso*”. Fica aberta a possibilidade de se fazer pontes sobre esse buraco no real e que certas relações possam se estabelecer, esta é a via das pulsões. Esses pontos de nó do real e do simbólico são da ordem da criação ex-nihilo, pois para cada sujeito isso se constitui de um modo singular produzindo o efeito de significado. Logo, ao longo de uma análise que leve o sujeito a esses pontos de atadura, pode-se pensar em um novo reconhecimento do sujeito. O sujeito se reconhece como efeito do significante, mas diferenciado deste e, desde este ponto consegue se reconhecer no discurso analítico que o produziu....se fizer essa opção. Trata-se de uma nova posição a respeito disso que esteve aí desde suas origens de ser falante, ao que o marcou em determinada configuração de gozo. É nesse sentido que se pode dizer que o discurso analítico produz algo novo e é o que o dispositivo do passe trata de ler.

Com as últimas elaborações de Lacan sobre a topologia dos nós como tela de fundo e, com o estímulo da casuística do passe na Escola seguimos perguntando o que do real pode ser tomado, uma vez que sua definição é o do impossível de ser dito. Não obstante, algo é possível constatar e disto dão provas as nomeações de AE.

Primeiramente, como falar do real? Como tomar as palavras para abordar o Real quando o significante que o esburaca, principalmente porque é do Simbólico que o Real se constitui dessa forma? O Real não necessita da linguagem para existir, encontra-se na natureza, no espaço, de forma solitária, mas a questão que paira, recai sobre os efeitos causados por ele no ser falante, efeitos que não podem estar em outro nível que não o do gozo. Lacan disse, claramente: “*o sintoma é o sinal de que algo não anda no campo do real e com isso, levamos em conta que há um inconsciente que*

---

<sup>78</sup> (1973)

*se configura ao redor do vazio e do qual o sujeito goza*". Na representação do nó borromeano Lacan perfila, no campo do Real, um Inconsciente do qual o Simbólico não chega a dar corpo. Se o significante pertence ao registro do Simbólico, do lado do Real se encontra a letra na borda do vazio no saber. Podemos situar, então, o "real sério", a letra como marca de um lugar deixado por um significante – "rasura de nenhuma impressão prévia", disse Lacan em *Liturraterre* - marca que deixa um significante, aquela do gozo do corpo que o acompanhou. Então, é a letra o lugar que leva a marca do gozo, enquanto o significante que deixou este lugar pode se arrastar por todas as partes, ficar à deriva. Diferencia, desta maneira, o que foi fixado pelas condições de gozo, a marca do significante que desliza. A única função que pode resgatar algo dessa não-relação é a relação do significante ao gozo, a função fálica que vem substituir a relação sexual. Esta relação pode se escrever, inclusive, pode-se dizer que não deixa de se escrever, pois se apresenta na ordem do necessário. É esta relação atravessada pela castração que abre a porta do gozo do corpo, que permite ao corpo um tratamento de gozo.

Falemos, então, de duas escritas: a letra como real que obtura a hiância da relação sexual na origem do discurso e do significante que escreve a função fálica que permite fazer relação – são os significantes que copulam no inconsciente corporizado pelo Simbólico- e faz relação recobrando, adornando aquele Real que, apesar do trabalho do inconsciente-linguagem, volta sempre ao mesmo lugar. Entretanto, se o significante deixou o lugar no qual marcou uma essência de gozo para ficar à deriva, isso quer dizer que a cadeia significante não pode desfazer o que foi caminhado, porque o significante não pode alcançar aquele lugar. O inconsciente-real não pode dizer-se, mas pode fazer-se notar nas suas manifestações e pode pesar em seus efeitos.

Os efeitos aparecem como afetos, desde a angústia ao júbilo, e também há os efeitos epistêmicos de abertura ao saber pelo nó que se dá entre o Simbólico e o Imaginário, sempre quando não domine a paixão pela ignorância. Se um sonho ou um lapso chamam à interpretação é que o sujeito supõe que há em algum lugar algo escrito, um texto oculto que pode dar conta do que surgiu de maneira evanescente. Assim, vê-se participar a faceta da elucubração da linguagem em sua última instância e é o que assinala Lacan no *Prefácio da edição inglesa do Seminário 11* e particularmente, do lapso, que uma vez despojado de sentido, dá conta em sua materialidade de *lalangue*, "depósito que o real, onde não há relação sexual, fez no curso das idades".<sup>79</sup>

A sucessão de ditos do analisante, a demanda do Outro está sempre implícita. É o que suporta a relação transferência: a suposição de que há um saber no Outro que vai bascular do analista ao próprio inconsciente do sujeito, sempre em direção de uma crença que afirme a possibilidade de uma resposta, um sentido que tampone a falta-em-ser. Para sair desta busca da verdade é preciso que a análise a interrogue até seus limites, que leve as respostas que o sujeito foi construindo ao limite do sentido, limite que Freud já revelara ser sempre sexual, que levaria à descoberta do seu ser de gozo. O discurso analítico, que faz diferença ao discurso neurótico, não dá suporte à ideia de proporção sexual, não se deixa enganar sobre o que é irreduzível na hiância da relação sexual e ainda, demonstra o papel fundamental do falo. O dizer da análise que ex-siste aos ditos do analisante opera vetorizando seu dizer, o dizer da demanda até a borda do real, ao limite do saber. O ato analítico, aquele que se faz sentir nos equívocos dados por *lalangue* produz a ruptura, o corte de uma unidade da linguagem e é um dizer na medida em que consegue realizar um novo enlace. Para isso, será necessário que o corte opere desfazendo aqueles nós que havia tecido o inconsciente com a ajuda de *lalangue* e que dão conta dos vazios no Simbólico (sintoma), no Imaginário (inibição) e no Real (angústia) até o limite da destituição subjetiva, até a perda dos marcos de referência do fantasma e da própria angústia. Desenredar, deslindar, escrevendo novas formas para o nó de borromeano que dê à letra de gozo seu lugar, que esta seja admitida pelo sujeito e um tratamento diferente lhe seja dispensado. Que o inconsciente-real, constitutivo do ser falante, que não vem do Outro esteja fora do alcance do trabalho analítico não impede que o sujeito possa escrevê-lo de outra forma e que, portanto, adquira uma nova

---

<sup>79</sup> (L'etourdit, 1974)

perspectiva de leitura. Deste “suposto-saber-ler-de-outro- modo”<sup>80</sup> propõe-se que se possa fazer o passe. O passe é uma experiência que brinda uma ocasião sem igual para se dar conta de como a significação fálica vestiu a letra, de como o gozo fálico animou o gozo do corpo, da escrita que se sedimentou e do que na análise se escreveu de novo. Em certa medida e, por isso é interessante que Lacan se refira ao passe como experiência, pois este participa do real que existe no nó que se escreve de novo, um quarto nó. O passante lê o real como o que se escreveu a partir do trabalho de deciframento do inconsciente e das voltas sobre o “não cessa de se escrever”, do que se repetiu em sua vida e de como se reescreveu para ele que não existe a função que relaciona um homem e uma mulher, ou seja, o lugar da suplência do falo. Suas consequências se farão sentir no cotidiano em dois níveis: no dos laços sociais e no que segue decifrando o inconsciente; e partir disso é possível verificar o giro no dizer do analisante aprisionando algo do real. A hiância não se move de seu lugar, mas o nó que agora se aperta da uma aproximação distinta, liberando o sujeito do sentimento de inadequação do neurótico que se sustenta na perspectiva de um porvir ou na nostalgia do que já passou. As contingências da vida não deixarão de se apresentar e mesmo assim, é de se esperar que não tenham a mesma repercussão, quer dizer, que o sujeito possa dar outra resposta. Assim, pode-se pensar o passe como uma experiência que aclara como o sujeito passou a faltar ao real de outro modo.

*Tradução de Ana Cláudia Fossen*

## Pascale Leray (França)

### O passe e o Real

Na experiência do cartel do passe que participo, levantaria primeiramente um de seus aspectos que me parece essencial: os efeitos da multiplicidade dos testemunhos escutados, por enquanto seis, produzindo, qualquer que seja o resultado, cada vez uma renovação da experiência do passe para o cartel.

O que se renova no seio do dispositivo é suscitado pelo impacto dos diferentes testemunhos que os passadores transmitem, cada vez tocando mudanças subjetivas as mais singulares, obtidas graças à experiência de uma análise que abriu a esse passe, o que coloca o cartel em posição de recolher *uma acúmulo da experiência*, de elaborá-la, levando em conta a *seriação de sua variedade*: isso constitui uma experiência onde há algo a transmitir à Escola.

Essa renovação é o que participa desse passe sempre a recomençar, para cada analista, e , no dispositivo do passe , isso vem se experimentar pelo trabalho de escola no cartel, trabalho que desassossega, pois é diretamente ligado a cada testemunho, com questões cruciais quanto aquilo que se transmite e se pode escutar do fim de análise. Essas questões colocam o cartel à prova de dever reconhecer o que pode vir testemunhar do que ocorreu da causa analítica naquilo que faz a novidade do desejo do passante, essa causa sendo ligada ao saber proveniente da destituição subjetiva que lhe ocorreu.

O desejo de saber cuja causa é o Real que vem furar o saber adquirido e de onde vem a não relação do sexo, está a cargo dos passadores transmitir aquilo que vem marcar o testemunho do passante, aquilo que vem fazer o dizer, feito da presença dessa Outra dimensão que atinge a verdade, e para o cartel, de autenticar a marca que faz passar o dizer do passante analista.

Mas isso indica também como o dispositivo do passe e a elaboração que suscita em todas as etapas de seu funcionamento, poderá ter efeitos mais largos na comunidade de Escola, desde que possa transmitir os princípios da experiência do passe e a forma como ela orienta o analista na maneira que conduz as curas.

---

<sup>80</sup> (O momento de concluir, 1978)

Isso diz também como cada testemunho do passe leva sua parte marcante a esse trabalho que faz laço de escola no cartel, pela transmissão do que se tornou para o passante sua relação ao Real e pelo resultado inédito que se produziu.

Para um certo número de testemunhos, o que os passadores nos transmitiram do testemunho dos passantes, pudemos escutar as mudanças notáveis referentes às suas posições subjetivas, atestando para cada um do trabalho de análise conseqüente, porém não nos permitiu de decidir por uma nomeação, o cartel não tendo conseguido encontrar no testemunho de que maneira o vivo da resposta do passante ao real manifestado pudesse ter atingido sua relação à verdade.

Com efeito, nos testemunhos, muitas vezes a relação do passante à verdade, sua construção, ainda mantinha muita consistência, ao ponto de encobrir o real da experiência que, todavia, foi encontrado e rodeado em certas manifestações.

O cartel não pôde apreender o que no testemunho poderia “*testemunhar da verdade mentirosa*”. Desse fato, não pôde tomar posição quanto àquilo que atestaria de uma separação bem sucedida com essa elaboração que é o saber construído na análise.

Podemos dizer que, dessa separação, o testemunho do passe pôde trazer a marca autenticável pelo cartel quando se alcança na análise os limites do simbólico e o “*sicut palea*” que atinge “*o saber vão de um ser que se fura*”. O testemunho é então polarizado pela dimensão do impossível Real, como pudemos escutar num dos últimos passes examinados por nosso cartel. Como Lacan formulou no seu prefácio de 1976, nessa verificação que é o passe, há o real daquilo que falta e que faz a causa do desejo “*única ideia concebível do objeto*”. Mas tem também o Real enquanto tampão do impossível, e é o levar em conta esse real fora do sentido da alíngua, enquanto saber impossível a decifrar que exclui o sentido, que se pode colocar um fim à busca da verdade mentirosa. No passe, o que faz certeza desse Real depende estreitamente da resposta ética do sujeito relativa à existência desse Real que ultrapassa.

Para essa resposta que faz ato, ato de corte que excede o sentidos dos ditos da análise, um entrelaçamento novo se opera para o passante, desde o novo desejo que emerge, e assim se inscreve para o sujeito uma modificação de sua relação sinthomática ao real do gozo.

Essa questão da ligação entre passe e Real, levantada pelo nosso cartel, é o que suscita esse fragmento de elaboração ligado aos efeitos do trabalho que turbilhona no cartel, tanto no nível individual quanto no nível da dimensão coletiva que constitui; com as interrogações, os debates algumas vezes surpreendentes, sustentados entre os que estão em qualidade de membros, esses *esparso disparatado*, mas também com a maneira de finalmente concordar sobre uma decisão, trazendo então uma resposta dirigida a cada passante.

Em nossa última experiência de cartel, onde escutamos a transmissão de três passes, procedemos a uma nomeação de AE porque escutamos nesse testemunho de passe como a posição do sujeito pôde se transformar em relação ao Real que se manifestou na análise. Mais precisamente, o que levou mesmo a convencer *in fine* o cartel foram as conseqüências que o sujeito pôde tirar das manifestações desse Real, através do qual a relação que o sujeito tinha com o gozo e com a vida se transformou radicalmente. Assim, a resposta do cartel reconheceu a passagem, permitindo “*de autenticar o ser transformado do analista*”, expressão de Colette Soler.

Esse ser transformado que constitui o analista, Lacan nos fala em sua Nota Italiana: “O analista é aquele que sabe ser um rebotalho”. Aquele que passa a analista traz a marca que cabe ao cartel saber reconhecê-la. Esse *saber ser esse rebotalho da dita humanidade*, é ligado, para Lacan, ao surgimento do desejo de saber, sob a condição de ter sido circunscrito o horror de saber próprio do sujeito. O que é capital aqui é que, o saber que está em jogo nesse desejo, é *um saber sem sujeito*, destituindo o sujeito suposto ao saber, constituindo também um “*outro saber que deve levar em conta o saber no real*”. Esse saber que já está aí no real, implica o corpo do falasser, corpo tocado pelos significantes que o atingiram naquilo que são causa de gozo. É esse gozo que afeta enquanto vem desse saber da alíngua, e o testemunho do passante deve poder tornar perceptível

de que maneira esses efeitos do Real trabalharam para ele e, o que é determinante, de que maneira a mudança de afeto interviu no seu passe.

Assim, mesmo que não haja acesso direto ao Real, não há passe nem desejo de saber sem a presentificação desse relação ao Real do saber escancarado como o impossível que orienta doravante a vida do sujeito e sua prática de analista. A questão que surge então é como a experiência desse impossível pôde conseguir ser transmitida singularmente no testemunho que recebemos.

A particularidade dessa transmissão vem dela ser centrada, articulada no essencial a partir dos efeitos do corte significativo que conseguiram atingir o gozo dos significantes produzidos em análise. Através desses efeitos que cortam o sentido gozado, é a questão daquilo que se transformou na economia do gozo do sujeito que é ressaltada na historização da análise que terminou em se opor diretamente ao que tinha sido a espera do sujeito, mantendo-o na busca da verdade.

Essa passante transmite com nitidez como se reiterou para ela o efeito impensável do corte analítico, seja pelo equívoco ou pelo corte significativo. Testemunha do efeito do real que teve para ela o fato de que a interpretação analítica pudesse cortar o gozo dos significantes maiores aos quais estava sujeitada. Alguns significantes transmitidos pela mãe da passante, tinham um peso particularmente mortífero, mas, além dos efeitos de leveza que se seguiram, assim como o desligamento daquilo que fazia seu laço ao Outro através desse significantes, o mais extraordinário desses cortes foi de terem produzido efeitos da alíngua.

Sem entrar em detalhes, diremos que é o surgimento da alíngua que orientou, com seus uns extraídos, para o ponto de real impossível a dizer. Portadores de um ponto de gozo excluindo o impacto do sentido, foi através deles que se resolveu a tendência ao relançamento feito à verdade criado pelo furo ocorrido no saber. Dentre eles, aquele que a passante reconheceu como decorrente da letra, resultante do mais íntimo da alíngua inscrita na sua carne, foi à função de limite, humildade do saber alcançado, que se encontrou referido, transmitido por ela como efeito de borda em relação ao des-ser, no momento que surgiu para o sujeito a novidade do não saber a partir do inconsciente que o ultrapassa.

O efeito vivificante do que fez sua conclusão é ligado ao fato que, afrontando o horror de saber, pode se abrir seu para-além, graças a esse grão de *sal da vida*, que, para essa passante, liga a vida e a psicanálise.

*Tradução de Maria Vitoria Bittencourt*

**Anita IZCOVICH (França)**

## Efeitos de corte

Centrarei meu enfoque sobre o tema fixado em nosso cartel: o real e o passe. As experiências de cartel são a cada vez únicas e a questão que me coloco é a de saber o que nesta última experiência aprendemos de novo, o que abordarei com o termo de efeitos de corte.

De início, pareceu-me que no próprio cartel do passe há um efeito de corte na maneira de se escutar os testemunhos, entre a teoria que se conhece e a própria experiência que traz um outro esclarecimento: aquilo que a teoria enuncia é descompletado pela singularidade da experiência que introduz novos pontos. Quer dizer, certos pontos teóricos que haviam sido entendidos de uma certa forma, nós passamos a percebê-los de uma outra maneira, a partir do testemunho do passe. Quanto à própria experiência do cartel do passe, ela consiste precisamente em se reconhecer uma marca de real que não se conhece e que se aloja no furo do saber. A resposta do cartel do passe opera, portanto, ela própria, a partir de um efeito de corte.

Num segundo tempo, me questionarei sobre como efetuar o efeito de corte a nível dos passadores. Com efeito, certos passadores podem, às vezes, se reconhecer de tal forma no

passante, que eles transmitem o testemunho do passante a partir de efeitos de identificação, enquanto que outros, ao contrário, efetuam sua transmissão a partir de um efeito de corte entre o testemunho do passante e o ponto em que eles próprios estão em sua análise: é desse lugar de separação que recebem e transmitem o testemunho. Não se trata de uma identificação, mas de um efeito de afeto, um efeito de ser afetado pelo real do testemunho do passante.

No que diz respeito aos passantes, nas minhas diferentes experiências de cartel do passe, mesmo quando não se procede a uma nomeação, apreende-se até que ponto a análise e o testemunho foram importantes. Quais os momentos cruciais que nos foram transmitidos? É a temporalidade do percurso analítico, às vezes entre vários percursos de análise, entre os impasses e as saídas, no batimento dos fechamentos e aberturas para o inconsciente. O cartel pôde tocar através dos testemunhos, naquilo que se fez traumatismo e constituiu os sintomas, dando acesso às coordenadas da construção do fantasma. O que foi transmitido foi aquilo que foi mobilizado no percurso analítico através das identificações de que o sujeito pôde, em certos momentos, se soltar, com os consequentes efeitos de alívio terapêutico. Pôde-se aceder aos efeitos sobre as modificações da posição subjetiva que, por vezes, tiveram como referência a interpretação do analista. Finalmente, mesmo se o cartel não pode entrever a passagem a analista, ele apreendeu – eis aí o ponto importante – aquilo que opera numa análise na verificação dos efeitos produzidos pelo ato analítico sobre o sujeito, os efeitos de corte na singularidade de cada caso.

Enfocarei, agora, a nomeação de Analista da Escola que efetuamos em nosso cartel e, trata-se, mais uma vez, de efeitos de corte que me permitirão aproximar o real deste passe, e mais precisamente, sob a forma de marca.

O que constituiu a singularidade deste testemunho foi o ponto em que a linguagem se originou, a marca na qual o simbólico tomou corpo, dito de outra forma, aquilo que do corpo se fez suporte do significante. Foi possível apreender aquilo que para o passante tomou o lugar de origem do discurso e que tocou o real ao encontra-lo como impossível, no suporte corporal do significante que falta ao Outro, na fronteira do gozo mortal. O real do corte se traduziu como aquilo que aparece no intervalo entre dois significantes, na sua dimensão precisamente de algo irreduzível. Era um ponto de abertura pelo qual tratava-se de encontrar uma solução para aí se inscrever seu desejo sobre o desejo do Outro, numa marca da origem da estrutura. Isso tocou a dimensão do afeto do desejo de Outra coisa, na queda do significante que se reduz ao signo.

Foi porque o testemunho se orientou de forma muito precisa, a partir da borda da letra, que o cartel se perguntou quais foram seus efeitos para os quais ela serviu de instrumento no cura analítica, de que maneira ela foi habitada pela linguagem, qual foi, portanto, o singular da letra que marcou e atravessou gerações para a paciente? A resposta foi dada seguindo o trajeto e as aparições da letra no percurso analítico, nos seus destinos com os efeitos de real que ela produziu, até em seus efeitos de verdade.

Foi isso que nos conduziu na via de como tinha se construído a matéria dos gozos na constituição do sintoma. É a passagem do gozo à compatibilidade do inconsciente que foi avaliada, com seus efeitos de textura: como o gozo foi redistribuído na carne significante, num suporte que tomava sua substância da queda do objeto “a”. Qual foi a importância dessa operação? Com efeito, ela permitiu ao gozo se conectar ao desejo, produzindo, assim, os efeitos de verdade que se prendiam ao que cai do saber.

Foi dessa forma que se pôde seguir as metamorfoses da marca de origem, sua escritura no corpo através do percurso analítico, à medida em que as elaborações as arrolavam numa sequência de significante e que faziam com que se incorporassem de um corpo a outro.

O que foi possível ser verificado, a partir daí? Foi a marca interpretativa nos efeitos de corte entre uma verdade e aquilo que dela se destaca, numa forma de afetar o gozo que se apresentou, cada vez, de maneira diferente no percurso analítico.

Esse saber que cingia o real como impossível teve, portanto, efeitos de corte sobre a passante. O cartel se deu conta de até onde eles eram outra coisa, diferente dos efeitos de significante a significado e como os efeitos de passagem foram produzidos pelo equívoco, para que o

incorpóreo se incorporasse sob a forma de efeitos de separação. O efeito cortante da enunciação foi, dessa forma, colocada em evidência para, como diz Lacan em *Radiofonia*, de forma tão justa, “(*minha prova*) só toca no ser ao fazê-lo nascer da falha que o ente produz ao se dizer”. (*Outros Escritos*, p. 425)

Então, quais foram os efeitos? A alienação ao desejo do Outro foi conjugada em toda sua força, partindo da origem dos significantes sacados da alíngua, à qual foi dado um trajeto para encarna-los, para vetorizar a água da linguagem em termos bem precisos. O rastro dessa passagem foi evidenciado, daí o próprio termo de “cortado” designava o corte necessário para inscrever a passagem do significante de um corpo a outro, tocando assim a causa do desejo para além dos restos. O que foi, então, colocado em evidência, foi o ravinamento e o sulco da letra produzindo efeitos de borda entre o seu direito e seu avesso, na fronteira entre o mortal e o vivente, para disso assumir sua parte.

O testemunho tocou, portanto, na passagem entre duas línguas, de uma língua a outra. Apareceu que o gonzo desta passagem se situava entre o sentido e o não-sentido. Foi dessa forma que a passante declinou seu nome próprio, que o real se depositou pelo fato de se achar excluído do sentido. E, aquilo que foi finalmente demonstrado em ato nesse testemunho foram os efeitos de separação produzidos no próprio lugar dos significantes da alienação. Foi isso que nos levou a captar como para essa passante o discurso analítico tinha sua origem no inverso do discurso do Mestre, no levantamento da autoridade esmagadora vinda do Outro. É no lugar preciso de uma injunção a se calar que o objeto olhar foi mobilizado colocando em evidência a “lucarna”, a janela do fantasma, no buraco que atravessou gerações até a que os diferentes objetos caíssem numa declinação pulsional para fazer lugar ao objeto voz, operante no engajamento na psicanálise. Pudemos, assim, perceber como a marca do sintoma da entrada passou por metamorfoses devidas ao trajeto da letra e a seus efeitos para juntar-se na saída à mesma borda, a marca com índice da separação do parceiro e do Outro. E, talvez seja por isso que se pode formular a singularidade deste testemunho, é o de ter se dado conta da produção de uma marca própria à análise e diferente da marca da entrada, embora ficando na mesma borda, fazendo, assim, o rastro do furo do real.

*Tradução de Elisabeth Saporiti*

## CARTEL 2

**Anne LOPEZ (França)**

### Ecoss e traços

Em nosso cartel 2 da CIG ainda não tivemos nomeação de AE; isso sempre incomoda um pouco, no entanto, não desencoraja e convida a prosseguir ainda mais. Nossas jornadas de dezembro souberam, me parece, destacar a grande responsabilidade dos AME que designam os passadores e a carga pesada, mas entusiasmante que incumbe a esses passadores ao assumirem o testemunho e a transmissão. O passe é, com seus diferentes momentos e tempos, um enodamento do íntimo ao êtímo onde todas as partes são essenciais.

A partir de diferentes ecoss, essas jornadas, para alguns, fizeram encontro. Certos analisantes puderam apreender o quanto é necessário ter uma escola que possa oferecer esse dispositivo e torná-lo eficiente e perceber o necessário do laço entre os membros, o laço social onde a causa é a psicanálise e o produto à provar, o analista.

No passe, entre passantes nomeados ou não, há uma grande variedade na escolha do momento em que eles se encontram. Alguns fazem o passe ainda em análise, outros depois de efetuar a separação do analista, o que em si não garante que tenha havido separação,

certamente, outros ainda muito tempo depois, tendo experimentado, exercido seu saber fazer sintomático num laço novo com os outros. Isso deixa-nos um campo extremamente amplo de experiências variadas. O longo ao-depois da cura permitiria ler aí o que vem a ser o desejo do analista, as mudanças na vida, a permanência ou não os efeitos da cura na vida do sujeito. Se é preciso considerar cada passe muito singularmente, é sob a condição que ele alivia dos impedimentos, enredamentos e sofrimento neuróticos (do qual a angústia), que ele faça abertura em suas sequencias e permita fazer com o real que sempre golpeia diversas vezes.

Pouca coisa variou no passe desde que ele foi inventado por Lacan em 1967. O que mais frequentemente muda, são as nossas expectativas quanto à garantir um analisante na sua passagem à analista. E isso em função do trabalho de escola sobre o ensino de Lacan a partir dos anos 1970 que não anula, mas relativiza certos pontos do ensino anterior, ou antes, nos faz reler de outra forma o que já estava ponteadado; assim se o fantasma deve ser desfeito, as identificações derrubadas, a determinação da alienação e separação em sua alternância deve ser cernida até a separação real, o fato é que devemos trabalhar o que sobra frequentemente como imaginarização dos cacos identificados do corpo como objetos pulsionais; na verdade alguns param aí onde justamente se deveria prosseguir, fantasma sem dúvida cernido, mas não “fraturado” pelo real do inconsciente. A separação tem a ver justamente com o esvaziamento, o desnudamento, da causa sem imagem especular como inominável e se efetua nas idas e vindas desse buraco na estrutura S de grande A barrado e do pequeno *a*, enquanto não tendo apenas forma e consistência de falta. Lacan fala no seminário 20 (p.77) da coalescência entre *a* e o S de grande A barrado, coalescência que faz o jogo da psicologia.

Sobre esse assunto, a contribuição que dá Ana Martinez Westerhausen (*Wunsch nº11*) nos demonstra bem o que era a teoria de objeto - que estava na concepção do passe na Escola da Causa - onde se tratava de saber a que objeto o sujeito estava reduzido e, como destaca C. Soler (*Wunsch nº8*, p.21), isso não pode ser uma condição de fim de análise. Eu a cito: “é por ter percebido que o objeto faz furo no saber e que é então justamente impossível de dizer o que é este objeto... Se saber o objeto é então estritamente equivalente à isso que chamamos a queda do sujeito suposto saber”.

Em uma análise há todo um percurso do desejo do Outro ao esgotamento da demanda com a decifração do inconsciente que trabalha pelo gozo do sentido e há o posicionamento do sujeito no real que respondeu de uma certa maneira, fazendo sintoma. Ali está sua resposta particular, que concerne apenas a ele, onde num primeiro tempo ele havia atribuído ao Outro o sofrimento de seu sintoma, ao passo que, quando a análise avança, ele sabe que é dele mesmo, estranhamente de seu próprio gozo que se trata. Encontro contingente que não está ligado ao desejo do Outro, mas a certas marcas, rastros dos quais ele é feito (efeito) de gozo. A posição que o analisante adota então é aquela de sua ética e o analista, embora conduzindo a direção da cura, não pode predizer o que será esta nova posição do sujeito. Aí está uma das dificuldades que encontramos no trabalho do cartel do passe. Como apreender o ponto singular de uma nova posição do sujeito quando objeto e real não podem ser ditos, podem apenas serem cernidos como lugar do conjunto do testemunho e como efeito sobre sujeito, resposta nova do passante.

Sintoma e dizer interpretativo devem ressoar pelo fora de sentido. O analista responde “enganchando” pelo seu dizer o sonoro, o ouvido, por tocar “a articulação dos significantes no sintoma (sem sentido algum) que aí se encontram” J. Lacan - Posição do Inconsciente, em *Escritos*, Seuil, p. 836). Já percebemos bem nesse texto de Lacan os rastros do sujeito sintomático, rastro de *lalangue* donde emerge um falasser, um sujeito para sempre dividido, mas enodado a um real sintomático, cujo corpo, ao fazer-lhe eco, adquire sua matéria.

Não nutrir de sentido o sintoma, é o que Lacan nos assinala em sua conferência “A Terceira” pois é da inclinação natural do neurótico querer que a falta-falha seja do Outro. O dizer do analista deve consoar, fazer ressoar alguns fragmentos e depósitos de *lalangue*.

Lembremos que Freud já insistia muito sobre o ouvido, o visto. Em “Construções em

Análise” (em Resultados, ideias, problemas, tomo 2, p. 279) ele escreve: “Ainda não apreciamos esse característica **talvez geral** da alucinação de ser o retorno de um acontecimento esquecido dos primeiros anos de vida, de alguma coisa que foi vista ou escutada (ou sentida, acrescento eu) numa época em que ele mal sabia falar”, ou seja, algo fora do sentido. Se tomarmos a definição de Lacan sobre a alucinação – retorno no real de algo não simbolizado – talvez possamos pensar esses fragmentos, fonemas de lalange, na sua *moterialidade*<sup>81</sup>, que inscreveram um corpo gozoso sem que o Outro aí se coloque para alguma coisa.

Trabalhar no cartel sobre os testemunhos dos passantes nos coloca no coração da clínica, pelo lado do passante, e no vivo na ética, pelo lado do analisante. É verdade que poucas interpretações do analista nos são trazidas. Seria o esquecido do passante, seria o excesso de silêncio do analista? No entanto me parece que, desde que houve nomeação de AE, suas transmissões como AE acerca dos pontos cruciais que eles trazem, destacam à cada vez interpretações que tiveram para eles um efeito massivo, “sonante”, inesquecível, permitindo à eles uma mudança radical de posição em relação ao gozo, e um ponto de certeza.

Sobre essa certeza resta, certamente, uma questão. Seria ela definitiva? Será ela está a altura do real e faz abertura ao desejo de saber, seu próprio horror ao saber enfim cernido.

Nos testemunhos transmitidos, tivemos poucos rastros do momento de instalação na prática – a maioria dos testemunhos de passante mostra que eles atendem como analistas – e menos ainda do que faz com que eles decidam perseguir, manter e re-escolher esse impossível da posição de analista. Embora o desejo seja isso mesmo que não se pode formular claramente, é evidente que a maneira e o estilo do analista são radicalmente modificados quando ele pode perceber como ele havia funcionado até então como sujeito barrado e como ele funciona à partir de S(A barrado) como semblante de objeto, após a queda dos ideais de complementaridade, de reparação, de sustentação (sustentar o Outro pode servir à sua própria sustentação).

O desejo do analista, metonímia do desejo orientado, se sustente por um fio, frequentemente silencioso, tenaz, repetido pelos cortes, pelo dizer interpretativo; prova-se, poderíamos dizer, “obstinado”. Os cartéis do passe tem essa dificuldade, de saber se trata-se da boa obstinação sem medo e sem angústia.

*Tradução de Lia Silveira*

**Luis IZCOVICH (França)**

## Os esparsos disparatados

É um fato que a clínica muda nossa interpretação dos textos analíticos. Isto se chama a prova pelo real. E o que os analistas disseram de mais judicioso, desde Freud, provém desta perspectiva, isto é, saber como se pode captar, o melhor possível, um fato clínico e traduzi-lo em conceito.

Do mesmo modo, a cada vez que tentamos aplicar um conceito a um novo fato de discurso, somos confrontados a escolhas: ele pode ser aplicado tal qual? Pois, a aplicação de um conceito sem tomar em conta a experiência, isto se chama servir-se da doxa para tamponar. É um dos confortos que ronda nossa experiência como analistas, mas também a experiência do passe, ou seja, o passante, o passador e os membros do cartel.

Certamente não é todo mundo que tem a capacidade de captar um fato real e de transmiti-lo a outros. Lacan soube fazê-lo *re-inventando* a psicanálise a cada vez, mas também

---

<sup>81</sup> (NT) Neologismo proposto por Lacan que, em francês, condensa os significantes *mot* (palavra) e *matérialité* (materialidade), aludindo a uma materialidade própria da palavra.

considerando que sua teoria não estava jamais fixada. Seu procedimento é, então, anti-doxa. E isto orienta nossa posição na psicanálise.

Se eu evoco esses pontos no momento de um balanço de nosso funcionamento no cartel do passe, isto se deve a duas razões. A primeira é para indicar o modo como operou nosso cartel. A segunda, em minha opinião mais interessante porque é mais singular, é um efeito da experiência do passe sobre minha leitura dos textos.

Com respeito ao cartel, nós escutamos os passadores sem uma leitura comum e prévia dos textos. Cada membro do cartel participou com sua experiência de análise, de suas leituras, de sua relação à causa analítica. Nós não procedemos, então, a nenhum compartilhamento da experiência antes do encontro com os passadores.

Claro que, ao longo mesmo da experiência, apareceram divergências teóricas sobre a clínica que forçosamente incidem sobre os discursos e que concernem, ao mesmo tempo, a ideia que cada cartelizante se faz sobre o passante, mas também sobre o passador. Por vezes mesmo, os discursos se centraram sobre a estrutura clínica. Isto não é sem interesse, mas não foi o cerne de nossa experiência. O que esteve no centro, para cada passe, é o que é possível de cingir como real da experiência e que possa atestar o desejo do analista. Constatamos novamente que, se um caso de passe está ligado com o real de alíngua ou pelo menos tenta demonstrá-lo, o outro [caso de passe], apesar de suas demonstrações, não convence o cartel sobre a distância – embora anunciada pelo passante – com relação ao que foi a tirania de seu fantasma. Mais além das singularidades dos passantes, existe uma inclinação bastante geral em fazer corresponder seu caso a um momento ou outro do ensino de Lacan, ou mesmo à atualidade teórica que se propaga na Escola. Isto não é para ser lamentado. Sua generalização deixa pensar que se trata de um fato de estrutura, mas é também importante tomá-lo em conta em nossa política dos discursos.

Não houve, então, uma grade de leitura para nosso cartel do passe, tampouco de passe tipo, no sentido em que, em nenhum momento, nós tivéssemos sido tentados a fazer valer o que seria um AE modelo com relação ao qual os passantes se mostrassem em déficit. É verdade também que, até hoje, nosso cartel não procedeu a nenhuma nomeação de AE. Mas, minha ênfase visa ressaltar nosso procedimento, o qual não hesito em qualificar, também, de antidoxa.

Digamos, agora, que a não nomeação é o caso mais frequente na experiência geral do passe e isto desde seu início, o que levanta a questão do por que o passe continua a interessar mesmo se são tão poucas as nomeações.

Esta é a articulação com o efeito de leitura que evoquei anteriormente. Isto corresponde a outro modo de ler esta frase que me parece primordial para nossa comunidade de Escola. Trata-se da citação, frequentemente evocada, do “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XP*”: “Donde eu haver designado por passe essa provação da historisterização da análise, abstenho-me de impor esse passe a todos, porque não há todos no caso, mas esparsos disparatados<sup>82</sup>”.

Como entender esta noção de “esparsos disparatados” na medida em que, como eu o disse, e apesar do número reduzido de nomeações, um número importante de analisantes decide fazer o passe, e isto desde sua invenção há trinta e cinco anos? Em outras palavras, o que faz com que os esparsos disparatados se reúnam em torno de uma experiência?

É certo que “esparsos disparatados” reenvia ao suporte do desejo do analista. O desejo do analista é singular, pois o que constitui seu suporte, ou seja, a marca do real do sujeito, a marca traumática, é singular. Mas a marca é singular também porque cada final de análise comporta uma marca singular.

Destaquemos então este paradoxo: como estes reais, não obstante tão distintos uns dos outros, decidem se confrontar em grande número a esta prova que consiste em prestar contas da passagem a analista?

---

<sup>82</sup> LACAN, Jacques, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XP*”, in *Outros escritos*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003, p. 569.

Creio que, no fundo, a expressão “esparços disparatados” coloca menos problemas do que o fato de dever explicar como esses disparatados convergem para experiência do passe.

O termo “esparços” envia, etimologicamente, à dimensão de separação, necessária à conclusão da análise. O que o passe demonstra é a separação do que foi a causa do sujeito que é atualizada na entrada em análise e radicalizada no final. O termo “esparços” encontra também sua origem no latim *spargere*, que quer dizer disseminar, propagar.

Em outras palavras, o que se dissemina é um elemento, mas que provém de um conjunto. Assim, o que é esparço não implica que seja disjunto de modo absoluto do que estava na origem, senão isto seria a errância.

Um esparço permanece um elemento saído de um conjunto. Portanto, a questão crucial para a psicanálise é o porque os esparços não se tornam apenas elementos dedicados a se dispersar, a funcionar à deriva. O que é que fixa, então, os esparços para evitar seu descaminho?

É verdade que, qualificando os esparços de disparatados, Lacan radicaliza ainda mais a dimensão de separação singular, não deixando nenhum lugar ao que poderia fundar uma unidade. Isto deixa então o enigma acerca do que poderia fazer com que os esparços possam se reunir ao final.

Pois o termo “disparatados” traz acréscimos sobre a separação não apenas com o que era a causa, mas também com o que poderia permanecer de crença na harmonia com o semelhante, o que justifica a fórmula utilizada no mesmo contexto por Lacan, “não todos” [*pas tous*].

Ora, Lacan utiliza a expressão “esparços disparatados” pouco antes de evocar os que podem testemunhar, no melhor dos casos, da verdade mentirosa. Nós temos assim uma primeira ideia que concerne ao fato de que existe uma impossibilidade radical de estabelecer um estilo comum para os AEs. Não há o grupo de AEs, mesmo se algumas vezes estes creem se reconhecer entre eles. Isto implica que tampouco existe a marca AE, à qual o cartel poderia dar o carimbo “*conforme*”. Não há o carimbo de conformidade à língua à qual se teria finalmente acedido, nem há tampouco carimbo que certifique uma satisfação da qual se conheceria o modelo. Deduzimos, assim, que existem variedades de prestar contas da verdade mentirosa e de suas consequências no nível da posição do sujeito. Em outras palavras, o passe clínico, o que faz com que o passante se decida a fazer sua demanda de passe, exige um atravessamento que, se ele não é conclusivo, é pelo menos sem retorno. Ademais, é necessário que o passante possa demonstrar que se trata de um efeito de análise.

Gostaria, ainda, de fazer outra observação que me parece coerente com o que eu disse anteriormente. Trata-se da questão da marca, que Lacan retoma várias vezes. Eu evocaria duas dimensões relativas à experiência de análise: antes e depois do passe. Antes do passe, basta extrair o exemplo do texto “Radiofonia”, no qual Lacan, a propósito do cristal da língua – o que reenvia necessariamente à língua – evoca o tempo necessário “para fazer traço daquilo que falhou [*défailli*] em se revelar de saída<sup>83</sup>.” O que faltou é o que faz o ser do sujeito, é por isso que o tempo de uma análise é o tempo para se acostumar à sua marca, sua marca como sujeito, o dizer que faz seu ser.

O tempo necessário para se acostumar a seu ser é o índice do tempo da análise, o tempo necessário para que a experiência faça traço, marca da experiência. Lacan retorna à questão da marca em outro texto, a “*Nota aos italianos*” desta vez a propósito do passe. O contexto é preciso. Trata-se de um desejo novo que advém, então, como efeito da análise e é relativo a um ser – o analisante que se torna analista – rebotalho da humanidade: “[...] essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca. Cabe a seus congêneres “saber” encontrá-la<sup>84</sup>.” E óbvio que, seguindo a construção da frase, o « por alguma faceta de suas aventuras » se refere à prova da análise. A marca a ser encontrada é, então, uma marca analítica, marca que afeta a marca do trauma do sujeito.

<sup>83</sup> LACAN J., “Radiofonia”, in : *Outros escritos, op. cit.*, p.427.

<sup>84</sup> LACAN J., “Nota italiana” [Nota aos italianos], in: *ibid.*, p. 313

Em seguida, a que reenvia o termo de “congêneres”, isto é, os que são do mesmo gênero? Trata-se dos passadores, os que ainda estão no passe, no instante anterior ao dos passantes supostos AE. Porém, como podem eles encontrar a marca, se eles estão aquém do instante onde o passe se torna uma evidência? Devemos notar que não se trata de saber, mas de saber encontrar, ou seja, ser sensível à diferença produzida pelo efeito de um desejo. Dito de outro modo, o passador exemplifica o que quer dizer operar com seu não-saber, dimensão essencial em nossa experiência. Retornarei a esta questão.

Nós constatamos em nosso cartel que os passadores melhor orientados não são os que sabem mais sobre a atualidade da teoria analítica em nossa Escola, mas os que se deixam surpreender e que são capazes de restituir a surpresa ao cartel. Esta é, sem dúvida, a razão pela qual Lacan introduziu os passadores no dispositivo. Isto é também o que constitui a objeção maior às associações analíticas que se vangloriam de “seu passe”, ou seja, de um dispositivo no qual um candidato fala de sua análise diretamente a um júri. Os passadores não são um obstáculo ao passe, ao contrário, eles são o que o tornam propício. É por isso que Lacan estipula que são eles que devem saber encontrar a marca.

Antes de concluir, gostaria de retomar a questão inicial. Por que os que portam uma marca singular ou, segundo a fórmula de 1976, os “esparcos disparatados”, decidem convergir em torno do passe, além de constituir uma comunidade analítica, visto que a estrutura incide em direção à desunião ou mesmo à dispersão?

Há uma razão para isso. É que o fim de análise não deixa os sujeitos à deriva. É simples, mas tem que ser dito e, em seguida, justificar em que.

É patente, por exemplo, que Lacan se serve da mesma formulação para designar o fim de análise e o que seria o ponto comum a todos os analistas. Assim, na penúltima lição do seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Lacan afirma que o essencial para concluir é que o sujeito veja a qual significante irreduzível ele é sujeitoado. Uma semana depois, na última lição, Lacan formula, a propósito do desejo do analista como diferença absoluta, que esta “intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se sujeitar a ele<sup>85</sup>.”

Convenhamos que as expressões “vem, pela primeira vez, à posição de se sujeitar a ele” ou “o que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito, sujeitoado<sup>86</sup>”, não querem dizer absolutamente a mesma coisa. Na primeira expressão, a ênfase é dupla, ela enfatiza a dimensão da posição do sujeito, a decisão inconsciente insondável, mas também sobre o fato de que ele vem pela primeira vez. E se é a primeira vez, é claro que é um efeito de análise e, por consequência, cabe ao passante prestar contas disto e, ao cartel, tentar captar os efeitos.

Ora, esta dimensão do singular não exclui que Lacan avance, no final de seu seminário “...ou pior”, a questão do que enlaça analisante e analista, o que é que retém os corpos. É aí que ele afirma que nós somos filhos do discurso. Esta não é uma formulação que também diz respeito ao laço entre os analistas, um laço fundado sobre outras necessidades que as do grupo?

Filhos do discurso, eis então o que explica que perseveremos com o passe e, ao mesmo tempo, o que explica que os candidatos perseverem em fazer comunidade de Escola independentemente de sua sorte quanto à nomeação ou não. Esta é sem dúvida a principal lição do passe e que relativiza a questão de ser nomeado ou não. No passe, trata-se antes de mais nada de fazer reconhecer uma afiliação ao discurso analítico.

Parece-me, aliás, que esta é a razão pela qual Lacan retoma a dimensão de sujeitamento em um texto publicado no mesmo ano que a “Nota aos italianos”, onde ele evoca, como eu o disse, a marca a ser encontrada no passe. Trata-se da “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*”. Lacan evoca a dimensão de rebotalho da humanidade por outro viés, pois

<sup>85</sup> LACAN J., *O Seminário*, Livro XI, « Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise », tradução de M. D. Magno, 2º ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985, p. 260.

<sup>86</sup> *Ibid.*, p. 237.

ele coloca o analista como “incassável” descabido nos outros discursos, ou seja, que ele *ex-siste* a estes. Entretanto, ele dá uma definição do analista que não se limita em destacar com relação ao que ele se torna excluído. Ele o diz da maneira seguinte: “os falantes que se descobrem sujeitados ao discurso analítico”<sup>87</sup> em seguida ele evoca sua própria posição enquanto psicanalista, e que ele não é o único a sê-lo, como “sujeito deste discurso”.

Constata-se então um fio constante em Lacan, que coloca o sujeito no final da análise como sujeitado ao significante traumático, depois, os analistas como filhos de discurso, assim como os analistas sujeitados ao discurso analítico. É assim que podemos retornar à experiência do passe onde cada um tem a chance de demonstrar como ele se fez sujeito deste discurso, como ele se tornou, como ele se sujeitou então. É o que se constata nos testemunhos de passe, que haja nomeação ou não.

Finalmente, isso mostra ainda uma vez que o passe, em sua essência, não é o lugar onde se medem os efeitos terapêuticos da análise, nem o lugar onde se atesta a estrutura clínica do passante. Talvez, o crucial não seja nem mesmo a dimensão da nomeação. Em troca, é um fato comprovado que, se o passe existe e ainda continua a suscitar o interesse, é porque, na realidade, os “esparcos disparatados” se fazem sujeitos de um discurso. E o discurso analítico, para os que são implicados na Escola, não é dissociado do passe, e eu acrescentaria do passe na nossa Escola, o que não o torna, porém, obrigatório. É o que explica que, se a heterogeneidade dos testemunhos é o índice de uma unidade impossível, a questão que permanece é de como, um por um, cada um se tornou filho do discurso. Que mais ou menos passantes sejam nomeados é mesmo secundário com relação a isso. Aliás, uma questão permanece ainda em nosso programa de Escola: nossos AEs ganharam a aposta que consiste em testemunhar dos pontos vivos da psicanálise, o que seria a verdadeira diferença entre uma nomeação e uma não-nomeação. Notamos que, em geral, há uma tendência dos AEs, desde sempre, a demonstrar como seus casos explicam a doutrina. O que resta a provar, e seria interessante criar as condições de possibilidade para isto, é que à luz da experiência do não-saber dos passadores, questão que evoquei anteriormente, nossos AEs abordem os pontos vivos a partir de suas relações ao não-sabido.

*Tradução de Elisabete Thamer*

**Patricia MUÑOZ (Colômbia)**

## Efeitos do dispositivo do passe “Deteriorações”

São inegáveis o alcance, o peso e a transcendência que tem a experiência do passe. Apresentar-se ao passe está intimamente ligado com a relação que se tem com a psicanálise e, conseqüentemente, com a Escola. Esta experiência põe à prova a Escola mesma e a formação que ela dispensa e que concerne a todos seus membros. Com o Passe, Lacan conseguiu que não esqueçamos esse ato que foi a passagem de analisante a analista, para evitar, desse modo, a inclinação em direção ao analista funcionário do discurso analítico, inclinação ao terapeuta.

O tema de nosso Cartel<sup>88</sup> é “O real no passe”, esse real que se manifesta nesse tempo de passagem de analisante a analista, que deve passar do passante aos passadores e ao Cartel do passe, nesta experiência de transmissão inédita. O real no passe como dispositivo, em seus diferentes momentos e encontros: o passante com cada um dos passadores, os passadores com o Cartel do passe e o trabalho entre os membros do Cartel do passe. Real como impossível, como

<sup>87</sup> LACAN J., “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*”, in : *Outros escritos, op. cit.*, p. 552

<sup>88</sup> Cartel 2 do período 2010 – 2011.

o que concluímos após de nossa experiência com o saber, durante todo o tempo do deciframento, que a Verdade é um meio-dizer, que o real não se pode saber, mas somente cernilo, e que só é possível saber dele pelas suas manifestações. Algo que se revela para surpresa do sujeito mesmo. E que, além disso, *não sabe por qual ponta pegá-la*<sup>89</sup>, no sabe como pegá-lo.

É a segunda vez que faço parte dos Cartéis do passe em nossa Escola. A primeira vez nosso Cartel nomeou um AE. Nesta oportunidade, embora não houve nomeações, é possível refletir sobre os efeitos dessa experiência e retirar daí um ensino. Interessa-me o efeito que se produz quando não há nomeação, tanto sobre os passantes não nomeados quanto sobre os membros do Cartel.

Parto da ideia de que o essencial no dispositivo do passe não é a nomeação, mas “*isolar o que concerne ao discurso analítico*”<sup>90</sup>, sua especificidade, e poder fazer uma elaboração e acumulação da experiência. Partilho o que nos diz Luis Izcovich no seu texto “A doxa e a comunidade de Escola”, publicado em *Wunsch* 11, na página 50: “Não penso que nosso interesse principal em permanecer com o passe seja a questão da nomeação, mas mais a de nos instruir, como queria Lacan, sobre o que faz decidir um analisante a fazer o passe e tornar-se analista”.

Iniciarei com os possíveis efeitos sobre os passadores. O que leva alguém que terminou sua análise a se apresentar ao passe? Responder a essa pergunta pode nos dar chaves para encontrar o que é que se espera ou se quer obter, quais são as expectativas de quem solicita o passe. O cartel não tem a possibilidade de perguntar isso ao passante, mas é possível que os passadores tenham feito essa pergunta<sup>91</sup>. Quem tem de fazer, necessariamente, dita pergunta é o membro do secretariado do passe que recebe a demanda de fazer o passe. Supomos que aquele que se apresenta terminou tudo o percurso, obteve um saber, embora seja incompleto, rasurou tudo o sentido e quer testemunhar dessa experiência singular que é a passagem de analisante a analista ou das transformações experimentadas que poderiam fazer possível ocupar essa posição.

Em nossa experiência como cartel se pode escutar a posição fantasmática bem clara e articulada, a estratégia que se usou perante o desejo do Outro, o encontro com a falta no Outro, porém, em alguns casos, não se pode localizar uma separação do Outro. Há testemunhos nos que se pode detectar que se trata de usar o dispositivo do passe para conseguir uma separação que não se tenha podido fazer ainda na análise. Seguramente fazer esta experiência pode ajudar a localizar-se na estrutura, mas é importante continuar ainda com a análise. O cartel pode, na sua experiência, indicá-lo.

Outras dificuldades se manifestam algumas vezes, tais como os impasses da relação de casal que continua sem modificação apesar do longo trabalho de análise, pois continua a esperar-se que seja possível a relação sexual. Pode haver um deciframento dos significantes do inconsciente e uma elaboração, porém sem chegar ao encontro com o real como impossível. É iniludível o encontro com a castração, a não-relação sexual e a impossibilidade de saber. Também se pode saber sobre o objeto do gozo e sobre suas modificações, mas sem ter transformado a relação com esse objeto, caso não se tenham tirado as conclusões da passagem do impasse ao passe e a possibilidade do ato. Aí não pode haver nomeação possível.

Podem ser notáveis os benefícios terapêuticos da análise, o qual é inegável, e são bem-vindos, mas esses benefícios não são os que permitem o surgimento do desejo do analista e a possibilidade de ocupar esse lugar de analista. Esse fazer ressoar a afirmação de Lacan na “Nota Italiana”: “[...] é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”<sup>92</sup>. Daí se deduz que não é ter feito uma análise, o que pode permitir a transformação em relação ao saber que condiciona o ato.

<sup>89</sup> Lacan, J. “Sobre la experiencia del pase”. In: *Ornicar 1*, Barcelona: Ed. Petrel, 1981, p. 31-40. Nota: todas as palavras em itálicas serão tomadas deste texto. Tradução Livre.

<sup>90</sup> *Ibid*, p. 33.

<sup>91</sup> Philippe Corine. Por que se apresentar ao Passe. *Wunsch* 9, p. 16-19.

<sup>92</sup> Lacan, J. (1973) Nota Italiana. In; *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 313.

No que diz respeito aos membros do Cartel do Passe, em nossa comunidade muito se tem falado do afeto de satisfação ou do entusiasmo do Cartel quando há nomeação. Mas, quando não há? Quando o que se sente é decepção? A decepção que implica ter tido uma esperança, ou uma espera de nomeação, um desejo de nomeação, que se deve interrogar como diz Nicole Bousseyroux em seu texto “Satisfazer os casos de urgência”, em Wunsch 11. Sem dúvida, há uma antecipação temporal do que se espera, constituído por uma promessa. É uma espera de que? De poder captar o ato no momento em que se produz<sup>93</sup>. O cartel não pode esperar algo específico, mas sim que possa ser possível a surpresa, surpresa que tem a ver com o inédito e o inesperado, levando em conta a singularidade e, portanto, a variedade.

Muito já foi dito, também, sobre a nomeação: que algo não pôde passar, que o passante não pôde transmitir, que os passadores não souberam interrogar o passante, que o cartel não escutou. Por essa razão, acredito que há ali algo que aponta ao acaso, ao encontro e à contingência que se joga em todos os níveis da experiência. Mas sabemos que, como nos diz Lacan, “A única chance que ex-siste decorre apenas do feliz acaso [*bom heur*], com o que pretendo dizer que a esperança não adiantará nada, o que basta para torná-la inútil, isto é, para não permiti-la”<sup>94</sup>

O título desta reflexão “Efeitos do dispositivo do passe” aponta ao que o mesmo Lacan encontra como consequências a passagem pelo passe, quando nos diz que o resultado é algo “inteiramente novo”<sup>95</sup>, e em todos produziu efeitos. Um efeito de afeto em todos os que participam dessa experiência e que ele nomeia de diferentes maneiras. Diz: *perplexidade* e *confusão*, referindo-se aos júris de confirmação (Cartel do Passe), *experiência absolutamente comovente e inesquecível*, referindo-se aos passantes. Desde que se lhe deu a palavra aos passadores, pode-se constatar que para eles tem um efeito inegável. Assinala, também, que o que se obteve nesta experiência, nada tem a ver com o discurso do mestre e muito menos do *domine* (domínio), trata-se do objeto causa, do que ali se trata, portanto, é de outra coisa.

Para concluir, explico o subtítulo de minha reflexão. “Deteriorações” é tomado da conferência de Lacan no Congresso de la Grande Motte<sup>96</sup>. Seguramente todos o conhecem. Aí diz que embora estes efeitos (os efeitos do passe) sejam *deteriorações*, para nós, da espécie humana a deterioração é o melhor que nos pode acontecer, e nos diz que ele estas com “*as deteriorações nas costas*” (*con los deterioros a costas*), uma vez que “passa passando o passe” (*si hay alguien que se lo pasa pasando el pase*). Etimologicamente “deter” se forma sobre a preposição “de” que exprime a ideia de separação com descenso, e o subfixo comparativo “ior” que é um descenso ao pior. *Deteriorações* é uma palavra forte, é um efeito que produz marca, míngua, menoscabo, que, como diz Lacan, é próprio aos que somos seres falantes e que, desde que falamos, estamos *fodidos*. Sublinho a ideia de separação que há na preposição “de”, que aponta a essa posição de desamparo, quando já não se espera ajuda de ninguém, e ao analista como rebotinho que se criva no desperdiço<sup>97</sup>.

Referindo-se à posição do analista nos diz que é uma posição dramática, “[...] que conquistassem a justa situação de despojamento, de desmuniamento” eu diria, que é a do analista enquanto homem entre outros, que deve saber que não é nem saber, nem consciência, mas dependente tanto do desejo do Outro quanto de sua fala”<sup>98</sup>.

Tradução de Sandra Berta

<sup>93</sup> Lacan, J. Discurso à Escola Freudiana de Paris. In Catálogo da IF-EPFCL (2008-2010), p. 229.

<sup>94</sup> Lacan, J. (1973) Televisão. In; *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 541.

<sup>95</sup> Lacan, J. “Sobre la experiencia del pase”. In: *Ornicar 1*, Barcelona: Ed. Petrel, 1981, p. 31-40.

<sup>96</sup> *Ibid.*

<sup>97</sup> Lacan, J. (1973) Nota Italiana. In; *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 313. A frase: “Se o analista se criva do rebotinho de que lhes falei...”

<sup>98</sup> Lacan, J. *Meu Ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 124.

## CARTEL 3

## Albert NGUYÊN (França)

### Boas surpresas<sup>99</sup>

A escola na provação do passe, pode-se tranquilamente enunciar: o passe como prova da Escola. Pudemos verificar isso no cartel do passe que julgou os passantes franceses, sendo então composto de dois Franceses, uma Espanhola, um Italiano e um Venezuelano, e cuja origem linguística de seus membros não atrapalhou, absolutamente, o trabalho de elaboração do cartel.

Cartel rico de ensinamentos dos quais eu gostaria de destacar alguns pontos e submeter à discussão: o que se passou no curso do trabalho terá deixado sua marca sobre esse cartel e devo dizer a priori que me sinto ao mesmo tempo reconfortado e impulsionado ao trabalho de elaboração do que nele apreendi, e muito além da nomeação do AE que anunciamos. Os testemunhos tocaram questões vivas de experiência do passe. Devo dizer, depois de haver participado de diversos cartéis do passe, que, pela primeira vez, pude avaliar como essa experiência do passe vai bem além dos testemunhos dos passadores, na medida em que o passe, tal como Lacan o queria, pode ser prolongado até o que convém chamar “a experiência do cartel do passe”, e experiência quer dizer que a dimensão de um real aí está inclusa.

Depois de mais de 10 anos de prática do passe, é preciso reconhecer o golpe de gênio de Lacan, e com esse retorno o que se revela é simples: cada dimensão, cada extrato da experiência é crucial. A seriação dos passes permite dizer:

- que o lugar e a posição do passador é crucial.
- que o estilo do passante é crucial.
- mas também que o cartel é crucial e por diversas razões:
  - . no acolhimento dos passadores e do que eles têm a dizer.
  - . nas questões ou observações que lhes são propostas e que têm o mérito de permitir esclarecer zonas de testemunho que ficaram na sombra ou insuficientemente articuladas.
  - . no trabalho de elaboração sobre cada passe.
  - . na fórmula final emitida pelo cartel, a qual não pode nem deve ser convencionalizada, padronizada.

#### Algumas observações, num número de quatro.

A primeira observação que isso me inspira é a seguinte: toda experiência do **passe está ligada ao tempo**, como a transferência, à ternaridade do tempo lógico, ao qual acrescento uma 4ª dimensão que chamarei – e a experiência do cartel que acabamos de fazer vai nesse sentido – **o momento oportuno** (derivado da filosofia clássica chinesa e que F. Jullien destacou).

Esse momento oportuno não vem somente no final, ele vem antes do final, quando da designação de um analisante como passador (sobre este ponto haveria muito a dizer e não creio que o debate do 3º Encontro tenha permitido abranger todos os parâmetros), ele vem no momento em que o analisante se apresenta ao passe (e sobre este ponto, o último cartel nos ensinou coisas muito importantes), e ele vem também na sequência quando o/a passante escolhe dizer o que são as consequências da cura e do fato de se ter apresentado ao passe, tenha havido nomeação, ou não.

<sup>99</sup> Esse texto é a retomada de uma intervenção feita em Barcelona em janeiro/2012 no quadro do Seminário de Escola itinerante sob a responsabilidade de Cora Aguerre.

A segunda observação, sobre a qual avançarei com prudência, diz respeito ao cartel. Estávamos, antes do encontro, debatendo na Escola sobre o que o cartel ouve ou não, sobre o entre-si (*entre-soi*) do cartel, sobre a questão dos esparsos disparatados e, digamos, sobre o que o cartel ouve de Dizer além dos ditos do testemunho. Disse “com prudência” porque há, nisso que o cartel pode extrair de um passe, **muitas contingências**, ligadas ao passante, ao passador, à disponibilidade e a competência daqueles que o compõem, ao que a própria análise e suas consequências ensinaram a cada um de seus membros.

Duas outras observações são, em minha opinião, essenciais:

1. **A extraordinária redução** que permite o procedimento e que resulta em uma ou duas frases emitidas pelo cartel, de onde a extrema importância de ajustar o resultado, o máximo possível, ao que se ouviu da dinâmica da cura. Uma ou duas décadas, até mais, de análise, se resume em 2 ou 3 encontros, que sejam 4 a 6 horas que dão lugar a uma exposição de cerca de uma hora. Uma elaboração mais ou menos longa se segue e se conclui por um enunciado que se tenta ajustar ao testemunho. A importância do enunciado reside em que sua formulação possa ensejar grandes mudanças, não somente para a prática do analista, mas também na vida do passante.
2. Parece-me mais claramente hoje que a experiência do passe, como colocamos no título de nossa Jornada, põe a Escola na provação, mas ele é também a prova, a prova da vitalidade da Escola e a prova do que se pode elaborar de saber sobre o inconsciente na comunidade da Escola.

A fórmula é simples e eficaz: a experiência, no que ela supõe para os membros do cartel de desejo de saber, superando o horror próprio a cada um de pôr de lado os Egos e os narcisismos deletérios, a experiência, ela, é o mais difícil (e creio que é preciso sempre prestar atenção e não deixar de medir as eventuais divergências entre as fórmulas e a experiência). Mas, e é isso que quero lhes dizer, aqui, em Barcelona, é que a experiência da Escola internacional é possível porque a experiência do passe internacional é possível e pode provar-se frutífera. Ela pode revelar-se frutífera, desenvolverei isso na segunda parte, seja pelo saber singular que ela produz, o qual interroga o saber constituído que rapidamente se torna *doxa*, mas também pelo que ela evidencia da dimensão de Real, da relação com o Real que um sujeito mantém no final da análise: se o Real não se enuncia tal qual e se apresenta segundo a modalidade do impossível, no entanto, a relação do passante com o Real pode-se avaliar:

- na vida sexual, a partir das mudanças ocorridas em sua vida e de seu limite [*point de butée*] destacado pelo passante,
- no estilo (é a questão do poema que se é e que se escreve, apesar de ter jeito de sujeito, do Prefácio à edição inglesa do Seminário XI),
- nos restos que vão dar lugar às consequências que não podemos antecipar, mas que se apoiam na dimensão de não-saber sobre o qual o fim de análise deve poder testemunhar.

O que acrescentarei, no tocante ao passe, é que o passador é da Escola, que o passante sabe em qual Escola ele apresenta o passe, e que, por consequência, importa também que as opções teóricas da Escola estejam avançadas e discutidas o mais amplamente possível, nos Seminários, por exemplo. Isto quer dizer que não há, na minha opinião, passe *ex-nihilo*, mas, ao contrário, um passe de Escola e acréscimo que um passe de Escola não pode se ouvir senão sob o ângulo de uma exposição de um saber novo que requer um trabalho individual e coletivo de elaboração do dito saber. E para finalizar direi que esse trabalho não pode acontecer senão sob controle da direção da cura e do ato, das condições de possibilidade que se abriam ao ato analítico.

Chego à minha segunda parte. Vou lhes falar desse último cartel do passe a respeito de três pontos: o primeiro a propósito de um passador, o segundo a propósito do que chamei o momento oportuno do passe, e o terceiro para indicar em que é por vezes necessário fazer um retorno suplementar para que o cartel possa concluir.

### **Efeitos do cartel do passe**

**Como isso passa:** Quero aqui evocar o que um passador nos transmitiu e a qualidade de seu testemunho que tocou o cartel. É preciso dizer, para começar, que esse testemunho diferenciava-se em muito daquele do outro passador. Esse passador tentou fazer passar o que o tinha atravessado no registro dos afetos, de uma forma que o levou a dizer que este passe lhe revelara coisas que ela ignorava completamente, que ela não teria nem mesmo suspeitado e que tiveram por efeito a descoberta do que é verdadeiramente o passe. “Nunca teria imaginado um tal testemunho”. Esse testemunho, nos disse ela, será “inesquecível”: experiência intrigante, sobre a qual não posso falar mais aqui por razões de discrição, que mudará sua relação com o passe e mesmo, como ela pôde dizer, com a psicanálise. Ela sofreu o impacto do testemunho autêntico do passante, mas, e isso é o que importa, essa autenticidade não lhe escapou e não a inibiu: o passador está em vias de, na tarefa de resolver seu fim de análise, sua sensibilidade não pode prejudicar o que o passante articula de sua experiência.

Ela nos transmitiu, sobrecarregada ainda pela emoção quando de seu testemunho, com uma sinceridade, uma modéstia e uma dignidade que o cartel apreendeu.

No fundo, o que nós dissemos de imediato é que ela nos mostrara o que é, o que deveria ser um passador: alguém que não procura analisar o passante, que não se inibe, que não procura encontrar no passe o que sabe da teoria, mas apenas acolhe o que o passante traz de sua experiência: o passador registra, mas não somente. Vê-se bem que a virtude, a eficácia desse testemunho é de nos ter feito passar o que ela encontrou, mas também o que ela não compreendia, mas provava e fazia prova para o cartel, não tanto de um fim de análise como do esforço e do efeito de transmissão que ocorreram e que esse passador indicava da melhor forma dentro de seus limites, que ela reencontrava por ela mesma e que dizia, com uma vontade notável de nos fazer perceber a potência dessa transmissão.

Creio que posso dizer que ela conseguiu fazer passar o que lhe foi transmitido, não somente por ter tocada, mas sobretudo por ter mudado o cartel: nenhum dos membros saiu ileso desse testemunho e cada um pôde dizer na sequência a que ponto a função de passador tinha sido aí apresentada, justificando o que eu dizia do crucial dessa posição.

O corolário disso: verificamos que os passadores não se equivalem e penso que isso deve ser uma preocupação constante dos AME e AE da Escola: a designação de um passador é muito importante, e ela deve intervir no momento certo, no momento no qual a mutação subjetiva é perceptível na cura do passador mas também em função da posição desse passador em relação à Escola. São as condições requeridas para que o passador possa compartilhar de seu espanto, de seu não-saber: o melhor passador é aquele que transmite sem saber demais o que ele transmite, nem porque isso o afeta, e o efeito se fará sentir em sua cura e em sua relação com a análise: nada de passador funcionário. Falamos disso acerca do AME, creio que podemos estendê-lo ao passador. O efeito de transmissão passa para o cartel: o afeto de angústia, de tristeza, de perturbação do passador provoca o desejo do cartel, mesmo seu entusiasmo e sua satisfação pela experiência... e talvez uma exigência a mais quanto à qualidade dos passadores.

### **Segundo ponto: o momento oportuno**

O que aqui evoco não é nada menos que um lamento, um lamento que um analisante se engaje cedo demais no passe, ou muito tarde. Existe um bom, um certo momento para fazer o passe? Nenhum critério é possível já que a demanda de passe responde sem dúvida a um

momento particular, mas creio que podemos dizer que o desejo de passe ultrapassa o passante que, aliás, vai encontrar a contingência quando for sortear seus passadores.

Pode acontecer que um analisante se engaje no passe porque mudanças muito importantes aconteceram em sua cura, que a posição de gozo possa ter mudado para o lado da vida, lá onde a morte dominava até então, que a questão edipiana tenha sido resolvida, e esse analisante pode ser um bom conhecedor do passe e da Escola, até mesmo nela engajado muito claramente.

A passagem à analista e a questão do desejo do analista, ao contrário, permanecem discretas, e o risco de conformidade aos ideais da Escola existe. Na realidade, o que se revela aqui é que não basta querer o passe, não basta querer acabar sua análise, é preciso ainda poder destacar como é tratado o Real do sexo, o que permitiu a travessia do fantasma e as consequências que se seguem. É preciso ainda se assegurar, antes de pedir o passe, que não foi deixado de lado algum evento importante que não teve lugar na análise, na elaboração.

O que concluir? Parece-me que o momento oportuno para se apresentar ao passe não pode não comportar sua parte de impossibilidade, de Real em jogo, enodado a uma dimensão de pressa. Mas a pressa não é a precipitação. No fundo, o que me parece exigível é um puro desejo de transmitir, muito mais do que um saber o que se vai transmitir. O momento oportuno tem a ver com o limite do sentido que deve ter sido apagado, e então com o momento no qual o passante está em condições de poder enfrentar o que ele não sabe: o passe é o lugar onde um passante pode certamente testemunhar sobre o que a análise resolveu, mas também sobre o que ela não resolveu, senão por que e como falar de gozo residual? A identificação ao sintoma supõe precisamente a percepção sobre o que do gozo não é erradicado e que vai condicionar as consequências da análise.

### **Último ponto: o fim pela volta suplementar**

Vou acelerar bastante e participar-lhes uma surpresa que se tem quando de uma demanda de passe que é feita diversos anos após o fim da análise. Não vou falar desse passe, simplesmente acentuar o que ele me ensina, dentre outras coisas, e que concerne ainda a essa questão do momento oportuno, diversos anos separando o fim da análise da entrada no passe. O que pode levar alguém ao passe tanto tempo depois do fim da experiência: bem, o que essa cura nos mostrou é que é preciso, às vezes, um certo tempo para que as consequências... que estavam diretamente implicadas com o fim da experiência, se produzissem: é o tempo necessário para o passante perceber que a demanda da Escola em relação ao passe cai e não intervém mais em sua demanda de passe, que sua prática de analista modificou-se por esse fim, que sua vida mudou também de estilo, e que ela verifica isso no procedimento.

Posso acrescentar também que um sonho advindo depois do fim não é estranho à demanda de passe, sonho que verificava a queda do sentido, e deixava o sujeito fora do alcance do Outro. Foi preciso anteriormente que a queda da identificação com o pai caísse por causa de um chiste deixado por esse pai.

Esse sujeito tinha também isolado um significante particular, aquele de “cacho” em relação aos cabelos, que me conduziu, na medida em que o passante não articulava, a pedir uma volta, um cacho suplementar por intermédio do passador: fazer cumprir uma volta suplementar para obter indicações sobre o que chamamos de consequências: por aí aprendemos o que se verificou no intervalo, mas também o que resta não verificável, um “para nunca mais” que é um “para sempre” do Real que não envia a um tempo infinito mas, ao contrário, ao reencontro, se posso dizer, em todos os cantos, da necessidade de verificar, ao sabor dos reencontros com o Real. O notável desse caso reside nesse alongamento do tempo para compreender, antes de poder concluir pelo passe. E o passe se verificará, ainda, por ser o lugar de surgimento da angústia, desse afeto vindo de surpresa testemunhar que o

Real, sobrevivendo no testemunho, não parou a passante, que teve o recurso de solicitar seu passador para reduzi-la.

### **Para concluir: o não-saber e suas consequências**

Se a análise é aquisição do saber que faz sentido, ela é também o lugar onde se revela um saber sem que nenhum sujeito o saiba (o que chamamos doravante o Ics real ligado à alíngua), e ela é também o que prenuncia as consequências a partir desse ponto de não-saber irreduzível.

Na medida onde esse ponto de não-saber resta inacessível à análise, ponto de Real que, no simbólico, constitui o *Urverdrängung* e, no imaginário, alguma coisa como o “mistério [meio-calar (*mi-s'-taire*)] do corpo falante” e da vida, a questão das consequências se torna crucial:

- 1 – porque a análise muda a vida do sujeito.
- 2 – porque ela destaca a singularidade do sujeito.
- 3 – porque o procedimento proposto por Lacan para um novo modo de seleção de analistas torna a psicanálise viva enquanto experiência (ela não é esotérica) que vale a pena ser vivida e tentada, experiência única enquanto tal, na medida em que a análise permite entrar autenticamente e não mais neuroticamente no laço social.

É será preciso para o futuro falar do que a análise aporta de novo no laço social. O que é o laço social, do fato mesmo que o Outro resta Outro, radicalmente Outro, um laço social, então, que não está mais na ignorância ou na fobia do Real, mas no consentimento de que o Real mude, transforma a relação entre os falasseres.

O que é o inter-humano a partir do momento em que a análise explorou, de um lado, os horrores dos quais o homem é capaz desde os princípios da história e, de outro lado, atualizou a ligação indefectível do sexo com a morte, da vida com a morte?

O traço de humanidade é a resposta do Real, a resposta ao Real, porque frente ao Real é preciso ter resposta. O traço de humanidade está ligado à marca, à língua, é um traço ético, fundado sobre a responsabilidade sexual do sujeito. Isso a que pode conduzir uma análise, para além da evidência desse traço, é ao saber do Dizer que existe nos ditos, e para além da evidência desse traço, à experiência de uma vivência que sabe da morte, mesmo se essa não é provada.

*Tradução de Conrado Ramos*

## **Ana MARTÍNEZ (Espanha)**

### **Primeira réplica**

O texto de Albert Nguyên me permite expressar algumas questões que apreendi em minha recente experiência no dispositivo do passe.

É a segunda vez que tomo parte de um Cartel do passe, quase uma década depois da primeira, e posso dizer que, nesta ocasião me senti mais cômoda e livre na hora de intervir com os passadores e com os colegas do Cartel. Por outro lado, me pareceu que eu dispunha de uma capacidade de escuta mais ampliada dos testemunhos transmitidos pelos passadores; assim como, de um ouvido mais fino para a discriminação dos registros de enunciação. Entendo que essa diferença é um efeito dos dez anos de andamento do passe na EPFCL, um passe que vai se assentando a nível coletivo, que vai perdendo as notas de idealização e prevenção que poderia ter tido de início e vai gerando um depósito de saber vivenciado que atravessa os analistas que nele participam a diversos títulos, analistas que já começam a ser muitos.

A segunda observação se refere aos passadores. Não sou a primeira a sublinhar o impacto da extrema variedade de passadores, mas nessa ocasião me ficou muito patente que sua diferença é ordenada em torno de dois polos:

-Aqueles nos quais se prioriza a ordenação consciente do testemunho, tanto no nível do escutado do passante, como na transmissão ao cartel;

- e outros nos quais se impõe um relato não tão calculado, não muito preparado, com certa espontaneidade, mostrando sem pretensão como tem sido atravessados, tocados, pela experiência do passe, aspecto também destacado por Albert Nguyễn. Este segundo ‘modo de fazer’ do passador me parece anuir bem com a função de placa sensível, no tocante à sua suposta sensibilidade e que permitiria recolher mais amplamente os diversos registros e matizes dos enunciados e enunciações do passante. Pareceria, em princípio que esta modalidade de passador seria mais idônea para cumprir uma transmissão ajustada à experiência do passe, e assim o creio, dando condições aos membros do cartel para que sejam capazes de distinguir, ante um relato do passador impregnado de notas afetivas, entre o que é efeito/afeto de um encontro com o real do passante e o que corresponde a uma resposta afetiva própria da estrutura do passador.

Para finalizar, me referirei a alguns ensinamentos que extrai dessa experiência no Cartel do passe:

- Parece-me que no testemunho de passe que se considere poder levar a uma nomeação se deve poder escutar ou captar de modo convincente o duplo registro do inconsciente, a saber: seu lado de significação interpretável contida nos sonhos, lapsos, sintomas, mal entendidos, ou atos falhos; assim como sua dimensão real, presente nas experiências insensatas, que angustiam, horrorizam ou enigmatizam. Creio que, atualmente, pode se dar em alguns casos a tendência a valorizar unicamente o que se consideraria manifestações do inconsciente real, deixando cair as produções do inconsciente-linguagem, em sua acepção mais freudiana, o que me parece um risco ao tempo de pensar a experiência analítica.
- Por outro lado, me pareceu inovador constatar nos testemunhos escutados um trabalho, no passante, de analisante-analista, trabalho este que ele desenvolve depois do final da análise, quer dizer, depois da separação efetiva do analista. Em todos os testemunhos escutados se produziu um tempo de trabalho analítico sem o analista. Em algum deles, inclusive, foi possível escutar a conclusão de que seu final de análise se produziu depois do fim da análise com o analista. Esse tempo a mais (em que o analisante-analista continua o trabalho sozinho) me parece muito importante pelo que pode supor de autenticação da separação do Outro. Desde essa perspectiva, creio que o dispositivo do passe permite distinguir entre o uso do passe como um artefato de uma análise ainda em curso ( demanda de reconhecimento, de verificação, de separação, idealização, etc, quer dizer uma demanda condicionada) e portanto um passante ainda não separado suficientemente do Outro e um uso do passe como uma decisão livre, um fim de análise suficientemente cumprido, uma decisão vinculada a um puro desejo de transmissão, de amor a psicanálise e a sua escola. O cartel pode então concluir, como aponta Albert Nguyễn em seu texto, que a demanda de passe se produziu demasiado rápido ou demasiado tarde. Portanto, considero que apresentar a demanda de passe no tempo justo pode constituir um índice orientador acerca do ato do analista e isso é algo que o cartel pode captar.
- Quero também destacar que ao escutar os distintos testemunhos, saltam a vista, se fazem notar, aqueles que levam o selo de uma elaboração própria, original, quer dizer, aqueles nos quais a teoria psicanalítica apenas esta presente, diferentemente dos que a teoria estaria em primeiro plano orientando mesmo a construção do testemunho.
- Finalmente, também se pode distinguir entre os testemunhos que dão conta de um percurso suficiente, que pode convencer o cartel, por mostrar uma experiência analítica que atravessou de um modo ou outro os distintos registros de freudiano e laciano; e outros em que o percurso mostrado é insuficiente, porque restam zonas não expostas

que interrogam. O testemunho que convence mostra um percurso suficiente que deixa sua impressão mais na enunciação do que nos enunciados.

*Tradução de Alba Abreu*

## Patricia DAHAN (França)

### Segunda réplica

Ao contrário de meus colegas, a participação em um cartel do passe, para mim foi a primeira experiência em dezembro último. Se estava no dispositivo do passe pela primeira vez nessa posição, já tinha participado ali, no entanto como passador e passante.

Contudo este dispositivo não se limita aos cartéis, aos passadores e aos testemunhos dos passantes. Não há somente uma função de garantia na nomeação dos analistas, ele permite sobretudo a elaboração de um trabalho de Escola. É o primeiro ponto sobre o qual desejaria insistir.

#### *O dispositivo do passe permite um trabalho de Escola para além do funcionamento dos cartéis*

Dois anos antes de ser nomeada AE, tive a ocasião de reencontrar colegas de diferentes fóruns e trocar com eles, eu meço a importância da dimensão da Escola e da dimensão da internacional do passe.

O simples fato de que o passe existe permite não somente recolher os testemunhos, mas também confrontar e elaborar, a partir da experiência singular de cada um, reflexões sobre o funcionamento da psicanálise. Os testemunhos dos passantes dão conta do progresso e dos efeitos de uma análise, o que em si é muito precioso, porque é o único lugar que permite recolher uma transmissão direta da experiência, de um modo diferente das análises de caso. Os Seminários Escola organizados em diferentes fóruns estendem este trabalho que contribui para uma elaboração coletiva.

A partir do que cada um traz das elaborações feitas, representam um progresso para a psicanálise. O trabalho de comunicação dos diferentes atores do dispositivo tem efeitos na comunidade de analistas.

É por isso que além do que já pude escutar neste cartel do passe, eu gostaria também de falar do que escutei nos diferentes seminários dos quais participei e onde os colegas elaboraram um trabalho sobre suas experiências do passe. O que irei tomar aqui irá recuperar alguns pontos já evocados por Albert e Ana e sobre os quais eu gostaria de voltar, tal como a temporalidade, o *a posteriori* da análise e o *a posteriori* do passe.

Os exemplos que darei são produtos dos testemunhos recolhidos em nosso cartel e também das exposições apresentadas nos diferentes Seminários Escola os quais eu assisti.

#### *A temporalidade e o a posteriori da análise*

Há para cada passante uma temporalidade, como sublinhou Albert Nguyên. Para um é muito cedo, para outro há um tempo depois do fim da análise. Os efeitos da análise não se restringem no tempo do tratamento, nem no consultório do analista. Para um passante, seis anos se passaram, depois do fim de sua análise, durante os quais a análise continuou a produzir efeitos. Ela precisaria deste tempo antes que se apresentasse o momento oportuno para fazer o passe. Para um outro, apesar dos efeitos incontestáveis da análise, o cartel julgou que a demanda do passe chegou muito cedo. Para outro ainda a resposta do cartel permitiu ao passante, muitos anos depois do passe, compreender o sentido de sua precipitação para testemunhar.

Isto dá conta de um *a posteriori* da análise que continua a produzir efeitos mesmo se o analisante não se encontra mais com o analista. O que põe a questão da diferença entre o fim das

sessões e o fim da análise, que pode se produzir mais além do fim das sessões e mesmo além da resposta do cartel do passe, o que mostra que pode também aí ter um *a posteriori* do passe.

Existe, portanto, o *a posteriori* da análise em que podemos perceber os efeitos no cartel e nos testemunhos dos passantes, mas também o *a posteriori* do passe em que podemos perceber os efeitos nas elaborações dos Seminários Escola.

Sublinho esta distinção entre o fim da análise e, no *a posteriori* da análise, o momento de fazer o passe. Por exemplo, para uma passante foi quando não teria mais a necessidade de estar a serviço da Escola que a decisão de fazer o passe pode ter lugar. “Este tempo a mais” é um tempo onde a análise continua a ter os efeitos sem o analista.

O terceiro ponto que gostaria de abordar é o que chamarei os sonhos de passe, que alguns passantes tem relatado em nosso cartel, e que também foi discutido no trabalho dos Seminários Escola neste ano.

#### *Os sonhos de passe*

Os passantes testemunham frequentemente de um sonho correlato ao momento do passe. Para uma passante este sonho foi produzido entre a demanda do passe e o encontro com o primeiro passador. Este sonho, feito no fim de análise, revelava para a analisante sua posição de sujeito pela relação ao seu gozo e a permitiu observar com certa distância. Para esta passante o sonho colocou em evidência a passagem da curiosidade infantil ao desejo de analista, um desejo que se manifesta como desejo depois de um percurso analítico e a partir de uma perda de gozo.

Para outra passante é um sonho que ela fez antes da demanda de passe. Ela procura sua chave e não a encontra, ninguém tem a chave, mas não é mais um problema, ela se vai. Este sonho marca a queda da demanda e permite a entrada no passe.

Esses sonhos testemunham do fato de que os passantes não se fusionam mais com seus sintomas que as referenciava, que elas o podem nomear e aí fazer outra coisa que um “imbróglio”. Estes sonhos sinalizam a passagem de analisante a analista.

#### *O que o cartel pode verificar*

Como meus colegas eu pude marcar que há modos de enunciação muito diferentes dos passadores, uma convergência nos testemunhos sobre os pontos essenciais.

O que eu guardo é que o passante não teoriza seu passe, ele testemunha de sua experiência. Mas o cartel pode verificar graças à teoria que há ali efeito de análise. Os passantes testemunham de uma virada, depois de uma interpretação que às vezes pode mesmo ser exprimida sob a forma de um silêncio e pode fazer mudar o curso de uma análise. Os passantes que por vezes fizeram muitos cortes de análise sublinham a diferença entre as primeiras análises nas quais o analista exagerava no sentido e o analista que lhes conduziram ao passe pela importância dos significantes e, ao invés de dar sentido, de fato romper a cadeia de sentido.

Do que os passadores transmitem da fala dos passantes, o cartel pode fazer a diferença entre os sonhos que fizeram corte, em que a interpretação toca um ponto de gozo e os sonhos marcantes mas que não fazem corte, mesmo que se produza um alívio.

Através de seu testemunho a relação do passante com o real pode ser avaliado pelo cartel, como sublinhou Albert Nguyên. Alguma coisa se transmite ao cartel, do encontro entre passador e passante, desta relação ao real em que não se pode apreender senão fragmentos.

O que se verifica dos efeitos da análise é que o analisante não é mais pego pelo gozo. Podemos notar, por exemplo, uma passante na passagem do “isso me olha” para “isso me concerne”, ou por outra passagem da curiosidade ao desejo de analista, ou enfim da passagem do estar a serviço de outro a estar a escuta de outro. Em todos os casos, nestes exemplos, há a marca de uma separação.

O que o cartel pode também verificar é, em certos casos, o testemunho do fato que o afeto de angústia foi deixado em lugar da satisfação que marca o fim e é acompanhado de

numerosas mudanças na vida do passante. Pode às vezes uma volta a mais depois da análise ou após o passe pelo que o laço possa ser enlaçado. Mas aí só possível se no tempo de análise uma separação já tenha sido produzida na relação de gozo.

Tradução de Gláucia Nagem

## Diego MAUTINO (Itália)

### Terceira réplica

Os resultados devem ser comunicados<sup>100</sup>, é o imperativo enunciado por Lacan na *Proposição*. Por estar de acordo com esta exortação de Lacan, dou a minha réplica ao testemunho de Albert Nguyễn, tentando trazer minha “pequena pedra”<sup>101</sup> à elaboração de nossa experiência de cartel que escutou três passes e nomeou uma AE, cartel do qual tive a sorte de participar em dezembro último.

Depois do terceiro encontro internacional em Paris sobre o tema: “A Escola à prova do passe”, pudemos verificar a importância de colocar o passe no coração da Escola, em um cartel multilíngue, no qual a variedade linguística deu um impulso compartilhado à “experiência do cartel do passe”. O produto dessa experiência com muitos, no qual a dimensão do real aí está incluída, deixa um lugar ao não - saber, “ou seja, que produza saber novo a partir da ignorância, que venha banir, portanto, tanto a pretensão ao saber todo, sempre enganador, quanto ao saber autorizado, sempre abusivo. Nessa condição, um ensino que não cessa de avançar, ele mesmo, sustenta o *work in progress* de cada um, em lugar de detê-lo sobre os falaciosos *eureka* do todo-Um”.<sup>102</sup>

Concordo com os colegas que me precederam ao dizer que além de sua função para a nomeação dos analistas, este dispositivo permite, sobretudo, a elaboração de um trabalho de Escola; eu acrescentaria mesmo, a partir do que Lacan teria chamado casos felizes - eles deixam esperança: “Felizes os casos de passe fictício para formação inacabada: eles trazem esperança”<sup>103</sup>, e ainda que suas experiências concedam pouco ao ensino, esses casos contribuem, também, para a elaboração de um trabalho de Escola.

Visando a legibilidade da experiência, seguirei os quatro pontos que Lacan colocou como exergo: “[...] esta proposição implica uma cumulação da experiência, sua compilação e elaboração, uma seriação de sua variedade, uma notação de seus graus.”<sup>104</sup>

#### I. *Cumulação da experiência*

Sobre os três passes escutados, dois, entre eles, nos fizeram ter uma visão geral da perspectiva de conjunto da análise com suas diferentes fases, da entrada à saída: primeiro modo de situar um momento de passe na sequência na qual este se insere. Concordo, portanto, em dizer que toda experiência do passe está ligada ao tempo, no que concerne à transferência, ao ternário do tempo lógico, ao qual Albert acrescenta uma 4ª dimensão: “o momento oportuno”. Este momento oportuno não vem somente no fim, no momento em que o analisando se apresenta para o passe, ele vem, também, no momento da designação de um analisando como passador e, também, nas consequências sobre a comunidade da Escola. Sobre este ponto,

<sup>100</sup> Jacques Lacan, “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École”, *Répertoire IF-EPFCL.*, p. 260.

<sup>101</sup> Jacques Lacan. “[...] o que tento introduzir na minha Escola, esse passe pelo qual, em suma, do que se trata, é que cada um traga a sua pedra ao discurso analítico testemunhando como aí se entra.” Seminário R.S.I., Préliminaire, 19 de novembro de 1974.

<sup>102</sup> Colette Soler, “Ni sauvage, ni fictive”, In: *Psychanalyse, École et garantie*, “La garantie venant de l'École”, Link 6, abril de 2000.

<sup>103</sup> Jacques Lacan, “Televisão”, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 509

<sup>104</sup> Jacques Lacan, “Proposition”, op.cit. p. 260

Patrícia Dahan acrescenta que “há, portanto, o *só depois* da análise da qual os efeitos podem ser ouvidos no cartel e nos testemunhos dos passantes e, também, no *só depois* do passe do qual os efeitos podem ser ouvidos nas elaborações dos seminários da Escola.”

## II. Compilação e elaboração

1. De um passante, sujeito da associação livre, nos foi dado um vislumbre pelo testemunho de dois passadores muito diferentes. Um, impulsionado pelo sujeito dividido a tornar presente o outro termo da estrutura [a], foi induzido a assumir uma posição de analista. O outro passador traz um testemunho não de um fim de análise mas do efeito de transmissão experimentado: “O que esse passador tentou fazer passar é o que ele havia atravessado no registro dos afetos [...]” “inesquecível: experiência perturbadora [...] Ela a transmitiu para nós, ultrapassada ainda pela emoção.”<sup>105</sup> O testemunho autêntico cede à tomada do *todo*, ao qual o ato analítico tem o mérito de não satisfazer.<sup>106</sup>
2. De um outro passante, os dois passadores transmitem o início sintomático de um sujeito que, depois de uma passagem ao ato, encontra a saída da alternativa que o aprisionava com uma estratégia de esquiva assumida. Os passadores deixam assegurados os seguintes pontos: a) O primeiro analista foi o substituto de um primeiro objeto perdido do qual ele carrega alguns traços e do qual reproduziu o gesto da primeira separação; b) com o segundo analista, o sujeito passou de uma transferência de amor a uma transferência de saber. Apesar dos efeitos incontestáveis da análise, o cartel julgou que a demanda de passe teria chegado muito cedo; seria preciso verificar: se o sujeito está em uma história demasiado real ou se está enraizado, ainda, em uma idealização de sua diferença.
3. Um fim por intermédio do testemunho trazido por dois passadores bem opostos. Um, sujeito da associação livre, e o outro que transmite o relato de um passante fazendo aparecer a perspectiva da análise, seus tempos, seus giros, o traumatismo benéfico da neurose de infância, o Outro do qual o sujeito se fazia parceiro, os desejos cruzados dos quais ele trazia a marca, as fórmulas fantasmáticas pelos sonhos que permitem observar alguma coisa da junção entre a análise do sujeito e o ato analítico. O testemunho deixa assegurado que, mesmo após anos do fim da análise, isso continuou a produzir efeitos. Pela posição de certeza do sujeito, que não se confunde com a segurança declarativa mas carrega a marca do estilo próprio, aprendemos – como escreve Albert – *o que se tinha verificado, mas, também, o que permanece inverificável, um “jamais” que é “para sempre” do Real que não reenvia a um tempo infinito mas, ao contrário, ao reencontro.*

## III. Seriação de sua variedade

Neste acúmulo de experiências, casos de figuras bem diferentes podem ser colocados em série, como Lacan o indica; entre estes três, uma seriação já aparece.

1. É o sujeito tomado pela desaifização [desaification]<sup>107</sup> do discurso analítico, “no que o psicanalista encontra companhia por fazer a mesma operação. [...] é, justamente esse,

<sup>105</sup> Albert Nguyen, op. Cit.

<sup>106</sup> Jacques Lacan, “O psicanalista se faz do objeto *a*. Ele se faz, entenda-se: faz-se produzir; do objeto *a*: com o objeto *a* [...] Sentimos o ato psicanalítico ceder ao romper a captação no universal a que é mérito delas não satisfazer” *O ato psicanalítico*, Resumo do Seminário redigido por Lacan para o Anuário da Escola Prática de Altos Estudos [1968] In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 375.

<sup>107</sup> Jacques Lacan, “[...] a ideia de *todo*, ao circunscrevê-la na lógica dos quantificadores. A partir daí. talvez ele permita denominá-la melhor por uma desaifização [desaification]” *O ato psicanalítico*, Resumo do Seminário, op. cit. p. 375

com efeito, o horizonte traçado pela técnica, mas seu artifício repousa na estrutura lógica em que justificadamente se confia, pois ela nunca perde seus direitos.<sup>108</sup>

2. Deve-se verificar a permanência, talvez ainda mantida, de uma fantasia da qual ele não encontrou a chave, e em razão disto o sujeito permanece enigma, sobretudo, no que diz respeito ao passe, sobre a separação suficiente entre a causa de seu desejo e a causa analítica.
3. É a certeza de uma destituição em ato que coloca a marca do estilo próprio – um significante particular, aquele de cacho, em relação aos cabelos, que permitiu um giro, um “cacho” (*boucle*) suplementar por intermédio do passador sobre as consequências – por aí nos surgiu como uma garantia.

#### IV. *Uma notação de seus graus*

A existência do dispositivo de passe permite recolher testemunhos que – em grande variedade, como observa Ana Martinez – se apresentam em graus e posições bem diversos. Esses passantes, dos quais os três se dizem analistas e funcionam como tal, nos trazem algo da junção entre a análise do sujeito e o ato analítico? O dispositivo do passe nos permitiu, sobretudo em um dos casos, aproximar sinais muito convincentes desta junção.

Para uma notação de seus graus – por falta de Atlântida, para o passe entre Charybde e Scylla – eu acho muito útil começar pela questão: de que o analista se autoriza quando não é de seu passe? “[...] muitas observações aparentemente estranhas de Lacan tomam aí todo o seu relevo.

De início, aquele que evoca *o analista médio que se autoriza apenas de seu extravio*. Em que ele difere do sujeito barrado?”<sup>109</sup>

Depois, na experiência do cartel do passe tem nos sido possível verificar, em um outro grau: um testemunho que deixe assegurado – pela posição de certeza do sujeito, verificado, mas também com um resto inverificável –, um traço respondente do Real, ligado à uma marca em suas diferentes línguas, que não reenvia a um tempo infinito mas, ao contrário, permanece aberto às chances da contingência. A segurança de uma destituição em ato com a marca de um estilo próprio, nos pareceu uma garantia.

#### *Notas ... in progress*

Como observa Patrícia: *Só o fato de que o passe exista permite não apenas recolher os testemunhos, mas, também, confrontar e elaborar, a partir da experiência singular de cada um, reflexões sobre o funcionamento da psicanálise*. A prova do passe não é somente para o passante, mesmo se esse não teoriza seu passe e, de preferência, testemunha sua experiência; para o cartel pode se avaliar se há um efeito da análise também graças à teoria.

Estou de acordo com a observação de Albert sobre: *a extraordinária redução que permite o procedimento e que se solda por uma ou duas frases entregas pelo cartel, daí a extrema importância de ajustar, o mais possível, esse resultado à sua formulação*. Eu observo, também, que por seu testemunho, o cartel pode ter uma visão geral da relação do passante ao real, pelo afeto que responde no sujeito, havendo cernido seu inconsciente. Há uma série de nuances diversas, possíveis, da posição de entrada, o afeto de angústia, chegando ao...entusiasmo. Alguma coisa se transmite ao cartel, do encontro entre passadores e passante, dessa relação ao real do que não se pode ter senão vislumbres, sem continuidade no saber, de um traço, extraído, carregando sua marca de uma separação.

<sup>108</sup> Jacques Lacan, “No que o psicanalista encontra companhia por fazer a mesma operação. Será no nível da zona livre oferecida para esse fim no discurso? É justamente esse, com efeito, o horizonte traçado pela técnica, mas seu artifício repousa na estrutura lógica em que justificadamente se confia, pois ela nunca perde seus direitos. A comprovada impossibilidade do discurso pulverulento é o cavalo de Troia por onde entra na cidade do discurso o senhor (*maitre*) que é o psicótico. Mais uma vez, porém, como não se vê que já está feita a coleta corporal com que se deve fazer psicanalista, e que é com isso que cabe afinar o ato psicanalítico?”. O ato psicanalítico, Resumo do Seminário, op. cit.p. 375.

<sup>109</sup> Colette Soler, O tempo longo, WUNSCH 11, Boletim Internacional da EPFCL, Outubro de 2011, p. 5.

O discurso analítico faz promessa – diz Lacan –, qual é a promessa? “de introduzir o novo”, e ele avança fórmulas muito fortes, onde a solução individual passa por uma solução coletiva. Observo a junção indissociável entre o que se passa em um tratamento e o que se passa no coletivo e o passe é o único dispositivo que permite essa experiência; é por essa razão que coloquei como exergo a exortação de Lacan, dado que em todos os casos a análise e o analista se sustentam em um dizer. Daí a necessidade de uma Escola para deter o apagamento do dizer e do passe para “selecionar e garantir o que prevalece, como o dizia Lacan, “uma estruturação mais analítica da experiência”. Porque se sustenta que a experiência analítica, sede de tantas paixões, não é inefável, que uma ordem aí prevalece e que deve poder se atestar”.<sup>110</sup>

O passe como prova da Escola é, portanto, condição para que se tenha uma visão geral do ato, que na psicanálise passa por um dizer – do qual a produção, tanto quanto a manutenção, estão à mercê da contingência –, com sua prova pelo afeto: a satisfação que marca o fim, assinalando uma mutação na relação ao saber, que condiciona o ato analítico.

*Tradução de Sônia Magalhães*

**Mario BRITO ALONSO ( AE, Venezuela)**

## Quarta réplica

### Resposta ao momento oportuno

Li algumas vezes o texto de Albert Nguyên, bem como as respostas dadas sobre ele pelos meus colegas do cartel. Suas elaborações repercutiram com vários pontos acerca dos quais me questionava mesmo antes de estar nesta experiência em relação à função dos passadores e sobre a constituição de um cartel do passe; sendo, além disso, um aspecto a considerar, que esta é a minha primeira experiência em um Cartel do Passe e que não tenho nenhuma referência anterior sobre a qual fazer uma retroação, além do que previamente construí pela leitura e a experiência de ter passado pelo dispositivo do passe.

Albert Nguyên expõe bem, em minha opinião, o que recolhe naquilo que nomeia como Momento Oportuno. Momento que se interroga pelo lado do AME que nomeia um passador e momento também que marca um ponto no tempo para quem decide fazer o passe, tratando-se de que não seja nem muito cedo nem muito tarde, razão pela qual surge a pergunta formulada por ele: Existe este momento particular, este momento exato. Omito o final dessa questão que diz (existe o momento exato...) para fazer o passe?, porque o que eu me pergunto e sinceramente não sei se poderei responder agora, é se essa dimensão não nos toca a todos nós que participamos no dispositivo do passe: passantes, passadores e membros de um cartel. Assim, acredito que sendo claro sobre o que ele pretende transmitir, anexo às suas inquietudes uma elaboração minha, a saber: se poderíamos falar de um momento oportuno para aqueles que participamos como membros de um cartel do passe.

Em primeiro lugar gostaria de comentar sobre a experiência em relação aos passadores e a dimensão abordada por Albert Nguyên. A partir do lugar e posição crucial que os passadores têm no dispositivo, pude apreciar, depois de ouvir e observar a participação dos mesmos, que

---

<sup>110</sup> Colette Soler, “Ni sauvage, ni fictive”, op.cit.

não há não há uma maneira de fazer-se de passador, mas sim, existe uma possibilidade de fazer passar o que é recebido.

Esta possibilidade se evidenciou em um passador, que sendo designado para essa função no momento certo, conseguiu transmitir sem saber em demasia, apresentando um relato com certa espontaneidade e desprovido de respostas aferradas a construções teóricas, sendo, além disso, capaz de mostrar-se atravessado pelo que recebeu.

Eu diria que o passador se mostra afeta-do e o apresento assim porque pretendo dessa maneira resgatar três aspectos que considero cruciais. O primeiro referido ao que o passador procura fazer passar a partir do que foi atravessado no registro dos afetos; porque algo lhe foi revelado, algo o abala e ele o mostra com a sua singularidade e autenticidade que denota estar na brecha, que é o segundo aspecto ao qual se aponta neste trabalho. É esse momento oportuno o que representa o Dō, que na filosofia oriental faz referência ao caminho infinito do aprendiz, pelo qual o passante já passou e agora transita o passador. Ao mesmo tempo, e não posso fazê-lo de outro lugar, senão desde o que me permite a língua inglesa, esse passador também está em um do, em um fazer com isso, que o leva a elaborar não apenas um trabalho diante do cartel, mas também que o toca em seu próprio trabalho, nesse tempo de seu percurso para solucionar aquilo que parece um caminho infinito em relação ao seu final de análise.

Em segundo lugar, em relação ao passante e esse momento oportuno, eu compartilho apresentadas não só por Albert, mas também para o resto dos membros do cartel em relação à referência sobre o momento em que um analisante se compromete com o passe. De entrada a resposta é que não é possível um critério, porque falar de critérios nos refere-se a condições ou regras que permitem uma escolha, isso implicaria que a decisão de fazer o passe seria baseada em um critério. Além disso, toda condição ou regra conecta duas proposições, o que leva a uma condicional funcional de verdade ou constante lógica, o que é contrário ao que se há de escutar em um testemunho do passe. Um percurso suficientemente concluído é a autenticação da separação do Outro, como Ana Martinez comenta muito bem em sua replica.

Portanto, a partir dessa perspectiva sobre a inexistência de um critério, a única resposta que posso encontrar é que, quando se demanda um passe fora desse momento oportuno, a regra ou condição que participa da escolha faz com que o passe seja uma peça a mais de uma análise ainda em curso. Por isso, demanda reconhecimento, nomeação ou verificação e, portanto, é uma demanda condicionada.

Em vez disso, um momento oportuno está fora da demanda condicionada e o analisante pega no ar<sup>111</sup>, mas sem pressa, a escolha de fazer o passe separado do Outro. Neste caso, o testemunho revela uma singularidade do sujeito, um estilo ligado a um desejo de transmitir que denota um traço ético.

Finalmente, a respeito de ser membro de um cartel do passe e o momento oportuno, este é um aspecto que me toca particularmente e ao qual vou tentar me aproximar nesta réplica.

Antes da minha decisão de participar na eleição dos membros da CIG 2010-2012, eu estava lendo sobre a função do cartel do passe e me perguntava se era meu momento oportuno para participar. Alguns colegas me davam suas razões pelas quais consideram que eu deveria me candidatar, mas essas eram as suas razões, e seus comentários tiveram efeitos sobre novas elaborações, mas não na decisão. Eu continuava me ficava perguntando e o encerramento do processo se aproximava. Então, nessa época eu tive um sonho: Me encontro com um homem conhecido que me disse que uma companhia aérea estava à procura de comissário<sup>112</sup> (em inglês *Attendant Fly*). Ao escutá-lo me emocionei diante da possibilidade e, ao mesmo tempo eu me perguntava se era o momento e se poderia cumprir essa função. Muda a cena do sonho e me vejo caminhando muito feliz em direção a um edifício e em uma das mãos carrego um envelope<sup>113</sup> que entregaria para candidatar-me. Desconhecia o conteúdo do envelope, mas eu

<sup>111</sup> (NT) No original coje al vuelo

<sup>112</sup> (NT) Sobre-cargo em espanhol

<sup>113</sup> (NT) Cargo um sobre em espanhol

sabia que era o que eu tinha para entregar. Estando na frente do edifício olho para cima e leio o nome da companhia aérea, nome que desconhecia de entrada, o nome era: Fin-land airline

Ser membro de um Cartel do Passe também responde a um momento oportuno, que envolve a possibilidade de elaborar um trabalho individual e coletivo, onde prevalece o desejo que, sem saber, põe o passe como prova da Escola e permite a construção de uma saber. Por isso, participar de um Cartel do Passe é fazer Escola, não é ser a Escola, o que convida a estar sem egos e narcisismos.

Portanto, como no sono, cada membro do cartel escuta e pergunta a partir do envelope que carrega, mas sem saber o que ele contém; apenas está presente a possibilidade de ser tocado pela emoção do que se apresenta e ao final se alcança ler algo se desconhece na entrada.

Por último, considero que a experiência do cartel que responde a um momento oportuno permite que o desejo de saber supere até os obstáculos que pudessem apresentar-se pelas origens linguísticas de cada um dos membros e que se saia reconfortado, mais além da nomeação de um AE.

*Tradução de Maria Luíza Sant'Anna*

Você leu  
Wunsch 11 ?

Marc STRAUSS (França)

## Democracia e nomeação

Convidado pelos responsáveis de *Wunsch* para dar uma “curta réplica” de nossa escolha em seu número 11, não deduzimos de imediato que foi um tremor de terra (ainda despercebido?) em nosso campo, porém que, como jamais se está melhor servido que por si mesmo, os contribuintes são convidados a fazer valer a vivacidade no assunto.

Compreendemos, portanto, do texto de nosso amigo romano, Diego Mautino, que ele levantou uma lebre bem interessante. Da Carta aos Italianos, ele comenta uma passagem de Lacan acerca da discórdia possível em um grupo e sua solução por um voto majoritário: «...voz pró-ou-contra é o que decide a preponderância do pensamento se os pés marcam tempos de discórdia». Trata-se na circunstância do “grupo” que formam as três pessoas, o «tripé» italiano, ao qual Lacan faz, em resposta à demanda deles de criar uma Escola italiana, a proposição de serem os passadores com a EFP os membros que a constituirão se forem nomeados.

Diego demonstra com razão a posição democrática de Lacan. Não vamos colocar em questão sua assimilação da democracia à lei majoritária, pois não está na essência de seu argumento. Este último é sobretudo, em caso de discórdia, sublinhar a opção lacaniana em favor da preponderância do pensamento – sobre a força é claro; uma opção que se materializa no fato de remeter a decisão à maioria. Diego mostra com elegância que nisso se demonstra a importância do “terceiro”, da tripartição do falasser, que é única a permitir uma solução satisfatória ao impedimento da ação que provoca a discórdia. Com dois com efeito, se há discórdia, nada de lei majoritária, mas dual, em que um só pode ficar no chão, método cuja lei é a do mais forte – e não do melhor. Desse modo, a divisão do sujeito não é com efeito discórdia entre dois, mas se joga a três, dois de um lado e um do outro. E como Lacan passa da divisão do sujeito à tripartição do falasser? Diego nos lembra: à divisão do sujeito, devido a «estrutura binária da linguagem», da “bipolaridade da estrutura do discurso”, se junta o corpo, nisso que eles são bem sempre três para constituir um falasser.

Lembro aqui um outro trio bem conhecido dos leitores de Lacan, os prisioneiros de seu apólogo, que devem sair também e que, embora cada um da mesma cor, se repartem da mesma maneira, dois de um lado e um do outro, o último estando sob o olhar dos dois primeiros em lugar do objeto *a*. Porém, a diferença está entre os tempos de suspensão do apólogo que confirmam o fundamento do movimento iniciado, e o tempo de discórdia que o suspende. Portanto, nada de avanço coletivo para o tripé, mas discórdia cuja solução se obtém pelo voto. Observemos, contudo que esta solução contradiz a afirmação frequentemente emitida de uma homologia entre a lógica da certeza antecipada e a da Escola.

Que podemos dizer, então, que justifique em Lacan esta escolha democrática da solução pelo voto? Substituir a força bruta pela força do número parece antes frágil como prova da preponderância da “razão”, mesmo se inegavelmente mais civilizada. A menos que se tratasse por esta “razão” apenas de ser razoável, de não demandar o impossível, de se resignar nos limites do diálogo e se remeter enfim ao pacto mínimo de uma hierarquia dos nomes, o que parece bem pouco lacaniano... O próprio Lacan não foi excluído da IPA por um voto majoritário, o que se o seguimos daria razão a esta instituição venerável? E nós, nos Fóruns, temos aplaudido quando colegas deduzirem por um voto em que foram minoritários, que em nome mesmo da psicanálise eles deviam ir embora?

Para voltar ao trio italiano, a questão se coloca tanto mais que na prática nada impunha o voto: Lacan teria bem podido, em nome da preponderância da fala em nosso campo, optar por uma decisão unânime – lhes pedindo para debater tão longamente quanto possível para alcançar – e ao risco também que isto jamais se faça. Evidentemente, se o risco que sua proposição seja recusada é o mesmo nos dois casos, voto ou debate pela unanimidade, seu tempo não é o mesmo. Com o voto, é um tempo próximo, enquanto o debate pode durar indefinidamente sem que a questão seja decidida e sem, portanto, que se saiba se o movimento começado seja definitivamente detido ou não. Com esse funcionamento da pressa pelo voto, esse modo de colocar os sujeitos ao pé do muro, estamos novamente no terreno lacaniano conhecido.

Mas, isso não basta, em nossa opinião, para justificar dar ao número a força preponderante, e para tranquilizar aqueles que achariam nossa questão supérflua, nos contentaremos em lhes propor sua aplicação prática: nos cartéis do passe, uma decisão de nomeação deve ser tomada pela maioria (garantida porque os membros de um cartel são em número ímpar), ou pela unanimidade? A gente “sente bem” que uma nomeação de três contra dois seria perturbadora; resta dizer se não seria, no entanto, injustificada, e por quê. O eventual ajuste pela adoção segundo nossos estatutos a maioria dos membros da Escola da regra, por um cartel, da maioria dos quatro quintos poderia certamente atenuar o mal-estar, porém não resolvê-lo pela razão...

É verdade que a decisão de um cartel do passe incide sobre um sujeito em particular, e não sobre uma iniciativa institucional. E o trio, Lacan toma, com efeito, cuidado de precisá-lo, não é nem uma Escola nem a representa, é um “grupo”. O texto incide sobre a passagem de um grupo à Escola, que não pode se fazer senão pela decisão do grupo que ainda ele é.

Resta a questão, se o voto majoritário é pertinente para ir até a Escola, de saber se ele permanece tal em uma Escola, além mesmo dos cartéis do passe.

Uma outra observação, de saída aparentemente sem relação, é sugerida pelo dispositivo proposto por Lacan. Se os três querem fazer Escola, está implícito que eles têm analisando com os quais imaginam constituí-la. E Lacan propõe a cada um funcionar como passador dos analisando de seus dois acólitos. Dito de outra maneira, ele lhes propõem expor sua prática não apenas ao olhar do cartel parisiense, mas também aos dois outros, como ter um olhar sobre a prática daqueles.

“A acolitude”<sup>114</sup>, Senhora R. nos perdoará, vai sair tomar um banho de água fria com isso... E com efeito, estamos sempre tão seguros que nossa relação ao analista do passante não intervêm em nosso julgamento, pelas consequências que lhe antecipamos? A experiência histórica do “caso B.” não é sobre este ponto para nos tranquilizar...

Como, então, interpretar a “crueldade” da proposição de Lacan, senão como um teste sobre a confiança que estes três podiam se ter, além de sua ambição comum? Temos visto com a cisão dos Fóruns evocada mais acima, um voto negativo não é bom augúrio e vê-se mal como aquele dos três que se oporia à proposição poderia aceitar participar do dispositivo sendo constrangido pela simples decisão dos dois outros?

Lacan então nos teria proposto, não sem uma certa malignidade, esta solução “democrática” sabendo que ela seria irrealizável? Conhecendo o personagem, não está excluído... e poderíamos imaginar acrescentar ao longo grupo dos instrumentos de tortura inventado pelo “húmus humano”, um “tripé italiano” bem refinado, como se deve para tudo o que cai sob esta marca de fabricação de origem.

Que podemos deduzir sobre o procedimento do voto majoritário na Escola? Nada que possa justificá-lo, pois nada pode substituir a confiança. Ora, esta última não se decreta nem se contabiliza, ela se demonstra pelo acordo. Então, aqui estamos de volta à lógica coletiva dos prisioneiros, e a olhar decididamente, para dar preferência à razão, no sentido de uma decisão unânime dos cartéis – como aliás da Comissão de Habilitação Internacional (CHI) que nomeia os

<sup>114</sup> (NT) Neologismo formado com *acólito* como “*atitude*”.

AME. Constata-se que se trata nesses dois casos de nomeação. Podemos deduzir disso o que sabíamos: a nomeação não participa da democracia.

Há outras decisões da Escola que dependeriam de um voto? Nos parece que não. Por exemplo, a escolha de um tema para nossos Encontros, seu lugar, a utilização das finanças, etc., são o assunto do grupo, que a Escola não deixa de ser também. De onde o apelo encantatório nesses casos em “a Escola-tal-como-Lacan-quis” para se opor às proposições e às decisões a tomar, demonstra seus limites, senão sua distração...

Resta para concluir a questão, não da nomeação, mas da seleção por voto majoritário daqueles que estão encarregados de nomear, ou seja, os membros do CIG. O problema não está simplesmente adiado?

Não, pois este voto não é mais que a manifestação da confiança que os membros têm em alguns dentre eles, precisamente por não confundir a igualdade de uma voz contada e a singularidade da voz de um (a).

*Tradução de Jairo Gerbase*

**Carmen GALLANO (Espanha)**

## Entre o passante e o passador

(Um eco aos textos de Wunsch nº 11 sobre os passadores da psicanálise)

Para o nº 11 de *Wunsch* optei por transmitir algo da minha experiência na designação de passadores, como AME. O Convite do CAOÉ aos membros do CIG para escrever uma curta réplica aos seus textos publicados na *Wunsch* nº 11 teve o efeito saudável de me fazer ler com mais atenção esses textos dos colegas, especialmente os que haviam escrito sobre sua experiência com os passadores nos cartéis de passe. Alguns a partir do *après-coup* de terem sido anteriormente passadores. A partir das luzes que esses textos me trouxeram sobre o que está em jogo no dispositivo do passe e na função do passador - “O passador é o passe”, como diz Lacan – destacou-se para mim uma questão que estava na sombra: O que distingue o passante do passador?

Marc Strauss a examina explicitamente na leitura que faz de “Nota sobre a eleição de passadores”<sup>115</sup>. Sua recorrência a “Nota” foi esclarecedora para mim, pois a complicação dessa “Nota” reside em sua lógica circular (*boucle*), pois de um parágrafo a outro Lacan vai passando do passador ao passante de forma cíclica, sem que às vezes seja fácil saber se fala do passador ou do passante. Nesse ínterim, com efeito, ele situa a hiância entre o passador e o passante em torno da qual se desdobra a transmissão do passe. Hiância que Lacan, nesse texto curto e difícil de ler, localiza entre verdade (extraída da queixa) e saber próprio “encontrado em sua própria colheita” (*de son cru*), “construído com seu inconsciente”. Nesse ponto, bem destacado por Marc Strauss, ambos estariam na mesma conjuntura. De um lado, o passante, para, com esse corte entre saber e verdade, aventurar-se em um dizer que traga saber; de outro, o passador, para interrogar e acolher esse dizer e esse saber – deixar-se “soprar”, diz M. Strauss -, mas a partir de sua verdade singular ainda em espera “*en souffrance*”, não sem o saber de seu inconsciente.

Decidir-se como passante é um ato que, como tal, “transforma o sujeito” no testemunho que ele se aventura fazer dos efeitos de sua análise. Aceitar ser passador não o é. É um

<sup>115</sup> Nota que Jacques Lacan dirigiu a aquellos susceptibles de designar a los pasadores en 1974, publicada en Wunsch nº 11.

consentimento. Pois o ato quem fez foi o analista que o designou e a análise que se fará valer não é a sua, mas a do passante da qual se falará.

O que me interessou dos textos de meus colegas em *Wunsch* nº 11 foi isso que constitui efeito do dispositivo do passe: ao separar a função do passador e do passante, nada é suficiente para distinguir o que na análise de cada um pode situar o passante “um passo a frente do passador” (M. Strauss). Esse passo a frente, ele não o situa em relação a um maior saber do passante, é o que se lê na “Nota”, na qual Lacan postula no passador um saber não menor que o do passante.

Pergunto-me se esse movimento circular (*boucle*) através do qual Lacan na “Nota” vai passando do passante ao passador, e sem confundi-los, não é isso que o havia levado um ano antes, em outra nota, a “Nota italiana”, a dizer que “a marca do analista por algum lado de suas aventuras”, “encontraria os seus congêneres de saber”. Os “congêneres” do passante (ler a respeito o que diz Albert Nguyễn em seu texto) no dispositivo de passe seriam os membros do cartel? Os passadores? Os dois?

Em qualquer caso, o que faz uns e outros “congêneres” não é um saber de suas próprias análises, porém “saber” reconhecer nas aventuras de uma outra vida movidas por uma análise a marca de um “desejo de saber” emergente desse sujeito em sua aventura analítica.

Na “Nota”, Lacan não faz alusão ao passo para o real no qual pode emergir em um analisante esse desejo de saber no encontro com o insabido irreduzível no Outro – S de A barrado – e o insabido do ser do sujeito em seu fazer desejante e gozante com o núcleo real e significante de seu sintoma, liberado das travas fantasmáticas que esperavam o beneplácito do Outro.

Assim, M. Strauss conclui que a diferença entre passante e passador não está em quem sabe mais ou menos que o outro, mas “nas consequências que esse saber tem para o sujeito, que talvez não sejam imediatas” ... “permanece a distância entre a proximidade lógica e o momento efetivo do ato, incalculável”.

Anne Lopez acrescenta em seu texto que “o passador é pergunta frente ao vazio da demanda e a ausência de garantia”. Essa pergunta é o que pode orientar sua interrogação do passante e o testemunho do que foi achado nele da mutação subjetiva que lhe haveria gerado um desejo de analista.

Pascale Leray situa o passador – e ela teve essa experiência antes de ser passante - “como aquele cujo passe clínico está ativo”. Logo, (o passador) não (está) em uma posição passiva de mero receptor, pois (é) “analisante que atravessa a experiência de um real a qual o Sujeito suposto Saber já não recobre “: “aquele que terá que reconhecer singularmente o que é seu horror de saber”.

Dominique Fingerhann examina a fundo as referências de Lacan sobre o passador e agrega uma leitura interessante sobre a ideia ampliada, ainda que não seja de Lacan, do passador como “placa sensível”, com suas ressonâncias metafóricas com a fotografia. No entanto, mais próximo daquilo que é a experiência do passe, introduz a distinção de Walter Benjamin entre dois níveis de experiência: *Erlebnis* e *Erfahrung* (p. 14 e 15). A narrativa da experiência que Benjamin define como *Erfahrung*, “é a que deixa seu traço como a mão do oleiro sobre o vaso de argila”. Certamente poderíamos aplicar ao passe essa lúcida distinção de Benjamin entre a *Erlebnis*, sensível ao “*shock*” - no qual ele vê os afetos consequentes ao encontro com o real – e a transmissão de um saber de sua experiência, *Erfahrung*, que requer para ter efeitos nos outros a passagem por uma “narração”, único modo de “ser capaz de transmitir experiências”.

Pois na transmissão do passe, o relato da análise do passante se não porta nele o lugar do encontro com o real do qual se trata no relato e suas consequência para o sujeito, por mais que nos possamos sentir comovidos, passadores e cartel, pela *Erlebnis* que o passante diz ser a sua, faltam as consequências de fazer um saber dizível desse passo para o real que ele tenha experimentado em algum ato como sujeito transformado.

Assim, Rosa Escapa distingue o “eu não penso” do passador e o do analista e situa o passador “na espera de receber uma demonstração do passante em sua historicização da análise”.

Todos esses textos dos colegas sobre o que faz um passador apontariam para um “ponto ideal”, mas, à luz do que experimentamos com os passadores nos cartéis de passe, fica demonstrado o equívoco em francês do “*point d’idéal*” que Anne Lopez cita de Lacan (p.19) enquanto a “não relação sexual”: “ponto de ideal / nada de ideal”. Ao menos o passador terá que saber vislumbrar em sua análise o destino (sino), naquilo que o passante lhe sopra.

No entanto, não há passador ideal, nem o buscamos nos cartéis de passe, senão que através disso que transmitem os passadores, com maior ou menor acerto, tratamos de captar, pescar, o que fez o passante com esse “nada de ideal” experimentado em um saber que faz do seu passo para o real algo já não traumático, mas causa de um desejo viável.

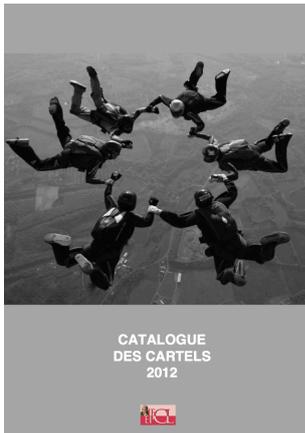
Apenas que nesse círculo de transmissão entre passante-passadores-cartel não é frequente que cheguem aos cartéis às consequências desse desejo, mais para além ou para aquém das consequências para a vida do sujeito, como passagem a um ato que comprove em seu desejo de analista, um desejo que transcenda aos interesses pessoais e que se traduzirá em seu estilo de dizer que traz em sua prática de analista a causa do desejo por resolver de cada analisante.

*Tradução de Fabiano Rabelo*

## Apresentação do Catálogo dos Cartéis

**Dominique Fingermann (pelo CAOE)**

### O Cartel faz Escola



O Colegiado de Animação e de Orientação da Escola julgou oportuno reunir num só catálogo os cartéis em funcionamento nos diferentes dispositivos de Escola das zonas da IF-EPFCL. Nós o apresentamos tal como eles foram declarados aqui e ali. Propomos, entretanto, no final deste Catálogo, uma “Ficha de Declaração de Cartel” nas cinco línguas da IF-EFCL, a fim de que a próxima atualização proponha uma versão mais homogênea deste catálogo, que facilite sua leitura e utilização.

Esse catálogo *online* figura no site da IF-EPFCL (<http://champlacanian.net/public/docu/common/ep2012CatalogueCartels.pdf>), o que permitirá sua atualização regular. Propomos também uma biblioteca de textos sobre o cartel que constituiremos com os trabalhos sobre o cartel que os dispositivos locais de Escola nos enviarão. Começamos a série com um texto recente de Sol Aparicio sobre o cartel, e outros muitas vezes citados de Rithée Cevasco, Colette Soler, Nadine Naïtali etc.

Por toda parte Jornadas, *Après-midi*, Café-Cartel etc. testemunham a vitalidade e o movimento em torno dos cartéis. Trabalhos de reflexão sobre esse dispositivo são, portanto, produzidos, e os envios das comissões locais são, então, bem-vindos!

O dispositivo é simples, a experiência é, muitas vezes, menos evidente, pois ela necessita de uma certa disposição à intranquilidade e um cuidado especial com relação ao “real em jogo na formação do analista”. Mas é, muitas vezes, um lugar onde o laço social que faz a comunidade dos “dispersos desparelhados” dá também muita satisfação, como atestam o humor e o riso que nele circulam a maior parte do tempo.

O dispositivo é simples; Lacan inventou-o em 1964, ao mesmo tempo em que a Escola, seu conceito e seus dispositivos. O Ato de Fundação dá a sua fórmula que, até hoje, funciona e faz escola: quatro se escolhem em torno de um projeto de trabalho e designam um Mais-Um. O produto desse trabalho é próprio a cada um, e deve ser declarado, exposto, posto à prova da Escola.

Função elementar da Escola à qual cada um pode fazer argumento – é um nó que se faz e se desfaz ao sabor das permutações e do qual nossos encontros locais e internacionais nos trazem as repercussões.

Bom trabalho a todos!

## VII Encontro Internacional da IF-EPFCL

### O QUE RESPONDE O PSICANALISTA? ÉTICA E CLÍNICA

6, 7 e 8 de julho 2012

Rio de Janeiro – Hotel Sofitel Copacabana

De 6 a 8 de julho, a Internacional dos Fóruns realizará seu VII Encontro Internacional! Será no Hotel Sofitel – Rio de Janeiro, que fica na mundialmente famosa Praia de Copacabana! Para prepará-lo, já temos vários Prelúdios disponíveis no site: <http://www.rio2012ifepfcl.org.br/>. Neste site também é possível se inscrever no VII Encontro ou enviar suas dúvidas, para o que também se pode utilizar o *e-mail* do Encontro: [rio2012ifepfcl@gmail.com](mailto:rio2012ifepfcl@gmail.com)

Dia 6 de julho, às 18h, a EPFCL terá seu segundo Simpósio do Passe! Antonio Quinet gentilmente ofereceu sua residência para receber os participantes que estão sendo convidados pelo Colegiado Internacional de Garantia.

Dia 9 de julho (manhã e tarde), ainda no Hotel Sofitel, Rio de Janeiro, realizaremos as Assembleias Gerais da EPFCL e a da IF.

Faltam contribuições, no nosso *site*, para o Freud *scribit* e o Lacan *dixit*: verbetes nos quais esperávamos receber dos colegas da IF-EPFCL no mundo, pequenas passagens tanto da obra de Freud quanto do ensino de Lacan, com referência ao tema do Encontro. Continuamos aguardando novas contribuições, inclusive de colegas que eventualmente não puderem vir ao Rio: seria uma maneira de participarem efetivamente dos trabalhos que aqui se realizarão.

Segue um apanhado, muito resumido, dos Prelúdios que foram encaminhados até a data da redação desta convocatória para *Wunsch*. Sua leitura transversal, que aqui faço, já indica a direção que tomamos diante da questão “O que responde o psicanalista? Ética e clínica”. Agradeço enormemente os autores dos textos e seus tradutores. Estes últimos foram incansáveis. A convocatória tem a única visada de convidar a todos para lerem cada um dos Prelúdios na íntegra! São excelentes, nas diferenças de seus estilos.

O texto de Colette Soler que inicia a série dos Prelúdios, observa que “A oferta analítica inaugurada por Freud já era, ela mesma, uma resposta ao que ele chamou de mal-estar”. “Freud responde ao ‘mal estar na cultura’ colocando em jogo um desejo do saber inédito, que ele chamou inconsciente, e inventando uma oferta nova: a psicanálise” (Diego Mautino). Resposta que se relança no ato analítico a cada passe, do qual depende, “provavelmente, a perenidade da psicanálise” (Colette Soler).

Eis a vertente política do passe! Se Freud construiu o inconsciente, Lacan construiu o passe e a Escola. Um não vai sem o outro, dois dispositivos: um “mais íntimo, no âmbito interno, visa fazer avançar a investigação do que diz respeito ao desejo do analista, sobre as vicissitudes da pulsão submetida ao tratamento analítico. O outro, externo a ela, êxtimo, visa redefinir e transmitir a clínica psicanalítica indissociável da teoria e da prática” (Diego Mautino).

Sim. O VII Encontro tem uma vertente política cuja amplitude já se mede pelo próprio diálogo-título: “O que responde o psicanalista? Ética e clínica”. É isso o que ele responde. Na pólis e na relação de cada um com a causa psicanalítica, ambas marcadas pelo sintoma que Lacan retomou de forma também política em *A Terceira* (1974).

“Quando o gozo desprazeroso do sintoma traz consigo o enigma do sentido, o real da clínica abre caminho para a experiência do inconsciente. Pois a emergência da pergunta no sujeito sobre ‘o que quer dizer este mal-estar?’ o impulsionará a querer decifrá-lo nos

significantes de sua história, aqueles que o determinaram no Outro e para o Outro”, escreve Carmen Gallano. O passe então, quando bem sucedido na Escola, “testemunha de um passo pelo real que, transformando-o, de traumático em causa de um desejo de saber, surpreende o cartel com o modo singular pelo qual um sujeito se satisfaz do fora de sentido de seu gozo e da relatividade de uma verdade de seu saber de sujeito, [para então] orientar-se nas marcas próprias de sua alíngua” (idem). Daí a questão que Carmen Gallano deixa para nosso VII Encontro: “de que modo o dizer do analista, que parte de sua relação com o real do inconsciente, com um real que não é o da clínica, pode incidir nos diversos avatares que levam o analisante a padecer do real de um gozo; gozo que não entra em seu desejo e que produz o benefício de uma satisfação subjetiva desse analisante?” (idem).

A psicanálise disponibiliza “um dispositivo que, acolhendo a co-respondência entre o sujeito e o Outro, permitirá a escrita de uma carta (letra) que não seja mais uma « roubada »” [...] “O analista, com seu ato, responde com 'a equivocidade pela qual cada *alíngua* se distingue'[5]. Assim, se a resposta do analista – radicalmente original na civilização – resgata por um lado a correspondência extraviada entre o sujeito e o Outro, é tão somente para embaralhar suas letras esvaziando seu sentido. É a prática do analista que 'deve dar conta de que haja cortes do discurso tais que modifiquem a estrutura que ele acolhe originalmente' [6]. Eis a po(ética) do ato analítico”, observa Ana Laura Prates Pacheco. Resposta “feita de dizer”, como escreve Gabriel Lombardi em seu Prelúdio já publicado também em *La Lettre Mensuelle*, para mover aquele que se endereça a um psicanalista a partir do que, com Vera Pollo, se identifica como “demanda de dizer”: “enunciação da regra analítica. Ao enunciá-la, o analista testemunhará até onde chegou em sua própria análise [...] que leva o sujeito a se confrontar] às três dimensões do impossível: no sexo, no sentido e na significação” (Vera Pollo). Jairo Gerbase especifica: se “o analisando fala, o analista diz”. “O analisando, ao falar, diz mais do que quer dizer, e o analista, ao ler esse mais, corta” (idem). E se “o real não pode ser dito, a não ser em ato [então compreende-se em que medida Lacan afirmou:] 'trabalho no impossível de dizer', isto é, na dimensão do real, do ato” (idem).

E nisso também o VII Encontro tem uma visada política. “A psicanálise, por ser mais um elemento da trama sociocultural, não está isenta dos efeitos subjetivos da época” (Florença Farias). Pois como muito bem observa Leonardo Rodriguez, “nestes tempos em que a psicanálise é objeto de ataques sinistros, difamatórios e carregados de ódio, e de avaliações pseudo-objetivas de sua eficácia terapêutica, avaliações que chegam à conclusão de que a psicanálise não é de forma alguma útil para o tratamento de estados patológicos e tragédias humanas (definidas estas últimas de acordo com categorias pseudocientíficas...)”, “nossa resposta é um ato, e enquanto tal deve ser administrada *responsavelmente*: não é por nada que *resposta* e *responsabilidade* compartilham a etimologia”. Assim, “O discurso do analista é um discurso de urgência em que *é o dizer que socorre*” (Michel Bousseyroux), muito ao contrário do que se veicula, que a psicanálise não responde em casos de urgência. Como “satisfazer esses casos de urgência da demanda? Pelo corte da interpretação, o único capaz de produzir o dizer da demanda a partir do que se reproduz na transferência” (idem). “O que responde na transferência é o desejo do analista, 'desejo de obter a diferença absoluta', [...] que se encontra ao atravessar a angústia, ao enfrentar riscos que espreitam o seguimento do desejo indefinidamente” (Jesus Mansilla Navarro). “Um-dizer, por se saber Um-todo-só”[8], sozinho a testemunhar a existência do real. É a esta existência do real que o analista tem o dever de responder” (Dominique Fingermann), dito de outro modo, “a resposta do psicanalista deve ser tal que o Real possa ser atingido” (Albert Nguyen). “Responder é responder a um outro dizer, é um dizer à altura do Outro; o Dizer toma a medida da alteridade e daí sua unicidade (*unicueness*) toma posição” (Dominique Fingermann). Diante da urgência subjetiva, o “psicanalista é este de quem um analisante pode dizer: ‘com ele, eu encontrei alguém a quem falar’, e vocês bem sabem, a expressão em francês quer dizer que aquele que lhe escuta responde na bucha [a du répondant]” (Albert Nguyen). Assim, “o 'Dizer que Não' do ato e da interpretação rompe o semblante da

verdade fazendo uma volta a mais, um novo laço com o Real do qual ele sinaliza o furo: o Dizer faz corte e faz nó [...] uma chance de Um Dizer [*Un Dire*] de outro modo” (idem).

“A 'não toda resposta' do analista deixa um espaço por fora do que se enoda no particular laço social e assim, faz ex-sistir o conjunto vazio, o transfinito de Cantor, a incompletude de Godel, o elemento paradoxal de Russell [4] etc., os diferentes recursos que usou Lacan para representar um vazio demarcado, que é o lugar do objeto, a pulsão e o gozo. Não é um infinito ilimitado, o vazio que se desenha em cada volta da cadeia dos ditos se unirá ao lugar da falta que fielmente custodia o analista e que permitirá a experiência do real na análise. Poderíamos cunhar um matema “□ R” (Resposta Barrada), como moeda de circulação interna para o VII Encontro no Brasil, que dê conta da Resposta não-toda, que torna possível uma análise” (Susy Roisin). “Há uma equivalência entre a posição do artista e a do analista em relação ao ato criador e ao ato analítico; é a *aporía do ato*, como a chama Lacan, na qual o objeto é ativo e o sujeito subvertido. É na estrutura do equívoco, pontual e evanescente, que o psicanalista *deve encontrar seu ato e a hiância que faz sua lei*” (Patricia Muñoz).

“A psicanálise conta com poderosos recursos para subverter o determinismo alienante. Corremos o risco de não saber oferecer nossa escuta aos casos clínicos que escapam a nossas fórmulas clássicas. Ela tem os meios para incidir sobre a modalidade do discurso que aprisiona o sujeito, para restituir a este sua dimensão ética, e é sua responsabilidade 'não se acomodar na sua poltrona' e poder responder” (Florencia Farias). “Se quisermos fazer um elogio ao psicanalista [que não se acomoda em sua poltrona] ‘essa figura nascida da obra de Freud’ [1] deveremos falar da qualidade de sua presença” (Sol Aparicio). “Saber ser ali” (Juan Guillermo Uribe).

Rio de Janeiro, 22 de maio de 2012.

*Sonia Alberti*

Presidente do VII Encontro da IF-EPFCL

# Sumário

## Editorial

por Ana Martínez Westerhausen 02

## A Escola à prova do passe

### Mesa-redonda O discernimento do passador

Colette Soler (França), <i>O passador</i>	03
Elisabete Thamer (França), <i>O discernimento do passador</i>	05
Frédérique Decoin-Vargas (França), <i>O discernimento do passador</i>	08
Béatrice Tropis (França), <i>Passador de testemunhos... passando efeitos</i>	12
Trinidad Lander Sanchez-Biezma (Espanha), <i>O passador simples escreva</i>	16

### Mesa-redonda A aposta do A.M.E. e suas consequências

Carmen Gallano (Espanha), <i>A aposta do A.M.E. e suas consequências</i>	18
David Bernard (França), <i>Da(s) Experiência(s)</i>	20
Patricia Muñoz (Colômbia), <i>O A.M.E. é responsável pelo progresso da Escola</i>	23
Bernard Nominé (França), <i>Sobre o A.M.E</i>	23

## Ecoss do Terceiro Encontro Internacional 28

### Réplicas dos dispositivos locais

Antonio Quinet (Brasil), <i>Sobre o A.M.E. em nossa Escola</i>	31
Rosa Roca (Espanha), <i>Um breve comentário</i>	31
Ana Alonso e Maria Luisa de la Oliva (Espanha), <i>Algumas considerações sobre o A.M.E.</i>	33

## A análise: fins e consequências

Albert Nguyên (França), <i>A Escola à prova do passe</i>	36
Colette Soler (França), <i>O fim, os fins</i>	38

### Contribuições dos A.E.

Marcelo Mazzuca (Argentina), <i>O analista analisante</i>	43
Cora Aguerre (Espanha), <i>O advir do sintoma</i>	46

## Trabalhos dos cartéis do passe

### CARTEL 1

Marc Strauss (França), <i>Se fazer ouvir, ou a marca de suspensão do singular</i>	51
Dominique Fingermann (Brasil), <i>O que faz diferença?</i>	56
Rosa Escapa (Espanha), <i>Faltar de outro modo ao real</i>	60
Pascale Leray (França), <i>O passe e o real</i>	63
Anita Izcovich (França), <i>Efeitos de corte</i>	65

### CARTEL 2

Anne Lopez (França), <i>Ecoss e rastros</i>	67
Luis Izcovich (França), <i>Os dispersos desparelhados</i>	69
Patricia Muñoz (Colômbia), <i>Efeitos do dispositivo do passe</i>	73

### CARTEL 3

Albert Nguyên (França), <i>Boas surpresas</i>	76
Ana Martínez (Espanha), <i>Primeira réplica</i>	80
Patricia Dahan (França), <i>Segunda réplica</i>	82
Diego Mautino (Itália), <i>Terceira réplica</i>	84
Mario Brito Alonso (Venezuela), <i>Quarta réplica</i>	87

**Você leu Wunsch 11 ?**

Marc Strauss (França), *Democracia e nomeação* 90

Carmen Gallano (Espanha), *Entre passante e passador* 92

**Apresentação do Catálogo dos Cartéis**

Dominique Fingermann (Brasil), *O Cartel faz Escola* 95

**VII Encontro**

96

**Internacional da IF-EFCL**

Sonia Alberti (Brasil), *O que responde o psicanalista? Ética e clínica*

*Wunsch 12 foi editado pelo CAOE 2010-2012*

composto por :

Dominique FINGERMANN

Ana MARTINEZ

Patricia MUÑOZ

Albert NGUYÊN

*Diagramação*

Cícero OLIVEIRA

*Tradutores*

Alba ABREU – Ana Claudia FOSSEN – Ana MARTINEZ – Andrea BRUNETTO – Andrea DELL’UOMO – Angela MUCIDA – Annalisa BUCCIOL – Anne-Marie COMBRES – Antonella SCARPELLI – Antonia IMPARATO – Armando COTE – Bela ZAJDENFISZ – Bittori BRAVO – Carmine MARRAZZO – Cecilia RANDICH – Celeste SORANNA – Cícero OLIVEIRA – Claire PARADA – Clara MESA – Claudia DOMINGUEZ – Conrado RAMOS – Diego MAUTINO – Dominique FINGERMANN – Elisabete THAMER – Elisabeth ROCHA MIRANDA – Elisabeth SAPORITI – Elisabetta MATTARELLI – Fabiano RABELO – Fernando SILVERIO ALVES – Flavia TAGLIAFIERRO – Francesca VELLUZZI – Fulvio MARONE – Gaetano TANCREDI – Glaucia NAGEM – Graça PAMPLONA – Gracia AZEVEDO – Gustavo RESTIVO – Irène GARRABÉ – Iris SANTANA – Isabella GRANDE – Ivan VIGANÒ – Jairo GERBASE – Lia SILVEIRA – Lidia HUALDE – Lina VELEZ – Luis Guilherme COELHO – Lydie GRANDET – Marcel VENTURA – Maria Domenica PADULA – Maria Eugenia COSSUTTA – Maria Luisa SANT’ANNA – Maria Teresa MAIOCCHI – Maria Vitoria BITTENCOURT – Maricella SULBARAN – Maruzania DIAS – Nathalie DOLLEZ – Paola MALQUORI – Patricia GAVILANES – Patricia MUNOZ – Patrizia GILLI – Paulo RONA – Roberta GIACCHÉ – Rosa ESCAPA – Sandra BERTA – Silvia BUSNELLI – Sonia MAGALHÃES – Tereza Maria RAMOS DE OLIVEIRA – Valérie CAPDEPONT – Vera POLLO – Vicky ESTEVEZ – Zilda MACHADO

